

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA**

**ADRIELLY VAZ DOS SANTOS**

**PRAÇA DA MATRIZ: IMAGEM, MEMÓRIA E SOCIABILIDADE**

**MANAUS  
2015**

**ADRIELLY VAZ DOS SANTOS**

**PRAÇA DA MATRIZ: IMAGEM, MEMÓRIA E SOCIABILIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Selda Vale da Costa.

**MANAUS  
2015**

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S237p Santos, Adrielly Vaz dos  
Praça da Matriz : imagem, memória e sociabilidade / Adrielly Vaz dos Santos. 2015  
120 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Selda Vale da Costa  
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Praça da Matriz. 2. Manaus. 3. Espaço Público. 4. Relações Sociais. I. Costa, Selda Vale da II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

A Deus, Meus Pais, Endel Passos, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elizabeth Filippini e a todos que, direta ou indiretamente, imprimiram suas marcas neste estudo.

## AGRADECIMENTOS

A pesquisa é um processo dotado de um extenso número de contribuições, resultando em uma ação coletiva voltada para a construção de um estudo. Aqui, agradeço a todos que colaboraram forma direta ou indireta para a realização desse trabalho. Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida e pela infinita misericórdia, com qual me agracia todos os dias permitindo, inclusive, a concretização desse estudo. Aos meus pais, Almir e Maria Santos, por terem abdicado e sacrificado tanto de si mesmos em favor de me proporcionar uma educação de qualidade e por serem verdadeiros anjos em minha vida, espelhando sempre amor, dedicação, tolerância e compreensão.

Aos professores do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia pela formação que me proporcionaram, em especial à minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Selda Vale da Costa, fundamental com suas intervenções precisas e críticas preciosas. Agradeço pelas muitas horas de leitura, discussão dos capítulos e, principalmente, pela confiança depositada nesse estudo. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela concessão da bolsa de estudo que me permitiram realizar o mestrado e desenvolver essa pesquisa. Aos funcionários da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (IMPLURB) e Museu Amazônico pelo apoio prestado.

Aos companheiros de Mestrado, grupo cultural e academicamente diversificado, com quem dividi alegrias, convivências e debates no espaço do encontro de saberes proporcionados pela Universidade Federal do Amazonas. Em especial, à Taciana Lima, companheira intelectual a quem compartilhei as idéias que alimentaram esse projeto. Aos amigos de longo tempo que acreditaram em mim e, de muitas formas e em vários momentos, foram cúmplices nesse trabalho: Anne, Daniele, Eder, Jordana, Marcus, Priscila, Samir e Vanessa, a vocês também dedico este estudo e agradeço pela amizade, compreensão, palavras de incentivo e estímulo.

Agradeço ao grupo de entrevistados, que enriqueceram esse trabalho com suas vivências e sem os quais não teria enveredado pela história da Praça da Matriz: Aos senhores Marcos Correia Lima e Elizabeth de Pádua, pela paciência, interesse e disponibilidade em me apresentar seus respectivos acervos fotográficos. Aos fotógrafos da Praça da Matriz, Fernando Pantoja, Cláudio Araújo e Erisen Silva, profissionais informais que vem labutando há anos nas dependências da praça em estudo e que lutam diariamente para manter vivo o seu ofício.

Agradeço também aos docentes Maria Evany do Nascimento e Otoni Mesquita, bem como aos senhores Raimundo Nonato Pereira e Aldrim Almeida, pelas histórias compartilhadas durante as horas de entrevista. À Gisella Braga, por disponibilizar fotografias de seu acervo pessoal para a ilustração deste estudo, meu muito obrigada.

Por fim, estendo meus agradecimentos a duas pessoas que contribuíram de forma especial nesse processo: A Elizabeth Filippini, responsável pela minha incursão no campo da pesquisa, agradeço pelo acompanhamento criterioso desde o período de graduação na Universidade do Estado do Amazonas, que extrapolou a relação formal entre orientadora e orientanda. Seu apoio e contribuições amenizaram as tensões pertinentes à escrita e produção desse estudo. Endel, nessas páginas não caberiam palavras para agradecer por todo carinho e apoio durante essa jornada: obrigada por sua dedicação, pelas inúmeras horas em que ouviu meus devaneios e por ser o meu maior incentivador. Dedico essa dissertação integralmente a vocês.

“A praça! A praça é do povo  
Como o céu é do condor  
É o antro onde a liberdade  
Cria águias em seu calor!”

*O povo ao poder – Castro Alves*

## RESUMO

O objetivo desse trabalho foi refletir sobre a relação entre o homem e espaços públicos nas cidades contemporâneas, estabelecendo uma análise sobre as novas formas de utilização da Praça da Matriz, espaço que por muitos anos foi voltado à sociabilidade e hoje se encontra abandonada pelo poder público e esquecida pela população. Indaga-se sobre como seria possível a população perceber e valorizar um local que vem desaparecendo com o passar dos anos, devido a constantes transformações urbanísticas. Para responder essa questão, buscou-se evidenciar a relevância sociocultural e histórica dessa praça. Primeiramente, realizou-se o levantamento bibliográfico e documental sobre a Praça da Matriz, com o intuito de compreender os diferentes papéis que esse logradouro exerceu nos últimos anos e de que maneira as transformações sociourbanas ocorrentes em Manaus nas últimas décadas do século 20 implicaram em mudanças nas relações sociais no local. Entrevistas com antigos frequentadores do Centro de Manaus foram realizadas para que, a partir do “olhar” dos entrevistados, possamos ter uma visão sobre as transformações que ocorreram no Centro de Manaus, tanto em seu aspecto paisagístico, quanto no campo das relações sociais. A pesquisa abrangeu um estudo iconográfico sobre a Praça da Matriz, através de cartões postais produzidos em diferentes momentos da história da cidade, a fim de investigarmos a finalidade de sua veiculação. Apresentamos um estudo sobre a fotografia na Amazônia, onde constam relatos de proprietários de antigos estúdios fotográficos da cidade e sobre os fotógrafos atuantes nas dependências da Praça da Matriz. A partir das discussões empreendidas nesse estudo, notamos que a inserção do capital industrial em Manaus no final dos anos 1960, desencadeou uma série de mudanças não apenas no aspecto econômico e paisagístico de Manaus, mas também no modo de uso e apropriação de espaços públicos do centro da capital por parte da população.

**Palavras-Chave:** Praça da Matriz, Manaus, Espaço Público, Relações Sociais.

## ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to think about the relationship between man and public spaces in contemporary cities, establishing an analysis about the new ways of using the Matriz's Square, which for many years was a sociability space and today is abandoned by the government and forgotten by population. Sought to highlight the social, cultural and historical significance of this square and wonders how it would be possible the population perceive and value a place that has disappeared over the years due to constant urban transformations. For this, there was the bibliographical and documentary survey on Matriz's Square, in order to understand the different roles that place exerted in recent years and how the social and urban changes occurring in Manaus in the last decades of the 20th century changed the social relations on the square. Interviews with former goers Manaus's downtown were carried out so that, from the "look" of respondents, we can gain insight into the transformations that occurred in the Center of Manaus, both in its landscape aspect, as in the social relations. The dissertation will include an iconographic study about Matriz's Square, through postcards produced in different decades of the 20th century in order to investigate the purpose of its publication. A study about the photograph in the Amazon has been done, where we will present the accounts of owners of old photographic studios of the city and the modern photographers working in the premises of the Matriz's Square. The discussions presented in this study makes us understand that the inclusion of industrial capital in Manaus in the late 1960s, triggered a series of changes not only in the economic and scenic aspect of the city but also in the use and appropriation of public spaces Manaus's downtown by the population.

**Keywords:** Matriz's Square, Manaus, Public Spaces, Social Relations.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01	Avenida do Palácio – Ano: Cerca 1890 .....	17
FIGURA 02	Avenida Eduardo Ribeiro nas proximidades do Porto de Manaus .....	18
FIGURA 03	Avenida Eduardo Ribeiro nas proximidades do Teatro Amazonas .....	18
FIGURA 04	Construção do cais do Porto de Manaus – Ano: 1902 .....	19
FIGURA 05	Postal “Manáos - ponte principal do porto flutuante” – Ano: 1909 .....	20
FIGURA 06	Lavadeiras nas margens do igarapé no início do século 20 .....	22
FIGURA 07	Vista aérea da Cidade Flutuante – Ano: 1950 .....	26
FIGURA 08	Cidade Flutuante – Ano: 1950 .....	27
FIGURA 09	Vista aérea da Praça da Matriz – Ano: Cerca 1950 .....	41
FIGURA 10	Intervenções no conjunto arquitetônico da Praça da Matriz – Ano: 1975 .....	42
FIGURA 11	Fiéis aguardando a saída da procissão do Senhor Morto na tarde de Sexta-Feira da Paixão – Ano: 1971 .....	48
FIGURA 12	Acompanhantes da Procissão - Ano: 1971 .....	49
FIGURA 13	Procissão do Senhor Morto na Avenida Eduardo Ribeiro – Ano: 1970 .	49
FIGURA 14	Aviaquário Municipal – Ano 1977 .....	53
FIGURA 15	Crianças fotografadas em um dos cavalos de madeira dos fotógrafos <i>lambe-lambe</i> da Praça da Matriz – Ano: 1966 .....	53
FIGURA 16	Praça da Matriz antes da retirada das bancas dos vendedores ambulantes – Ano: 2013 .....	59
FIGURA 17	Praça da Matriz após a retirada das bancas dos vendedores ambulantes – Ano: 2014 .....	59
FIGURA 18	Projeto de restauração do Relógio Municipal – Ano: 2014 .....	61
FIGURA 19	Projeto de restauração da Praça da Matriz – Ano: 2015 .....	61
FIGURA 20	Theatro Amazonas retratado por Felipe Fidanza .....	71
FIGURA 21	Obras no Porto de Manaus – Ano: 1901 .....	74
FIGURA 22	Festividade em Rua de Manaus .....	75
FIGURA 23	Retrato do fotógrafo Ornan Correia .....	77
FIGURA 24	Djalma Batista ao lado de Gilberto Freyre – Ano: 1964 .....	79
FIGURA 25	Cerimônia de lançamento da “pedra fundamental” do Distrito Industrial – Ano: 1968 .....	79
FIGURA 26	Pedra Fundamental do Distrito Industrial – Ano: 1968 .....	80
FIGURA 27	Fotógrafo Antônio Fernando Pantoja – Ano: 2014 .....	84
FIGURA 28	Fotógrafo Erisen Silva – Ano: 2015 .....	85
FIGURA 29	Espaço de trabalho dos fotógrafos na Praça da Matriz – Ano: 2014 .....	88
FIGURA 30	Fotógrafo Cláudio Araújo (à esq.) ao lado do irmão (à dir.) – Ano: Cerca 1990 .....	93
FIGURA 31	Fotógrafos da Praça da Matriz – Ano: 2006 .....	95
FIGURA 32	Cartão-Postal Manáos – Ano: Cerca 1860 .....	98
FIGURA 33	Cartão-Postal Praça da Matriz e Alfândega – Ano: Cerca 1900 .....	99
FIGURA 34	Cartão-Postal Jardins da Matriz – Ano: Cerca 1900 .....	100
FIGURA 35	Cartão-Postal Rua Municipal – Ano: Cerca 1905 .....	102
FIGURA 36	Cartão-Postal Praça Oswaldo Cruz e Alfândega – Ano: Cerca 1940 .....	103
FIGURA 37	Cartão-Postal Praça da Matriz e Avenida Eduardo Ribeiro – Ano: Cerca 1950 .....	104

FIGURA 38	Cartão-Postal Praça Oswaldo Cruz – Ano: Cerca 1960 .....	105
FIGURA 39	Cartão-Postal Praça da Matriz e Avenida Eduardo Ribeiro – Ano: Cerca 1970 .....	107
FIGURA 40	Cartão-Postal Avenida Eduardo Ribeiro – Ano: Cerca 1970 .....	108
FIGURA 41	Cartão-Postal Vista Aérea – Centro com Praça da Matriz – Ano: Cerca 1980 .....	109
FIGURA 42	Cartão-Postal Praça da Matriz – Manaus-AM – Ano: Cerca 1990 .....	110
FIGURA 43	Cartão-Postal Igreja de Nossa Senhora da Conceição – Ano: Cerca 2010 .....	111

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1. MANAUS: UMA VITRINE EM TRÊS TEMPOS</b> .....	<b>16</b>
1.1. AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOURBANAS NA MANAUS DO SÉCULO 20 .....	16
1.2. CIDADE E MODERNIDADE: REFLEXÕES SOBRE A EXPANSÃO URBANA DE MANAUS .....	32
<b>2. PRAÇA DA MATRIZ: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE</b> .....	<b>38</b>
2.1. A PRAÇA DA MATRIZ EM SUA HISTORICIDADE .....	38
2.2. VOZES DA MEMÓRIA: A PRAÇA E SEUS FREQUENTADORES .....	47
2.3. O USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS .....	57
<b>3. PAISAGENS URBANAS, IMAGENS QUE FASCINAM</b> .....	<b>68</b>
3.1. A FOTOGRAFIA NO AMAZONAS .....	68
3.2. OS FOTÓGRAFOS LAMBE-LAMBE DA PRAÇA DA MATRIZ .....	83
3.3. PRAÇA DA MATRIZ: UM OLHAR ATRAVÉS DOS CARTÕES-POSTAIS .....	96
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>117</b>

## INTRODUÇÃO

As praças de Manaus sempre representaram parte importante da minha infância: recordo-me quando costumava frequentar esses locais durante os fins de semana, seja para brincar ou tirar fotografias. Com o passar dos anos, esse hábito foi se perdendo devido à situação precária em que muitos desses espaços passaram a se encontrar. Além disso, outro fator que influenciou nesse afastamento foi o surgimento dos primeiros shoppings centers na cidade de Manaus durante a década de 1990, que ofereciam maior comodidade e segurança. Com isso, observa-se uma mudança no papel das praças durante os diferentes momentos de transformações das cidades contemporâneas e, a partir dessas mudanças, a sociedade passou a estabelecer uma relação diferente com esse espaço público.

Vale ressaltar que as praças não devem ser pensadas como um objeto isolado, e sim, como um elemento intrínseco à cidade. Aqui, a praça é tomada como um símbolo da paisagem urbana, ou seja, um lugar público que expressa os ideais de uma comunidade. Um exemplo de espaço público que carrega em sua história esse simbolismo é a Praça da Matriz, localizada no Centro de Manaus. Esse logradouro desenvolveu-se juntamente com a cidade de Manaus e, assim como a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, encontram-se presentes nas obras de autores, tanto do meio acadêmico quanto fora dele, que se dedicaram a retratar os acontecimentos sociais de Manaus, tornando evidente a importância desses espaços para o cidadão.

Outra característica que singulariza a Praça da Matriz das demais praças do Centro da capital é a sua relação íntima com a fotografia, através da presença de fotógrafos, profissionais que registraram e presenciaram as mudanças que aconteceram nesse espaço no decorrer dos anos. Além disso, o local abrigou o público que visitava o Aviaquário Municipal e também era palco para eventos culturais, evidenciando-se como um espaço voltado para a prática da sociabilidade entre os habitantes de Manaus, por ser um local importante e diferenciado no contexto sociourbano da capital. Por essa razão, esse estudo visa estabelecer uma reflexão acerca das novas formas de ocupação e apropriação da Praça da Matriz, a fim de compreender de que maneira essas transformações interferiram nas relações sociais entre os habitantes da capital e esse espaço público.

No entanto, esse trabalho não apresenta um estudo histórico da praça ao longo de sua existência, sendo necessário estabelecer um recorte temporal para aprofundar as discussões sobre o elemento urbano Praça da Matriz em seu caráter simbólico. Por isso, contemplamos e

projetamos nossas atenções o intervalo dos anos 1950 a 1970, tendo como marco específico para a delimitação temporal a criação da Zona Franca de Manaus em 1967, momento em que a cidade de Manaus atravessou um novo processo de utilização de seu espaço urbano.

Salientamos que essa pesquisa não ficará detida nesse intervalo temporal: este será o fio condutor que perpassa o estudo, pelo qual estabeleceremos uma ligação com o presente, uma vez que as indagações que nos conduziram a esse trabalho recaem sobre questões atuais, como as transformações que estão ocorrendo nos espaços urbanos e os novos modelos de sociabilidade nos logradouros públicos das cidades da Amazônia. Ao analisarmos o contexto social, histórico e urbano da Praça da Matriz durante o período estudado, identificam-se dois momentos: quando a cidade pertence aos seus habitantes, onde é possível o homem caminhar por entre as ruas e lugares, estabelecendo assim uma relação afetiva com o mesmo. O segundo momento é quando Manaus começa a apresentar um rápido crescimento sociourbano, exigindo uma reorganização de sua estrutura, o que implicou na ruptura da relação entre espaço público e sociedade.

O estudo encontra-se dividido em três capítulos: No primeiro, *Manaus: uma vitrine em três tempos*, apresentamos uma incursão aos três grandes momentos da economia local durante o século XX – ciclo da borracha, as décadas posteriores ao declínio da economia gomífera e o surgimento do capital industrial – e apresentamos as principais transformações que tais modelos econômicos imprimiram no centro da capital, tanto em seu aspecto paisagístico quanto no âmbito social. As memórias desse espaço são recuperadas a partir das obras de autores memorialistas, o que nos possibilita estabelecer um panorama sobre os vários papéis que esse espaço desempenhou durante esse século. Busca-se, assim, estabelecer uma análise reflexiva acerca do significado simbólico do Centro, enquanto espaço diferenciado dentro da cidade de Manaus. Para melhor embasarmos nosso discurso, recorreremos aos estudos sobre cidades empreendidos por Max Weber, Walter Benjamin, Anthony Giddens e Henri Lefebvre, a fim de conhecer as mudanças sociourbanas que aconteceram em Manaus no decorrer deste século enquanto fenômeno de destruição e ascensão de novas formas de sociabilidade para assim compreendermos, de forma mais aprofundada, a vida social na cidade durante os períodos estudados.

No segundo capítulo, *Praça da Matriz: espaço de sociabilidade* discorre-se sobre os principais conceitos referentes ao espaço público praça. Também estudamos, a partir de uma perspectiva histórica, o espaço da Praça da Matriz não apenas em sua concepção estética, mas também em sua forma de utilização e apropriação enquanto espaço de sociabilidade. Procuramos, no decorrer do capítulo, destacar os diferentes papéis que esse elemento urbano

desempenhou no decorrer de sua história. Para isso, recorreremos aos “olhares” de autores que desenvolveram estudos sobre o local e frequentadores antigos da praça, com o objetivo de identificar os momentos mais importantes de transformação da Praça da Matriz, a partir do contexto histórico da cidade de Manaus, para assim identificarmos o seu caráter simbólico nos diferentes momentos de ruptura e mudanças estruturais, sociais, econômicas e culturais da cidade, analisando as relações de apropriação estabelecidas pela sociedade com esse espaço. Neste capítulo, também é realizada uma discussão sobre a descaracterização física e social de espaços públicos das grandes cidades, abordando a questão da reinserção de áreas urbanas degradadas à sociedade. Aqui, apresenta-se uma reflexão crítica sobre o discurso político referente ao projeto de requalificação da Praça da Matriz e uma análise sobre sua possível reintegração enquanto espaço de lazer no Centro de Manaus.

*Paisagens urbanas, imagens que fascinam*, constitui o terceiro capítulo. Nele, estudamos a ligação da Praça da Matriz com a memória fotográfica. Inicialmente, é apresentada uma breve discussão sobre o desenvolvimento da fotografia no Amazonas, com a finalidade de embasar as futuras discussões a serem empreendidas no decorrer do capítulo. Após a elaboração desse levantamento teórico, aportamos na Praça da Matriz, onde conhecemos o cotidiano dos fotógrafos ambulantes que atuam no local. Tomou-se como fio condutor para essa discussão, as vivências desses profissionais e, a partir delas, discutimos sobre a relevância do trabalho dos fotógrafos atuantes na Praça da Matriz, a fim de compreender como essa profissão perdura nos dias atuais, mesmo perante as mudanças nas formas de utilização desse espaço público, como também devido aos avanços tecnológicos no campo da fotografia. Por fim, o capítulo contempla uma análise de cartões-postais que tematizam a Praça da Matriz em diferentes décadas, promovendo assim uma “viagem vertical” pelas imagens da praça, além de proporcionar uma percepção afetiva e estética dos monumentos e paisagens que compunham o espaço, com o objetivo de analisar se este material teria veiculado, basicamente, representações visuais da cidade de Manaus.

Para a realização dessa pesquisa, foram adotados procedimentos metodológicos específicos: fizemos uso de fontes primárias de pesquisa, como jornais da época e dos dias atuais, livros de memória e memorialistas, álbuns de fotografia, cartões-postais etc. Com isso, foi possível tecer o arcabouço teórico necessário para compreendermos as mudanças nas formas de utilização do espaço da Praça da Matriz pelos habitantes de Manaus, desde 1970 até os dias atuais. A análise dos cartões-postais foi empreendida através da seleção de uma amostra definida de postais referentes à praça em estudo produzidos em diferentes décadas do século 20. Em um segundo momento, desenvolvemos a metodologia de análise desse

material, à luz de algumas considerações teóricas. A partir dessas duas etapas, foi possível obter uma visão mais apurada sobre a representação visual que esses postais veiculariam para a sociedade da época. Também foram adotadas entrevistas com antigos frequentadores da praça em estudo, assim como fotógrafos atuantes no local e proprietários de antigos estúdios fotográficos. Optamos por um tipo de entrevista não direcionada, na qual o indivíduo foi convidado a falar sobre suas experiências de vida, memórias e informações relevantes para a construção do referencial teórico desse trabalho.

Foram levantados questionamentos pontuais no decorrer da entrevista, com objetivo de esclarecer as eventuais dúvidas que surgiram durante o processo ou como forma de estimular o entrevistado a apresentar uma descrição minuciosa sobre o fato comentado. Após a realização das entrevistas, fez-se a *transcrição literal* de todas as informações coletadas e, por fim, realizou-se a *transcrição* dos dados. A transcrição é um procedimento que consiste na transformação da oralidade para a escrita, onde são suprimidas as repetições sem significado e questionamentos sem repercussão, com o intuito de apresentar ao leitor um texto comunicável. A etapa final desse processo consistiu na inserção dos textos resultantes das narrativas no corpo do trabalho, objetivando assim estabelecer uma relação entre a temática pesquisada com o material resultante das entrevistas.

As reflexões contidas neste estudo visam compreender a relação do homem com o espaço público Praça da Matriz no período anterior e posterior ao surgimento do industrialismo em Manaus, momento que representou a inserção da capital amazonense em uma nova lógica capitalista e resultou em impactos drásticos nos âmbitos urbano, econômico, ambiental e social da cidade. Por essa razão, o industrialismo, representado pela Zona Franca, será tomada como fio condutor para as discussões e interpretações realizadas no decorrer desse trabalho.

## I CAPÍTULO - MANAUS: UMA VITRINE EM TRÊS TEMPOS

### 1.1. AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOURBANAS NA MANAUS DO SÉCULO 20

A história de Manaus aponta que até o início do período republicano a cidade ainda era a província mais distante da Corte. A imagem da cidade remetia a um povoado bucólico cravado em plena floresta amazônica, com uma população rarefeita e em condição de extrema pobreza, visto a ausência de recursos humanos para explorar suas riquezas naturais e por não apresentar um sistema comercial e agrário consolidado. No entanto, entre 1880 e 1910, Manaus atravessou uma de suas principais reformas urbanas graças aos rendimentos oriundos da exploração da borracha. Como os grandes centros urbanos expressam o estilo de vida de seus habitantes, julgou-se necessário criar uma “nova imagem” para essa Manaus que surgia, algo diferente dos relatos e histórias que foram difundidos na Europa pelos primeiros exploradores e viajantes. A cidade precisava ser remodelada e modernizada e, a partir do crescimento dos investimentos públicos, aumentava o contingente de obras voltadas para o embelezamento da cidade que, com o passar dos anos, adquiria um perfil mais urbano e moderno.

Durante o processo de recriação da imagem da cidade, Otoni Mesquita (2009) destaca o papel do Plano de Embelezamento de Manaus, empreendido pelo então governador Eduardo Ribeiro. A cidade aqui idealizada seguiu o modelo da Paris retratada por Walter Benjamin em *Paris, capital do século XIX* (1991). O autor empreende um estudo sobre as reformas urbanas implantadas por Haussmann na capital francesa. Ambos possuíam ideais urbanísticos semelhantes: Haussmann apresentava-se como detentor do “culto do belo, do bom, das coisas grandiosas, da bela natureza inspirando a grande arte, que ela encante os ouvidos ou agrade o olhar” (p.40-41), ou seja, baseava-se nos princípios de embelezamento das necessidades técnicas, fazendo delas objetivos artísticos. Já Ribeiro, executou grandes melhorias na infraestrutura urbana de Manaus, graças aos crescentes rendimentos oriundos da comercialização da borracha. Para ambos, tais reformas urbanas também possuíam fins estratégicos: enquanto Haussmann visava tornar Paris segura em caso de guerras civis, por meio de avenidas largas, que tornariam intransponível a construção de barreiras, além de novas vias que estabeleciam um caminho mais curto entre as casernas e bairros operários (p.42), Ribeiro visava remodelar o espaço urbano da capital proporcionando mudanças na qualidade de vida de acordo com as necessidades da nova demanda populacional que determinava as tendências sociourbanas na capital amazonense: a elite da borracha.

Temos no centro da capital do Amazonas a principal área beneficiada por esses serviços urbanos, que abrangiam ações de infraestrutura urbana, saneamento básico, transporte, iluminação pública, abastecimento de água, comunicação e melhorias na área portuária da capital. Tais melhorias fizeram da área central da cidade o ponto preferencial da população manauara. Dentre essas obras, destaca-se a Avenida Eduardo Ribeiro, construída em 1892, após o aterramento de alguns igarapés. O local era um espaço largo e arborizado, que assumiu um importante papel no âmbito comercial e do lazer, por serem encontrados em seu percurso os principais armazéns, lojas, ateliers, restaurantes, alfaiatarias e hotéis da cidade, os quais ofereciam todo luxo e requinte europeu e, por essa razão, a movimentação na avenida era intensa. O espaço em questão também impressionava os visitantes, uma vez que era como encontrar um retrato fiel das avenidas dos grandes centros urbanos em plena Amazônia.



HUEBNER, G. Avenida do Palácio. 1890. 1 f.



ÁLBUM DO AMAZONAS 1900-1902. Avenida Eduardo Ribeiro nas proximidades do Porto de Manaus.  
4f

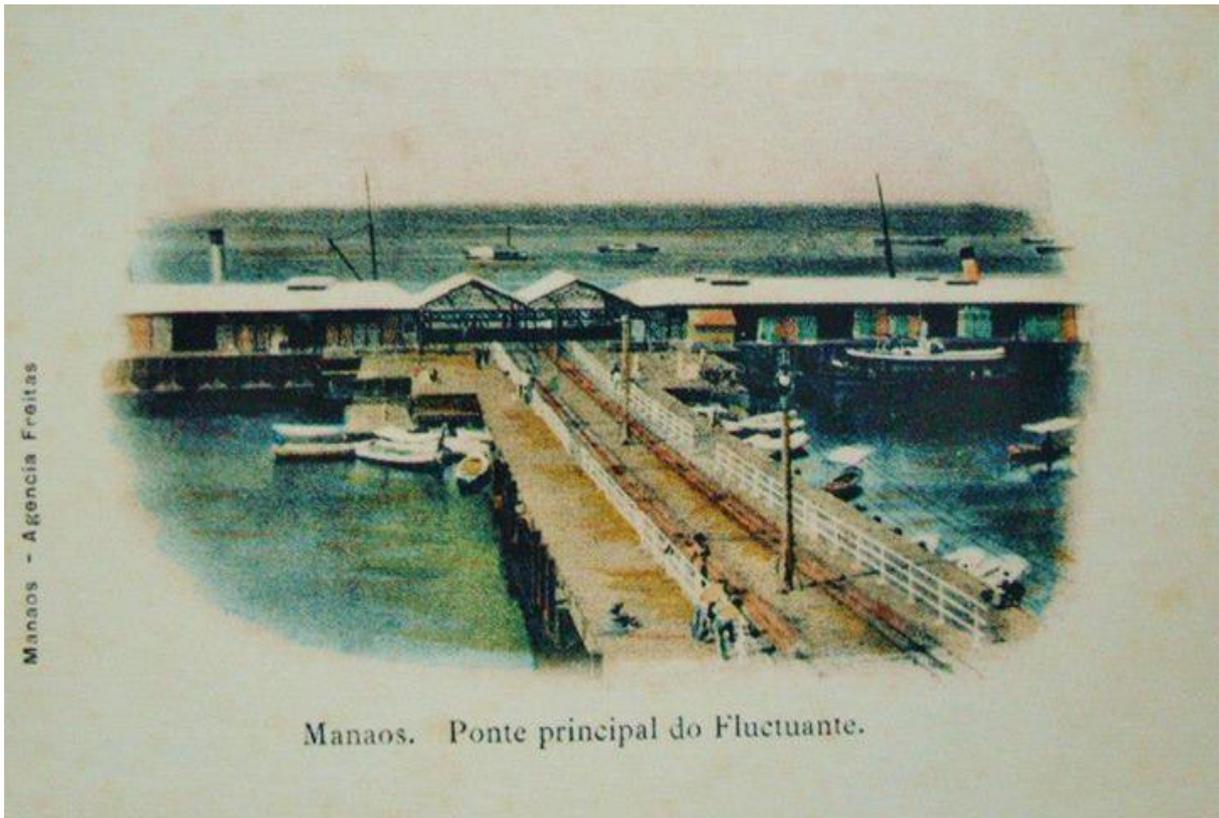


ÁLBUM DO AMAZONAS 1900-1902. Avenida Eduardo Ribeiro nas proximidades do Teatro Amazonas.  
3 f.

Outra forma de Manaus evidenciar-se no cenário mundial foi através de sua área portuária. A construção de um porto moderno era de suma relevância para assegurar o pleno desenvolvimento econômico do Amazonas. Com a política governamental que previa a reestruturação e modernização dos portos brasileiros, em 1869 fora aprovada a lei que autorizava a execução de melhorias infraestruturais no porto da capital, entretanto, somente vinte anos depois as obras foram iniciadas. A empresa inglesa *Manaos Harbour Company* foi a responsável por realizar as obras de melhorias da área portuária da cidade. O grande desafio consistia em construir um cais que permitisse a acostagem das embarcações de grande calado, em qualquer época do ano, levando em consideração as oscilações das águas do Rio Negro nos períodos de cheia e vazante. O resultado foi uma construção de grande magnitude, que contava com dois flutuantes, tidos como um dos emblemas de um estado em crescimento. Após a entrega das novas instalações do Porto, o local passou a ser uma das principais opções de passeios dominicais da burguesia manauara. As damas da sociedade, trajadas em gases e leves musselinas brancas, com chapéus e sombrinhas rendadas, respeitosamente acompanhadas por seus cônjugues, perfeitos cavalheiros vestidos de linho branco engomado, seguiam em lenta caminhada à rampa do Porto após as celebrações na Matriz, para acenar aos navios que partiam ou se inteirar das novidades dos que aportavam na capital (PINHEIRO, 2003, p.34-47).



MUSEU AMAZÔNICO. Construção do cais do Porto de Manaus. 1902. 4 f.



AGÊNCIA FREITAS. Postal “Manáos - ponte principal do porto flutuante”. 1909. 5 f.

As crescentes ações de reformas urbanas proporcionaram transformações na vida social dos habitantes da cidade. O intenso fluxo de pessoas na Manaus do início do século 20 implicou na valorização das relações sociais em espaços públicos. Com isso, as opções de lazer voltadas para a população também passaram a ser vistas como uma prioridade por parte dos governantes da época, com destaque especial às praças, que passaram a ser constantemente utilizadas para fins de lazer. O objetivo principal do poder público, no âmbito do entretenimento, passou a ser o de embelezar todas as praças do Centro da cidade. Assim, as mudanças na paisagem urbana de Manaus foram ampliadas e remodeladas, com o intuito de intensificar os usos de tais áreas. As praças da cidade passaram a contar com novos jardins, exibiam mobiliário urbano sofisticado, feito em ferro fundido, bancos e coretos, que acolhiam um seleto grupo social, especialmente nas tardes em que as bandas municipais promoviam atrações musicais. (DAOU, 2000, p.41)

Através deste breve levantamento histórico, constatamos que, durante o período áureo da borracha, a cidade de Manaus, especificamente sua área central, adquiriu um perfil mais urbano e moderno. Ao contextualizarmos o processo de modernização de Manaus durante a Belle Époque, torna-se evidente que essa nova cidade não estava sendo construída para o usufruto de todos os seus habitantes. Esse novo espaço estava sendo moldado para um

pequeno grupo que iria administrá-la. Por conta das necessidades impostas por essa classe social a cidade, antes um local comum, adquiria novas características e funções sociais dotadas de estilos de vida diferenciados. Um claro exemplo dessa nova tendência imposta pela modernidade diz respeito aos igarapés do centro da cidade. Os cursos d'água que cortavam a área central de Manaus exerciam um importante papel para a sociedade, pois havia entre ambos uma relação simbólica e afetiva, e os mesmos possuíam um importante papel no abastecimento de água da cidade. André Araújo, ao se referir à importância dos igarapés de Manaus, discorre:

Os igarapés tiveram uma importância social imensa no crescimento da cidade. Estimularam a penetração das cacimbas, das fontes, das bicas, da pesca, do abrigo às igarités e montarias, batelões e barcos, até do aldeamento das tribos que nesta zona viveram. Essa abundância de pequenas vertentes e braços contribuiu para a nucleação duradoura e fertilidade das terras, das rocinhas, dos sítios, das chácaras, dos retiros das plantações, das roças. (ARAÚJO, 1974, p. 100)

Com o remodelamento da área central de Manaus, baseado nos modelos de urbanismo europeu, os igarapés passaram a ser vistos como entraves para o crescimento urbano da capital e, com isso, foi iniciado o processo de aterramento dos igarapés. Através da Lei nº 12, de 1.º/10/1892, o poder público autoriza o aterro de vários igarapés da área central da cidade, como os dos bairros São Vicente, Espírito Santo, além do igarapé da Praça Cinco de Setembro. (DIAS, 2007, p.50). Tal iniciativa acarretou em sérias consequências, não apenas no que concerne ao aspecto ambiental mas também no âmbito social. Com o aterramento dos igarapés, de certo modo, antigos costumes da população sucumbiram ante o progresso: as lavadeiras que exerciam seu ofício nas margens dos igarapés foram perdendo o seu espaço, assim como os banhos e lavagens de animais e o uso das canoas como meio de locomoção. Assim, ao decidir por aterrar e drenar os igarapés, o Estado não apenas rompe com antigos costumes da cidade, como passa a impor medidas de cunho repressor à população – através dos códigos de postura – para que essa não venha a utilizar as águas dos igarapés. Em se tratando do aspecto ambiental, o aterramento dos igarapés interferia diretamente no aspecto topográfico e no clima da cidade: alterações climáticas e derrubadas de árvores foram algumas das mudanças no ecossistema de Manaus.



FARIAS, E. *Lavadeiras nas margens do igarapé no início do século 20*. 6 f.

Em relação às formas de utilização dos espaços públicos nessa nova Manaus que surgiu durante o século 20, observamos a imposição de novos hábitos e costumes, ou seja, a cultura local desvinculava-se das tradições indígenas e aderiu aos traços de características ocidentais. O centro da cidade é o palco principal da série de ambiguidades oriundas do novo estilo de vida da elite local o qual, conforme se consolidava, estabelecia mudanças institucionais, redefinia lugares e alterava o sentido de apropriação dos espaços públicos por parte dos habitantes da capital. Em Deusá Costa (2014, p.11), encontramos uma reflexão sobre a “Manaus ideal” e a “Manaus real”. Para a autora, essas duas cidades existiam concomitantemente e a sua principal característica era a segregação social; todavia, essa não concernia ao espaço físico, mas a visibilidade pública. A “Manaus ideal”, voltada para a elite da borracha e vitrine de uma cidade cosmopolita para os que aqui chegavam, tinha uma paisagem urbana marcada por “pequenas reproduções da Europa, sonhos da boa ganância materialista [...] uma cidade que não é verdadeiramente cidade, mas decoração, cenografia, palco ideal para a reificação colonialista. Copiando diretamente a arquitetura, a pompa e os costumes”. Já na “Manaus real”, viviam os trabalhadores e outros segmentos populares: essa, visualmente disfarçada, composta por vilas, cortiços de alvenaria, hospedarias, e casebres. (COSTA, 2014, p.112).

Portanto, podemos concluir que as reformas urbanas empreendidas em Manaus durante o período da Belle Epoque objetivaram, além da remodelação do espaço urbano, com a implantação de melhorias e um aparato tecnológico nos espaços públicos da cidade, resultando em inovações na dinâmica de utilização do espaço por parte da população surge, também, com uma nova forma de sociabilidade, regido por padrões estabelecido pelo novo estilo de vida da capital, baseado na modernidade. Logo, o perfil dos moradores deveria se adaptar à nova postura cosmopolita que tomou conta da cidade. Vale salientar, entretanto, que esse espaço criado e voltado para a nova classe burguesa também pertencia às classes populares, que o ocupavam de diversas maneiras, mas sempre de maneira oculta. Ao discutir a respeito do contraste social entre a elite e os habitantes menos favorecidos de Manaus, Ednea Dias evidencia:

Seguramente, o projeto de urbanização da Manaus do final do século XIX e início do século XX excluiu a classe trabalhadora dos benefícios da modernização, causando-lhes grandes prejuízos nas condições de viver, morar e trabalhar, no saneamento, em transportes, saúde e abastecimento. As coisas públicas, isto é, aquilo a que todos deveriam ter acesso tornou-se privilégio de poucos (2007, p. 45)

Em 1910, surgiram os primeiros indícios da crise no comércio de exportação da borracha e seu agravamento se deu a partir de 1915, uma vez que os coronéis do barranco, cuja produção ainda se encontrava baseada no regime extrativista, não tiveram como concorrer com as vastas seringueiras cultivadas na Malásia. Com isso, os mercados mundiais transferiram sua preferência para o látex produzido no Oriente, devido ao baixo custo operacional e preço mais acessível. O monopólio da borracha da Amazônia chegou ao fim em 1920, após os impactos oriundos da I Guerra Mundial. Márcio Souza (2010, p.160), ao abordar os impactos do declínio da economia gomífera para a cidade, destaca “os quadros da ruína: suicídios, debandada de aventureiros, navios lotados de arrivistas em fuga, as passagens esgotadas, famílias inteiras em mudança, os palacetes abandonados”. O autor ainda expõe que Manaus voltava a ser uma província empobrecida, abandonada, dotada do marasmo característico das cidades que vivenciaram um fausto artificial.

Nas falas de Souza, diagnosticamos o que José Aldemir de Oliveira conceitua por “o mito da cidade em crise”. Em seu livro *Manaus de 1920 a 1967: a cidade doce e dura em excesso*, Oliveira nos leva a refletir sobre a espacialidade urbana de Manaus partindo da década de 1920 até o final dos anos 1960, período histórico em que a capital é vista por diferentes autores como uma cidade imersa em uma grande crise. O autor não desconsidera a

existência de uma crise sociourbana após a queda da economia gomífera, mas também expõe ao leitor que “a cidade continuou a existir [...] como cadinhos de resistências e de experiências, como lugar das festas, das criações artísticas aparecendo como alternativas à vivência urbana”. (2003, p.13). A cidade já não vivia mais a mitologia do período da economia gomífera, com a história de acender charutos com notas de cem mil-réis. Os arrivistas mais espertos já haviam deixado a cidade, permanecendo somente aqueles que não puderam sair ou optaram por permanecer. Manaus se tornou uma cidade morna e provinciana, esquecida no coração da floresta amazônica. (LOBO, 1994, p.11).

Mais uma vez, a cidade atravessou mudanças sociais, econômicas e urbanas de caráter significativo. Essa nova cidade já não possuía a atmosfera de *vaudeville* do período áureo da borracha. Sua economia voltou-se para a atividade comercial, baseada em atividades como beneficiamento de couro, borracha, juta, castanhas, olarias etc. Embora não contasse mais com recursos financeiros vultosos para a realização de obras na cidade, devido à baixa arrecadação estadual e municipal, foram elaboradas estratégias voltadas para a manutenção e recuperação dos principais pontos da cidade, caso contrário, os esforços anteriores para a sua construção seriam perdidos por completo. A capital ainda chegou a apresentar um crescimento populacional a partir de 1940, graças à Segunda Guerra Mundial. O bloqueio aos seringais asiáticos proporcionaram um novo impulso à Amazônia, conhecido por “batalha da borracha”, período em que se atenderam os esforços de guerra dos Estados Unidos. Embora o período em questão tenha causado certa euforia devido à possibilidade de retomar com o *boom* da economia gomífera, este também foi um período efêmero e que pouco contribuiu para superar a estagnação econômica em que se encontrava a região e, novamente, o tão esperado progresso não chegou. (OLIVEIRA, 2003, p.53).

Com isso, a Manaus dos anos 1930 a 1960 pode ser vista como uma cidade “menos frenética e mais aconchegante [...] não se trata da cidade romantizada, idílica, vivendo em harmonia social, mas aquela que não havia atravessado o caminho do crescimento industrial” (AGUIAR, 2002, p.31). Na obra *Evocação de Manaus*, Jefferson Pérez nos remete a um modesto aglomerado urbano, habitado por um pouco mais de 100 mil pessoas. A cidade era dotada de todas as características de uma típica capital provinciana, onde a vida fluía sem pressa e sem sobressaltos, em um ritmo ditado pelas condições físicas, econômicas e culturais de pequena comunidade obediente a valores tradicionais (1984, p.21). Também nos é perceptível que havia uma maior sociabilidade entre os habitantes de Manaus da época aqui analisada. Através dos relatos de Thiago de Mello, vemos que os homens dessa década se utilizavam melhor do tempo que tinham disponível, o que possibilitava a realização de

eventos em locais públicos, os quais proporcionavam a sociabilidade entre os moradores da cidade.

Antes de tudo, era um tempo de tudo. Um tempo em que o tempo dava. Dava e ainda sobrava, para o que desse e viesse [...] o tempo de cada dia dava de sobra para que todas as coisas fossem feitas, cada coisa no seu tempo, sem afobação nem correria [...] falta-de-tempo foi coisa que jamais serviu de pretexto para que as pessoas deixassem de fazer o que o coração pedia. Ou de atender os afazeres de obrigação [...] Era um tempo de conversa. Tempo de diálogo. Da boa prosa e da santa conversa fiada, que sempre deixava um saldo chamado sabedoria [...] Era um tempo em que havia vizinhança. Em que o morador tinha – e se prezava muito de ter – os seus vizinhos, na melhor e mais justa acepção de pessoas que são próximas. Vizinhos não eram apenas os que moravam na casa ao lado, ao pegado, de parede-e-meia. Eram também vizinhos os que moravam em frente ou até no outro quarteirão [...] A vizinhança, na verdade, reunia e como que dava sutil parentesco a todos os moradores de uma mesma rua, que se conheciam não apenas de vista e de cumprimento: todos se falavam, todos se frequentavam [...] Os moradores sabiam transformar a rua num espaço solidário. (MELLO, 1984, p.33-35)

Contudo, vale salientar que Manaus começou a apresentar, durante esse período, vários problemas sociourbanos. Dentre eles, destaca-se o processo de periferização da cidade em outra direção que não era as periferias já existentes desde então: o rio Negro e os vários igarapés que ainda cortavam a cidade. A crise econômica gomífera atingiu o mercado imobiliário, gerando uma inadimplência nos contratos de aluguéis, visto que o trabalhador já não tinha poder aquisitivo para alugar moradias localizadas no centro da cidade. Com isso, parte desse inquilinato migrou para os subúrbios, outra parte retornou a sua cidade de origem. O contingente que permaneceu expropriado buscou por um novo espaço de vivência. Esse espaço começou a ser constituído a partir de 1920 e consolidou-se em 1960. Localizada em frente à cidade e estendendo-se até a foz do igarapé do Educandos, a cidade flutuante era composta por casas de madeiras construídas sob boias de açacu – material leve e com diâmetro largo – e contava com, aproximadamente 1.950 flutuantes, onde viviam cerca de 12.000 pessoas. (COSTA, 2014, p. 172).



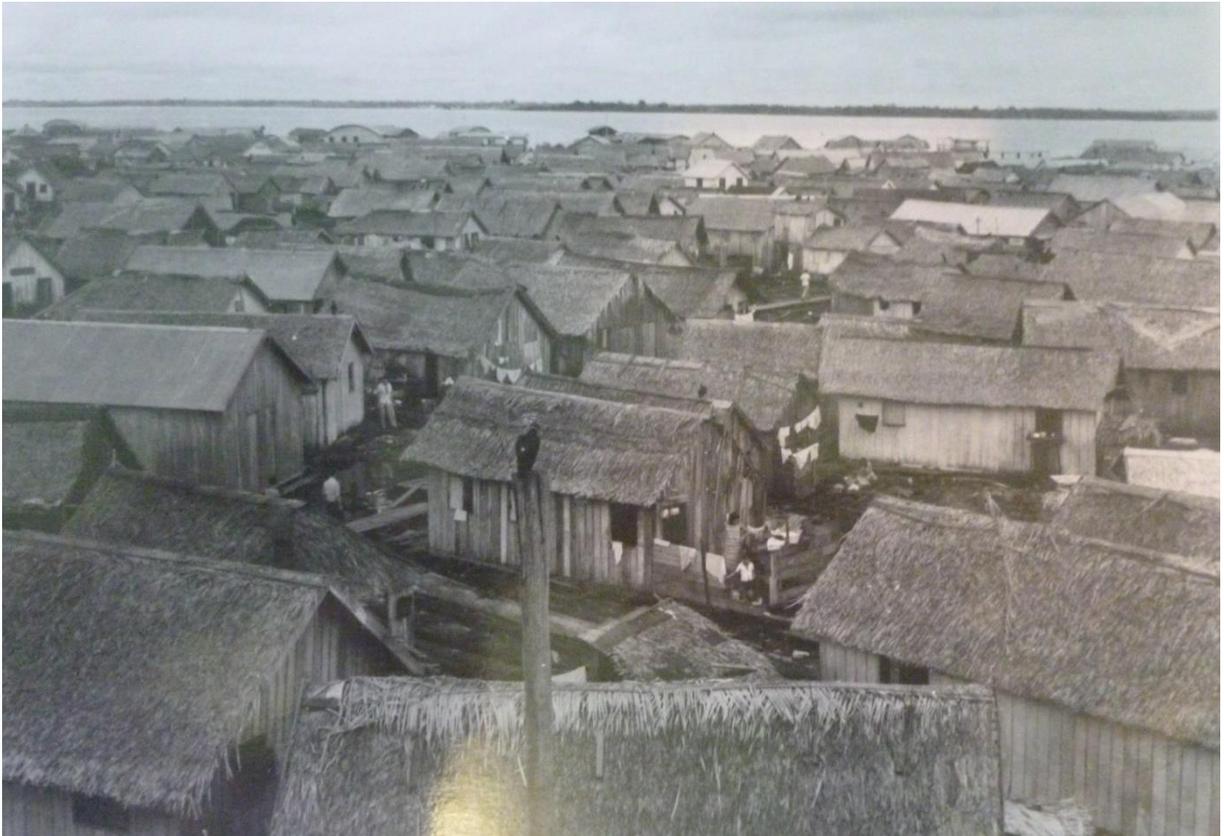
CORREIA LIMA, M<sup>1</sup>. **Vista aérea da Cidade Flutuante.** 1950. 7 f.

O sociólogo João Pinheiro Salazar contemplou a cidade flutuante como objeto de estudo em sua dissertação. De acordo com o autor, a mesma pode ser representada como a primeira favela de Manaus antes da criação da Zona Franca. Para Salazar, o surgimento da cidade flutuante é resultado da condição de vida precária e dos problemas habitacionais existentes na cidade. O local representava uma alternativa de moradia mais acessível para aqueles cidadãos que não podiam arcar com os custos de uma habitação em terra. Outro fator que influenciou na expansão da cidade flutuante é apontado por Oliveira (2003, p.79-80): por se encontrarem localizadas nas águas, essas habitações fogem do padrão de produção da moradia na perspectiva capitalista e, por conta disso, não poderiam ser consideradas como propriedades privadas. Logo, essas construções não eram vistas como mercadoria, o que acarretava em redução de custos para os seus habitantes, uma vez que não era necessário comprar as residências e pagar impostos. O aspecto arquitetônico – disposição das habitações, modelo de construção das casas, as vias de circulação etc. – da cidade flutuante era criado pelos seus próprios moradores. Era um espaço que possuía vida própria, contendo comércio

---

<sup>1</sup> Marcos Correia Lima Filho é fotógrafo e jornalista amazonense. É o autor dos primeiros registros fotográficos da inauguração do Distrito Industrial. Estendo aqui meus agradecimentos pela concessão de partes das fotografias de seu acervo para a ilustração desse estudo.

de varejo, mercearias, bares, oficinas de reparos de embarcações e motores, vendedores ambulantes, transporte de catraias, um grande contingente de lavadeiras, marreteiros, biscateiros e outras modalidades de subemprego, além de uma intensa vida noturna. (SALAZAR, 1985, p.45).



CORREIA LIMA, M. **Cidade Flutuante**. 1950. 8 f.

Logo, em se tratando de termos espaciais, o crescimento da cidade de Manaus no período correspondente as décadas de 1920 a 1960 se deu de modo menos expressivo. Todavia, é necessário analisarmos de modo aprofundado os fatos. O crescimento urbano no período da “cidade em crise” é sempre comparado com o que ocorreu durante o ciclo da borracha e, especialmente, após a instalação da Zona Franca de Manaus (ZFM), quando a cidade praticamente triplicou seu tamanho em apenas duas décadas. Conforme apresentamos anteriormente, nessa época, Manaus se tornou uma cidade essencialmente comercial e administrativa, com uma situação financeira modesta se comparada aos períodos do ciclo da borracha e da Zona Franca. Ao pesquisarmos os índices demográficos no período em questão, conforme expõe Oliveira (2003, p.116), notamos que o crescimento populacional da cidade de Manaus durante o período estudado “manteve uma média aceitável, ou seja, 2,5% anual entre 1900 a 1920, 2% de 1920 a 1940, aumentando para 3,1% de 1940 a 1950, retratando a tentativa de retomada da população da borracha ao patamar de 2,4% de 1950 a 1960”. É

notório que os índices apresentados acima são inferiores aos atingidos entre 1890 a 1910 e ainda mais baixos se compararmos com os alcançados a partir de 1970, entretanto, tenhamos em mente que o crescimento da malha urbana de Manaus é proporcional ao seu crescimento populacional e, visivelmente, impulsionado pelo seu desenvolvimento econômico. Assim, é possível compreendermos que entre 1920 a 1960, a cidade cresceu de maneira proporcional ao de sua economia, apresentando mudanças de acordo com as alterações que apresentava em quadro de poder econômico.

Por volta de 1964, Manaus já apresentava indícios de transição para outro momento histórico. O governador Arthur Reis, interessado em criar condições para a implementação de um modelo econômico industrial na capital do Amazonas, elaborou um projeto de remoção da cidade flutuante. Os moradores foram retirados à força pelos membros da Capitania dos Portos e os que possuíam maior poder aquisitivo foram realocados nos bairros Raiz e Flores. Contudo, como o número de unidades habitacionais não era o bastante para abrigar nem metade dos desalojados, esses indivíduos passaram a ocupar e formar os bairros da Vila da Prata e do Jardim dos Barés, até hoje existentes (COSTA, 2014, p.173). Aqui, começamos a notar que a pacata cidade começava a ser inserida no sistema racionalista do capitalismo industrial, perdendo seus ares de “matar o tempo” e adquirindo um perfil voltado para a produtividade.

A história da Zona Franca de Manaus começa em 1957, com um projeto de lei idealizado pelo então deputado Francisco Pereira da Silva, que propôs a criação de um Porto Livre. Dez anos mais tarde, o Governo Federal ampliou essa legislação e reformulou o modelo, surgindo assim o que ficou conhecido por Zona Franca de Manaus. Renan Freitas Pinto, em artigo publicado na revista São Paulo em Perspectiva, apresenta o modelo Zona Franca instalado em Manaus como uma estratégia que buscava evidenciar o processo de mundialização da economia em um novo nível, dentro do qual tomava forma esse novo aspecto da divisão internacional do trabalho. O Estado brasileiro adotou um modelo de desenvolvimento industrial vigente em vários países do mundo a partir da década de 1960. O Brasil já havia atravessado um amplo processo de internacionalização econômica, especialmente no setor industrial. Portanto, a instalação da ZFM na capital do Amazonas era uma das etapas de um processo que já se encontrava em curso no Brasil (1992, p.131-132). Djalma Batista (2007, p.345) afirma que uma das principais finalidades desse novo modelo econômico consistia na promoção do desenvolvimento no interior da Amazônia, tendo como base:

[...] um sistema de franquias especiais para a importação de mercadorias, materiais, matérias-primas e outros produtos destinados a seu consumo interno, à industrialização em seu território, à instalação ou operação de indústrias e serviços, à escoagem para reexportação para o exterior ou para a comercialização em outros pontos do território nacional.

A partir do que é exposto por Freitas Pinto e Batista é possível concluir que, graças ao início dessa nova atividade econômica, a vida em Manaus transformou-se de maneira radical. Dentre as vantagens oriundas do modelo Zona Franca, podemos citar o aumento no contingente de empresas em atividades na capital; aumento da receita tributária no município; estímulo ao crescimento dos meios de comunicação e da atividade turística em Manaus; estímulo na criação de cursos técnicos profissionalizantes e cursos superiores na área das ciências tecnológicas (BATISTA, 2007, p.346-350), embora não tenha sido devidamente incentivado o desenvolvimento de pesquisas científicas e tecnológicas em termos locais (FREITAS PINTO, 1992, p.133). Todavia, o modelo econômico industrial acarretou, também, em uma série de malefícios, tanto para a cidade quanto para seus habitantes. Devido a rápida instalação de empresas comerciais, lojas de artigos importados em número cada vez maior pelas ruas do centro da cidade, a chegada das empresas multinacionais no Distrito Industrial, as firmas de consultoria, institutos de pesquisas, as novas sucursais de instituições públicas, o alto contingente de turistas à procura de aparelhos eletrônicos com preço mais acessível, culminou em uma transformação devastadora na cidade de Manaus.

Um desses impactos foi a rápida expansão demográfica na capital. A oferta de cinquenta mil empregos fez com que Manaus atraísse uma grande demanda migratória. Na década de 1980, a cidade já comportava cerca de 660 mil habitantes e ainda possuía uma infraestrutura urbana deficiente, resultando na criação de várias invasões. O transporte público também consistiu em outra problemática, uma vez que as principais vias públicas de Manaus foram planejadas para um trânsito rarefeito de bondes e carros de tração animal. Jefferson Pérez rememora como era o transporte público em Manaus até meados da década de 1940:

[...] o automóvel ainda era artigo de luxo, acessível a muito poucos. A frota, que se contava por algumas dezenas [...] era constituída principalmente de modelos americanos [...] só no final dos anos 40 começaram a ser importados os pequenos Austine e Standards ingleses, ao alcance de parte da classe média [...] No cotidiano andava-se a pé ou de bonde. Este, único coletivo existente, era utilizado por todas as classes sociais [...] O bonde foi, assim, um veículo que conseguiu obter a adesão unânime da população, sem distinção de classe, sexo ou idade. Pobres, remediados e ricos; homens e mulheres; velhos, adultos, jovens e crianças, todos os utilizavam. (PÉREZ, 1984, p.23-24)

No final dos anos 1950, os bondes saem de circulação: ainda houveram tentativas de reinseri-los no cotidiano da população, mas acabaram substituídos pelos primeiros ônibus urbanos e kombis-lotação (OLIVEIRA, 2003, p.114). Após a criação da ZFM, a frota de veículos circulando na cidade aumentou drasticamente, o que exigiu por parte do poder público a abertura de vias que facilitassem o transitar dos novos automóveis e transportes coletivos, especialmente na área central da cidade. O crescimento urbano desbravou diversos espaços da cidade e a pavimentação preparou o terreno para os automóveis. Assim, o Centro de Manaus passou a ser o espaço onde homens, mulheres e carros disputavam os espaços pavimentados (AGUIAR, 2002, p.28). As colocações de Aguiar nos levam a refletir sobre um dos principais impactos do novo modelo econômico que surgiu em Manaus no final do século 20: a degradação e descaracterização da área central da cidade. A partir de 1970, mais uma vez, foi necessário atribuir uma nova imagem à cidade de Manaus: dessa vez, a cidade precisava refletir o progresso oriundo da industrialização, que necessitava atender a uma nova elite: uma elite moderna e motorizada, onde as vias passaram a ser pavimentadas apenas para automóveis, fazendo assim com que os homens sejam confundidos com os carros. Márcio Souza, ao se referir às mudanças urbanas na paisagem da área central de Manaus, afirma que esse período foi marcado pela:

[...] mesma ideologia do extrativismo: para atender a *promenade* motorizada. E assim a paisagística transforma-se em arquitetura de garagens e estacionamentos, O projeto de novas avenidas espaçosas e o alargamento de avenidas obsoletas, com vultosos dispêndios de indenizações, tomam a frente de trabalhos mais urgentes. É ainda a preocupação com o centro que norteia a reforma, como se o centro urbano já não fosse uma realidade de fato e um legado da psicologia da cidade. Mas a psicologia, hoje, pede largas avenidas para o desperdício do transporte particular, largas pistas que não saem de bairros proletários para as concentrações de trabalho, mas do centro comercial para aeroportos e pontos de escoamento de bens produzidos. Isto é, primeiro se atende os interesses da elite, facilita-se a saída de seus produtos e mesmo a sua fácil mobilização rumo ao aeroporto ou zonas turísticas, para depois, mais remotamente, atacar os seríssimos problemas de aglomeração (2010, p.185-186)

Durante o período áureo da borracha, de acordo com a explanação de Dias (2007, p.29) “a modernidade em Manaus não só substituiu a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também transforma a paisagem natural da cidade”. Já no final do século 20, os espaços públicos são substituídos por vias para tráfegos de veículos, as praças perdem suas estruturas para ceder espaço a estacionamentos, construções históricas são apagadas da paisagem urbana da cidade em nome do progresso. A Manaus que surgiu

após o advento da Zona Franca não possuía mais calçadas, nem largos passeios em mármore de lióz, com canteiros de ficus-benjamim a distribuir sombra aos transeuntes, tudo ficou no passado. O progresso imprimiu uma nova paisagem urbana: sem calçamento, onde se caminha quase sempre numa terra de ninguém, entre o esgoto a céu aberto e a pista de trânsito. Uma cidade com tecido urbano destruído, sem ruas, com edificações aparentando estar inacabadas. A Manaus pacata e provincial foi demolida pela ganância imobiliária e ficou sem capital para a reconstrução (SOUZA, 1994, p.11).

Ao compararmos o processo de urbanização promovido durante o ciclo da borracha com o que ocorreu em Manaus a partir da instalação da Zona Franca, vemos que durante o primeiro período citado, a capital consolidou-se rapidamente como centro urbano por conta de seu crescimento planejado, do desenvolvimento dos primeiros sistemas de serviços públicos (eletricidade, abastecimento de água etc), pavimentação das principais vias públicas, construção de hospitais, criação de uma universidade, entre outros benefícios. Embora fossem serviços voltados estritamente para a camada elitista, vemos que esse desenvolvimento urbano acompanhou o crescimento populacional da capital, fato esse que não se consolidou com o modelo econômico industrial. A partir das discussões de Henri Lefebvre (1991, p.03), é possível defender a teoria de que o processo de industrialização é o principal indutor das problemáticas sociourbanas encontradas no centro de Manaus e tomarmos como induzidos as consequências negativas ocasionadas por esse crescimento urbano desordenado. Assim, é possível concluir que a Manaus dos anos 1970, embora apresentasse um grande crescimento econômico, graças ao desenvolvimento das atividades industriais, acabou por não desenvolver sua estrutura urbana, o que acarretou em sérios problemas sociourbanos.

Com base nos dados apresentados, é possível ver a cidade de Manaus como uma vitrine que imprime em sua paisagem urbana o poder econômico de uma época, tendo a região central como principal área de investimentos na cidade. Nesse sentido, podemos entender que a criação da imagem de Manaus resulta de um processo articuladamente marcado por aspectos econômicos, políticos e sociais, sendo esses fatores impulsionados de acordo com a situação da economia local e por meio das atividades desenvolvidas pelos homens, o que acaba determinando o processo de modernização da cidade. Contudo, é relevante frisar que a cidade também é construída pelo grupo social. São os indivíduos que residem na cidade os responsáveis por gerir os aspectos administrativos da capital e atribuir valor simbólico e sentimental ao espaço urbano. Logo, podemos afirmar que a coletividade atribui os toques finais que constituem essa cidade, uma vez que são os homens os

responsáveis por conduzir, modelar e atribuir significado aos aspectos socioculturais de uma cidade.

## 1.2. CIDADE E MODERNIDADE: REFLEXÕES SOBRE A EXPANSÃO URBANA DE MANAUS

As cidades são espaços sociais onde se concebem as ações de interação entre os grupos sociais que ali residem. Ao tentarmos compreender o termo cidade, estabelecemos diálogo com Max Weber, através do texto *Conceito e categoria de cidade* (1979, p.68-89), na medida em que o autor busca esclarecer quais são os elementos que compõem uma cidade. Para Weber, o início de uma cidade pode ser dado através de um aglomerado de indivíduos sob a proteção de um monarca ou por meio do desenvolvimento de alguma atividade comercial ou administrativa. O surgimento de uma cidade também pode ser através da instalação de indústrias, resultando no que o autor conceitua como cidades industriais. Norteados pelo pensamento de Weber, entendemos que as cidades são capazes de assumir diversas definições nos âmbitos sociais, econômicos, administrativos e sociais. Por essa razão, é necessário compreendermos as funções da cidade de modo mais abrangente, indo além das conceituações básicas já estabelecidas. Para melhor nos auxiliar nessa empreitada, tomaremos como arcabouço teórico o conceito de modernidade apresentado por Anthony Giddens.

Ao debater sobre modernidade, Giddens (1991, p.25) chama atenção para a necessidade de compreendermos adequadamente a natureza desse fenômeno, rompendo com as perspectivas sociológicas e atentando para o extremismo dinâmico e o escopo globalizante das instituições modernas, explicando a natureza de suas discontinuidades em relação às culturas tradicionais. O autor conceitua o termo modernidade como o "estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII [...] e tornam-se mais ou menos mundiais em sua influência". (1991, p.11). Ao analisarmos as idéias de Max Weber e Anthony Giddens, encontramos relações significativas para estabelecermos nossa reflexão acerca das mudanças sociourbanas que aconteceram em Manaus durante o século 20, tanto no âmbito urbano quanto no cotidiano dos cidadãos.

Contudo, essa reflexão não tem o intuito de abarcar toda a história da cidade no decorrer de sua existência. Estabelecemos como recorte temporal o período anterior e posterior ao aparecimento do capital industrial em Manaus, tomando como marco mais sistemático para essa delimitação temporal a implantação do modelo Zona Franca em 1967. Nesse momento, a cidade é inserida em uma nova lógica capitalista, que veio a transformar

não apenas a paisagem urbana de Manaus, como também estabeleceu novos tipos de sociabilidade no que trata da relação dos homens entre si e com as mudanças que ocorreram no espaço urbano. Com isso, almeja-se estabelecer um panorama acerca do posicionamento do homem no contexto das grandes transformações sociourbanas que aconteceram em Manaus nos últimos anos.

Através das reflexões de Weber (1979, p.69-70), é possível identificarmos três diferentes cidades de Manaus no decorrer do século 20: a capital da borracha pode ser enquadrada na categoria comercial, quando sua função predominante era a negociação constante de mercadoria – no caso, a borracha – para o mercado exterior. A cidade das décadas de 1920 a 1960, com a comercialização de produtos de natureza extrativista e importação de utensílios produzidos pela indústria nacional, exerce uma função comercial mais modesta se comparada à primeira. Por fim, temos na Manaus que ascendeu com a criação da ZFM, a cidade industrial, local onde eram produzidos e comercializados diversos tipos de mercadorias manufaturadas.

Embora essas três cidades apresentem funções distintas, possuem como característica comum a sua íntima ligação com o capitalismo. Ao nos remetermos a Giddens (1991, p.25), vemos que o termo modernidade não representa o começo de uma nova era da humanidade, e sim uma forma de continuação das tendências postas em movimento por meio do processo de modernização que vem acontecendo no decorrer do tempo. Ao adaptarmos as ideias do autor à realidade de Manaus durante o século 20, é possível afirmarmos que o capital foi o elemento que movimentou o desenvolvimento sociourbano da cidade, visto que o poder econômico em cada um dos períodos citados pode ser considerado como a força motriz da modernização que transformou a face da capital, apontando novos aspectos sociais e determinando o caminhar do processo de modernização de Manaus.

O enriquecimento oriundo da comercialização do látex conduziu a elite local a criar uma cidade cosmopolita e urbanizada, caracterizada pelo processo progressivo de aterramento da memória de seus antepassados, uma vez que para a classe dominante da época os hábitos locais eram vistos como retrógrados, insalubres e antiestéticos. “Assim, a Amazônia do ciclo da borracha esquece-se dos padrões limitados do colonialismo português e entrega-se ao romantismo da aventura capitalista” (SOUZA, 2010, p.98). Com o fim do monopólio da borracha, Manaus volta a ser uma capital com um estilo de vida pacato e provincial, devido à decadência da economia extrativista. Com sua atividade econômica voltada para o comércio e as poucas oportunidades de emprego fizeram da capital, durante o período que sucedeu a

queda da borracha e ascensão do modelo industrial, um local pouco movimentado. Em André Araújo é possível ter uma visão sobre a Manaus pós-fausto.

Depois que houve a queda da goma [...] o aspecto mudou. Os portugueses ficaram, resistiram. Surgiram os sírio-libaneses, os hebraicos, os brasileiros cresceram, as funções da cidade evoluíram: panificação, bebidas, ferragens, tecidos, gêneros de primeira necessidade, calçados, papelarias, serrarias, olarias, beneficiamento de castanha, borracha, juta, couros [...] A cidade não parou, não se petrificou, não se enquistou. Não. Isso foi uma etapa de uma evolução, pois ela era um centro real da vasta bacia. Era o centro da navegação para os grandes rios navegáveis. Era o centro da aviação aérea. E seria a capital da Zona Franca. (1974, p.123)

O período em questão é marcado pela sociabilidade entre os habitantes da capital, de acordo com as narrativas dos autores memorialistas aqui estudados, que retratam em suas obras o cotidiano de uma cidade onde “os homens tinham um andar vagaroso, era macio o caminhar das moças.” (MELLO, 1984, p.33). A partir do final da década de 1960, há um salto brusco no estilo de vida da capital, que passa a ter um ritmo mais trepidante e voraz, devido ao processo de industrialização instaurado na capital. Os posicionamentos dos autores citados convergem com a discussão empreendida por Giddens sobre o industrialismo: para o autor, esse modelo econômico tornou-se o eixo principal de interação entre os habitantes da capital, que passaram a se encontrar em uma nova condição de modernidade, marcado por um ambiente físico criado devido à necessidade de controlar as manifestações sociais que poderiam ser desenvolvidas na cidade (GIDDENS, 1991, p.66).

Os impactos do processo de modernização desenfreado de Manaus podem ser refletidos nas formas de sociabilidade dos indivíduos com os espaços públicos da capital. Walter Benjamin apresenta Haussmann como o “artista demolidor”, aquele que fez a Paris do século 19 uma cidade estranha para os próprios parisienses. Em se tratando da Manaus, é possível atribuir ao processo de industrialização administrado pelo poder público manauara das primeiras décadas de implantação do modelo ZFM o mesmo adjetivo. Assim como na Paris retratada na obra de Benjamin, os habitantes de Manaus já não se sentiam em casa nessa nova cidade que emergiu graças ao crescimento industrial. Outro fator relevante que justifica esse rompimento entre os habitantes com os espaços públicos consiste no grande aumento de migrantes na capital. Por não se identificarem com os logradouros, bens culturais e tradições da cidade, esses indivíduos não lhes atribuíam o devido valor, o que resultou na descaracterização de muitos espaços da cidade, que tiveram seus ornamentos deteriorados e seu espaço físico reduzido ou até mesmo apagado da paisagem urbana de Manaus.

Sendo o lugar a base da reprodução da vida, podemos analisá-lo por meio da tríade habitante-identidade-lugar, ou seja, a cidade produz-se e revela-se no plano de vida do homem. As relações que os indivíduos desenvolvem com os espaços habitados exprimem-se, diariamente, através dos modos de uso, nas condições mais simples, no secundário, no acidental. É o espaço possível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido por meio do corpo (CARLOS, 1996, p.20). Com base no que expõe a autora, é possível defendermos a teoria de que são os espaços por onde o homem desenvolve suas atividades dentro da cidade – espaços onde vivenciam suas atividades corriqueiras – que vão ganhando significado, pois são essas experiências na cidade que proporcionam o sentimento de pertencer àquele local. Isso é visível na Manaus posterior ao surgimento do capitalismo industrial. Jefferson Pérez nos remete a uma cidade em que a comunidade era uma grande família, onde todos se conheciam mesmo se não pertencessem ao mesmo círculo de relações e, quando não sabiam, conheciam-se de vista. A modernidade oriunda do industrialism fez com que os lugares de referência para os encontros coletivos foram redefinidos. Esses passaram a atender às necessidades impostas por esse novo modelo econômico, conforme é possível verificar na crônica *A Rua*, de Alencar e Silva.

Outra é agora a rua da infância. Difícil reconhecê-la. Fachadas modificaram-se (e com elas os seus habitantes) e novas estruturas se ergueram sobre os prédios e nas áreas de chão limpo. E veio o asfalto. E outras criaturas subiram à cena, enquanto muitas outras sumiram no mundo – e do mundo. Foi lentamente que voltei a pisar o seu chão. Lentamente. Como quem procura e vai achando: em cada ângulo, em cada porta, em cada janela, em cada um dos objetos que compõem a rua surpreendendo ressurreições e lembranças [...] Efetivamente, outra então era a rua, centro do universo, mundo que, de repente, encolheu e nele não coube mais sua humanidade. (ALENCAR E SILVA, 1967, p.13).

“O olhar do alegórico a perpassar a cidade é o olhar do estranhamento. O olhar do *flâneur*, cuja forma de vida envolve com um halo reconciliador a desconsolada forma de vida vindoura do homem da cidade grande” (BENJAMIN, 1991, p.39). Aqui, é possível notar uma semelhança com a postura de Baudelaire: assim como o engenheiro que, nutrido pela melancolia, tornou a Paris de Haussmann objeto de sua poesia lírica, escritores como Thiago de Mello, Jefferson Pérez, Narciso Lobo, Márcio Souza, entre outros, tomam Manaus como objeto de suas obras e poesias, rememorando o cotidiano de uma cidade que ainda não havia cruzado com o industrialismo. São verdadeiros *flâneurs*, que não se reconhecem como admiradores da imagem que Manaus adquiriu graças ao progresso oriundo da modernização industrial, tampouco do novo homem que habita essa cidade. Por meio dos escritos desses

*flâneurs*, que retratam as transformações urbanas que aconteceram em Manaus nas últimas décadas do século 20, nos é permitido interpretar e identificar as condições em que se encontram submetidos os homens na chamada modernidade.

A visão desses autores que acompanharam, viram e sentiram as transformações ocorridas no final do século 20 em Manaus, nos possibilitam conhecer o cotidiano dessa cidade antes do surgimento da industrialização. Ao buscarmos referência em Giddens (1991, p.110), conclui-se que a Manaus industrial, embora tenha encontrado no industrialismo o progresso e a modernidade, tornou-se um lugar fantasmagórico porque as estruturas pelas quais ele se constituiu não são mais ordenadas localmente. Os sentimentos de ligação íntima ou identificação com os lugares ainda persistiram, mas encontravam-se desencaixados pelo fato desse novo espaço que surgiu após o surgimento da ZFM, não expressar mais as práticas e envolvimento localmente baseados, mas encontram-se salpicados de influências muito mais distantes.

Todavia, o atual cenário em que se encontram muitas construções históricas da área central do município refletem o evidente descaso e abandono por parte do poder público e da própria sociedade, ao não valorizar parte importante de sua história, contada através de seus prédios, monumentos e praças. Muitas dessas construções já não possuem o mesmo valor significativo de antes. Em se tratando das praças, muitos desses espaços sofreram sérias alterações no que tange aos seus modos de uso e funções dentro do meio urbano. Além disso, os novos espaços de lazer construídos em Manaus são cada vez mais segmentados, divididos e individualizados. As pessoas optam por opções de entretenimento em espaços fechados, tais como shoppings centers e playgrounds, por serem locais que oferecem maior comodidade e segurança.

Essa ação, somada ao descaso com os logradouros públicos das grandes cidades, não apenas compromete a imagem do local, mas também interfere de maneira negativa na relação entre a população e os espaços públicos. A Praça da Matriz é um exemplo de espaço público onde podemos observar claramente as consequências da falta de investimentos em espaços públicos destinados ao lazer em detrimento de remodelações urbanísticas. A praça que outrora foi uma área voltada à integração social teve grande parte de sua estrutura física destruída durante os anos 1970 e, hoje, é um local inseguro e tumultuado por conta do alto fluxo de transportes coletivos em seu entorno. Além disso, durante muitos anos, a Praça da Matriz foi ocupada por vendedores ambulantes, fato esse que contribuiu para repelir possíveis visitantes. Por essa razão, é pertinente analisarmos de que forma são perceptíveis aos atuais e aos antigos frequentadores da Praça da Matriz as novas formas de uso e apropriação desse espaço, para

assim refletirmos sobre as transformações decorrentes nas relações sociais na Praça da Matriz iniciadas durante a década de 1970 até os dias atuais.

## II CAPÍTULO – PRAÇA DA MATRIZ: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

### 2.1. A PRAÇA DA MATRIZ EM SUA HISTORICIDADE

As praças sempre estiveram presentes tanto na história das cidades como na de seus moradores. São espaços públicos que possuem atrelados a sua estrutura simbólica acontecimentos marcantes para a história de grupos sociais, o que as caracterizam como locais de fundamental relevância para os habitantes de determinada localidade. Ao levantarmos dados sobre o contexto histórico da Praça da Matriz observa-se que, no decorrer do tempo, o espaço público em questão atravessou grandes transformações, não apenas em sua estrutura física, mas também nos modos de uso e apropriação de seu espaço. Portanto, é pertinente analisarmos as transformações que vem acontecendo na Praça da Matriz nas últimas décadas, para melhor compreendermos as mudanças em seus modos de utilização como lugar de sociabilidade.

É relevante traçarmos, primeiramente, uma breve discussão sobre a origem e o papel desse espaço público dentro das cidades: a terminologia *praça* deriva da palavra grega *plateia*, que significa rua larga. Em seu sentido original, remete à ideia de “vazio” urbano, aberto, cercado de árvores ou edificações, por onde o sujeito pode ir e vir a qualquer momento, ou então permanecer em suas dependências. As praças surgiram no século 5 a.C, na pólis grega, sendo conhecidas por *Ágoras*. Eram constituídas por um pátio aberto, com várias edificações em seu entorno. Dessas construções, três se destacam: a sala de conselho da cidade, intitulada *bouleutenum*; o *prytaneum*, câmara privada destinada a magistrados e chefes oficiais; e a *stoa*, uma espécie de mercado e principal local de encontro dos cidadãos livres, onde exerciam os seus direitos de cidadania. (CALDEIRA, 1998, p.16).

Uma peculiaridade sobre as ágoras é encontrada em Lewis Mumford (1998, p.166), ao nos apresentar as diferentes funções sociais das ágoras dentro das *pólis* gregas desde os períodos mais antigos. Além de serem áreas para encontros comunais, esses espaços também eram voltados para a realização de assembleias, atividades políticas e eventos festivos. Porém, sua função de maior destaque era a comercial, característica essa que fez as ágoras serem conhecidas como *praças mercado*. Nesses locais, as pessoas se reuniam para trocar, vender e comprar mercadorias, além de ofertar uma larga gama de serviços. O fato desses espaços englobarem importantes funções urbanas – direito, governo, comércio, religião e sociabilidade – fez das ágoras um elemento vital e distintivo dentro das cidades gregas.

Ainda de acordo com Mumford (p.188), os espaços públicos das cidades latinas como as *plaza*, *campo*, *piazza* e *grand-place*, são descendentes diretas das ágoras gregas, por serem espaços abertos rodeados por empreendimentos variados – comerciais ou de entretenimento, construções antigas, onde acontecem encontros fortuitos, conversas e discussões face a face. Durante a Idade Média, período marcado pelo rígido controle social instaurado e estabelecido pela Igreja, é possível contextualizarmos as praças como espaços públicos, uma vez que “tudo que não era oficial, de certa forma gozava de um direito de ‘extraterritorialidade’ no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo tinha sempre aí a última palavra”. Assim, é possível assegurarmos que, durante esse período, as praças eram espaços voltados para toda a sociedade, uma vez que essas áreas eram “impregnadas do mesmo ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade” (SEGAWA, 1996, p.33-34).

No Brasil, a noção de praça está intimamente relacionada a espaços ajardinados e sua importância ligada ao processo de colonização português, em especial à expansão dos centros urbanos. Contudo, diferente das colônias hispânicas, cujas praças encontravam-se situadas na área central da cidade, no Brasil esses espaços surgiram espontaneamente, dando continuidade a espaços religiosos – igrejas –, conforme expõe Murilo Marx (1980, p. 49-50): “a praça como tal, para reunião de gente e para exercício de um sem-número de atividades diferentes, surgiu entre nós, de maneira marcante e típica, diante das capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas”.

As primeiras intervenções urbanas que deram origem às praças no país datam do final do século 17. Até meados do século 19, as praças eram áreas vazias e com poucos artefatos decorativos: os chafarizes, por exemplo, eram utilizados como abastecedores de água. Com o advento da República no Brasil, as praças atravessaram grandes transformações: passaram a ser localizadas ao redor de edifícios suntuosos e com relevante função social, cultural e educacional. Por conta dos benefícios da arborização em centros urbanos, as praças passaram a ser arborizadas (SEGAWA, 1996, p.93). Um dos primeiros jardins projetadas no país foi o Passeio Público do Rio de Janeiro, criado por Valentim da Fonseca e Silva, inaugurado em 1783.

Ao denominarmos as praças como áreas voltadas para o lazer e a sociabilidade, significa diferenciá-las dos demais espaços urbanos, como parques e áreas verdes. Entretanto, tais espaços não podem ser apenas reconhecidos pelo seu valor artístico ou arquitetônico, mas também por sua ligação com a sociedade, seja ela estética ou afetiva. Partindo dessa linha de pensamento, a Praça da Matriz em Manaus pode vir a ser considerada como um elemento intrínseco à cidade de Manaus, uma vez que a mesma se relaciona diretamente com a história

da população em seu âmbito sociocultural, retratando diferentes momentos da história de Manaus. Localizada entre as avenidas Sete de Setembro e Eduardo Ribeiro, as duas principais vias de acesso ao Centro de Manaus, possui um entorno diversificado, que inclui estabelecimentos comerciais, prédios públicos e edificações históricas, dentre elas, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, edificada em 1695 pelos missionários da ordem dos carmelitas e uma das primeiras grandes obras arquitetônicas edificadas durante o período provincial.

A Praça da Matriz consta nas plantas da cidade de Manaus desde 1845, sendo conhecida inicialmente por Praça da Alegria. O espaço também foi chamado de Largo da Olaria (em meados da década de 60 do século 19), Praça da Imperatriz (durante o período Provincial), Praça do Comércio e Oswaldo Cruz, sendo essas duas últimas denominações atribuídas durante o século 20. É pertinente tecermos algumas considerações acerca das constantes alterações no nome dessa praça: observamos que tais mudanças possuem relação com o período histórico em que o país ou a própria cidade se encontravam, assim como a questão do espaço em que esse local está situado.

A denominação Largo da Olaria, por exemplo, deve-se ao fato da praça encontrar-se localizada nas proximidade da antiga olaria provincial e do Igarapé da Olaria, um dos braços do Igarapé do Espírito Santo. Com o seu aterramento, no século 19, surge uma nova área em frente à Igreja da Matriz, que passou a ser conhecida por Praça da Imperatriz, em homenagem à esposa do então imperador Dom Pedro II, D. Teresa Cristina Bragança. É também entre o final do século 19 e início do 20 que a Praça da Matriz adquire uma nova imagem, graças às vultosas receitas oriundas da comercialização do látex. Dentre essas mudanças, está a questão das necessidades de lazer, que passou a ser cada vez mais evidenciada. Por essa razão, as praças do Centro de Manaus passaram a receber melhorias em sua estrutura física. A Praça da Matriz passa a retratar um forte contraste entre reproduções de elementos naturais como fontes, lagos, riachos, grutas, jardins e elementos industrializados, como coretos, bebedouros, estufas, pontes e esculturas de ferro e bronze.

A Praça da Matriz também proporcionava aos seus frequentadores opções de entretenimento, como programações musicais. Todos esses fatores contribuíram para tornar o ato de ir à praça um hábito comum entre a população. A queda da economia gomífera, nas primeiras décadas do século 20, acarretou em uma redução significativa nas verbas voltadas para obras de embelezamento da cidade. No entanto, isso não significa que não foram empreendidas ações dessa categoria no Centro da cidade. Durante esse período, foram construídos novos logradouros no conjunto arquitetônico da Praça da Matriz, conforme é possível contemplarmos na imagem abaixo: esses novos espaços – jardins e construções –

eram separados por ruas e tinham um importante papel não apenas como espaço de lazer, mas também para o tráfego de veículos na área central da cidade.



**LEGENDA:** 01. Igreja da Matriz 02. Jardins da Matriz 03. Aviaquário Municipal 04. Praça Oswaldo Cruz 05. Praça Santos Dumont 06. Praça do Comércio 07. Pavilhão Universal 08. Pavilhão Ajuricaba.

BRAGA, G<sup>2</sup>. **Vista aérea da Praça da Matriz.** 1950. 9 f.

A ascensão do industrialismo em Manaus durante a década de 1970 imprimiu grandes transformações na paisagem urbana da capital e a Praça da Matriz sofreu grandes alterações em estrutura física, que vieram a descaracterizá-la. Por conta da crescente frota de

<sup>2</sup> Gisella Braga é Professora de História da rede estadual de ensino e proprietária da página “Manaus de Antigamente”, onde compartilha fotografias antigas da cidade de Manaus. Estendo aqui meus agradecimentos pela concessão de algumas fotos que ajudaram a ilustrar esse estudo.

veículos circulando na capital, principalmente na área central, os administradores públicos da época investiram na ampliação da rede viária, com a abertura de novas ruas e avenidas. E assim, em 1975, o então prefeito Jorge Teixeira autorizou a demolição da maior parte do conjunto arquitetônico da Praça da Matriz. Na figura abaixo, é possível observarmos as intervenções de Teixeira na praça. Já não é possível encontrar os Pavilhões Universal e Ajuricaba: o primeiro fora desmontado e transferido para a Praça Almirante Tamandaré e, mais tarde, para a Praça Tenreiro Aranha e o segundo, demolido.



BRAGA, G. **Intervenções no conjunto arquitetônico da Praça da Matriz.** 1975. 10 f.

A Praça do Comércio também foi desativada e sua estrutura tornou-se mais plana. No espaço, atualmente, funciona um terminal de integração de ônibus. A vasta arborização no entorno da Praça da Matriz também desapareceu, restando apenas a parte correspondente ao antigo Aviaquário Municipal e parte do Jardim da Matriz. Dos sete espaços que formavam o conjunto arquitetônico da Praça da Matriz, restaram apenas a praças Oswaldo Cruz, espaço

que sofreu menos intervenções, e a Santos Dumont, desativada em 2001, durante as obras de reforma da área portuária de Manaus. Além das mudanças urbanas, a Praça da Matriz sofreu também uma grande descaracterização em seu uso social. A partir da década de 1990, o centro da capital começou a ser tomado por vendedores ambulantes que, com suas barracas, tumultuavam as principais vias da área central. Por conta de sua localização, a praça em estudo passou a ser um verdadeiro mercado a céu aberto, rodeada por camelôs, vendedores de frutas, além de bares e restaurantes em péssimas condições de higiene.

O fluxo de veículos no local tornou-se intenso e desordenado, devido ao terminal de integração localizado na parte lateral do logradouro. A violência e o crescimento da prostituição no local também ganharam evidência nos últimos anos. É perceptível que a Manaus industrial teve sua estrutura urbana redimensionada com o objetivo principal de proporcionar a funcionalidade dos espaços públicos da capital e, assim, atender às novas necessidades impostas por esse novo momento econômico. Entretanto, a remodelação do espaço urbano da capital promoveu sérias mudanças no perfil da população e na forma como utilizam os logradouros públicos da capital, em especial, as praças da cidade. As transformações nas áreas públicas de Manaus acabam gerando uma grande escassez de espaços públicos que promovam a interação entre pessoas de diferentes grupos sociais.

Após levantarmos o histórico da Praça da Matriz, é possível observarmos uma perda de investimentos em espaços públicos destinados ao lazer em detrimento de remodelações urbanísticas. As mudanças nas estruturas físicas e funções sociais das praças devido ao processo de metropolização das grandes cidades vem ocorrendo em várias partes do mundo. Em um artigo publicado por Claudia Eleonor Natenzon (1995), encontramos um exemplo de apropriação de espaços públicos para fins que não condizem com sua função original na Argentina durante a década de 1980. A autora discorre sobre o surgimento de um empreendimento conhecido por Posiciones de Atención Bancaria (PAB), resultado de uma ação conjunta entre o Conselho Deliberante argentino, em parceria com um banco privado e uma editora universitária de Buenos Aires.

As PAB's eram quiosques a serem instalados em espaços públicos municipais da capital argentina. Em um primeiro momento, não houve por parte dos agentes envolvidos a prestação de esclarecimento sobre quais seriam tais logradouros. A aprovação dessa lei passou despercebida pela imprensa e, principalmente, pela população. O projeto inicial visava à instalação de oito PAB's, número esse reduzido pela metade. Em 1988, os empreendimentos foram instalados em quatro praças públicas de Buenos Aires – Praça Rivadavia, Agustín P. Justo, Pueyrredón e Miserere – locais destinados à prática de lazer que apresentavam grande

fluxo de pessoas e atividades de economia informal. Três desses espaços seriam utilizados como pequenas agências bancárias e um como quiosque para venda de livros. O prazo de concessão seria de cinco anos e suas dependências não poderiam ser utilizadas por terceiros. Além disso, as empresas responsáveis pelo empreendimento comprometeram-se a zelar pela estrutura física dos espaços públicos onde se encontrassem os quiosques.

Entretanto, devido a uma reforma governamental, as PAB's foram desativadas antes do término do prazo de concessão e sua administração passou a ser de responsabilidade municipal, resultando na perda de suas funções originais: alguns quiosques foram abandonados, fechados ou passaram a funcionar como sede de órgãos públicos municipais. O caso das PAB's representa a tendência de privatização dos espaços públicos: as quatro praças em questão eram locais voltados para o usufruto da sociedade em geral. Repentinamente, parte de seu espaço passa a ser administrado por instituições privadas, ou seja, uma fração de um espaço público passou a ser considerado como um bem particular. Dessa maneira, as praças ocupadas pelas PAB's funcionariam como um empreendimento comercial qualquer. Além disso, o governo argentino privou a sociedade de debater sobre tal projeto: não foram proporcionadas para a mídia e à população informações a respeito do projeto de lei que instituiu a criação das PAB's, o que reflete não apenas a ausência de diálogo entre poder público e sociedade, mas também o desinteresse de um grupo social em acompanhar as ações executadas por seus representantes.

No Brasil, Júnia Caldeira (1998) nos apresenta em sua dissertação de mestrado o caso da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte. Assim como a Praça da Matriz, o local era uma das principais opções de lazer da capital de Minas Gerais. Durante a segunda metade do século 20, a Praça da Liberdade passou por grandes mudanças em sua estrutura física e em seu uso social. A partir de 1969, passou a funcionar em suas dependências uma feira de artesanato, com o intuito de movimentar o ambiente artístico e levar até a sociedade as obras de artes produzidas por artistas locais. A feira funcionava uma vez na semana e contava apenas com a presença de artesãos e artistas, que realizavam a exposição e venda de seus trabalhos. Com o passar dos anos, a feira foi ampliada, o que resultou no aumento do contingente de frequentadores e de vendedores. Seu funcionamento passou a ser durante três vezes na semana e o segmento diversificado. O caráter exclusivo da feira de artesanato foi desaparecendo gradativamente, devido aos critérios pouco rigorosos de controle da feira e a ausência de fiscalização por parte das autoridades municipais. A feira foi saindo do controle do poder público e a praça acabou tomada pelos feirantes. Essa ação resultou em sérios

impactos na Praça da Liberdade. A ocupação desordenada da praça pelos feirantes resultou na deterioração de seu conjunto paisagístico.

A inversão dos propósitos da feira nos faz refletir sobre o poder que certo grupo social possui em reverter os significados das atividades exercidas em espaços públicos. No caso da feira da Praça da Liberdade, a ampliação das atividades dos feirantes resultou na criação de novas modalidades de uso para esse espaço, criando assim novos preceitos que ultrapassaram as ordens simplistas e abstratas de seus idealizadores. Além disso, o descaso e a má conservação da praça por parte do poder público de Belo Horizonte contribuíram para a situação de abandono do espaço. Correlacionando as problemáticas apresentadas nas praças argentinas ocupadas pelas PAB's e da Praça da Liberdade com a situação em que se encontra a Praça da Matriz, é possível denominarmos a prática comercial desordenada e os impactos por ela gerados como o fator de descaracterização semelhante entre os três espaços.

As ações do governo argentino em promover mudanças na forma de utilização dos espaços públicos de Buenos Aires se assemelham com as dos gestores manauaras do final dos anos 1970 que, sem levar em consideração o bem estar social, destruiu vários espaços de sociabilidade em favor da expansão da malha viária no centro da cidade. Já a tomada da Praça da Liberdade por feirantes nos remete à Matriz que teve sua área ocupada, de maneira desordenada, por vendedores informais que vieram a descaracterizar seu conjunto arquitetônico. Atualmente, as experiências na Praça da Matriz tendem a ser regidas mais pelo medo e pela intolerância. Consequentemente, parecem correr na direção de uma vida pública marcada por fronteiras rígidas e policiadas. (CALDEIRA, 1998, p.325).

O esvaziamento dos espaços públicos das grandes cidades pode ser interpretado como reflexo da cultura narcisista que avança no interior da cultura social, resultando no enfraquecimento da vida social em ambientes públicos por parte da sociedade atual, que passou a hipervalorizar a intimidade, privacidade, retraimento e o silêncio. (SENNETT, 1988, p.30). O surgimento de novos espaços de lazer, como os shoppings centers, é um exemplo claro dessa tendência social que vem ocorrendo em Manaus nas últimas décadas: esses espaços, que disponibilizam estruturas comerciais organizadas e seguras, implicaram no afastamento da população das praças do centro de Manaus, uma vez que a maior parte desses espaços públicos não transmite mais à população a sensação de segurança e opções de lazer apropriadas.

Nesse sentido, a perda de qualidade dos espaços públicos contribuiu para o abandono de certas práticas de sociabilidade. De fato, o manauara de hoje não frequenta mais as praças do centro da cidade como faziam os cidadãos de antigamente, estando essa prática restrita a

locais como o Largo São Sebastião e a Praça da Polícia, por exemplo, visto que disponibilizam uma melhor estrutura física e atividades de entretenimento para a população. Assim, é possível identificarmos dois processos aos quais estão propensos os espaços públicos das cidades contemporâneas: o primeiro é a degradação qualitativa, aquele em que certo lugar perde, gradativamente, o seu sentido público. O segundo é a descaracterização do espaço físico.

No caso da Praça da Matriz, houve a degradação qualitativa de seu espaço físico e uma grande descaracterização de seu conjunto paisagístico. Apesar das diversas intervenções ocorridas no local nos últimos anos, as transformações nela empreendidas nas últimas décadas resultaram em mudanças substanciais no modo como a população se utiliza e apropria desse local. A Praça da Matriz deixou de ser um lugar de reconhecimento coletivo e se transformou em um lugar vazio. O lugar eminentemente público, gradativamente, foi perdendo sua função social de abrigar as diversidades sociais, onde a coletividade se fazia presente sem distinção social, para se tornar um lugar do anonimato.

As mudanças sociourbanas ocorridas em Manaus nas últimas décadas do século 20 implicaram em um novo processo de utilização dos espaços públicos por parte da população. Tendo em base que, para melhor compreendermos as ações de determinado grupo social faz-se necessário recorrer à sua historicidade, é pertinente refletirmos sobre as formas de utilização da Praça da Matriz na contemporaneidade em relação ao passado, para assim ser possível compreender o significado do substrato histórico da praça em estudo. Para essa empreitada, recorreremos às narrativas orais transmitidas por antigos frequentadores da Praça da Matriz, pois é a partir do viés do concebido que se torna possível recuperarmos os acontecimentos vivenciados por esses indivíduos no espaço público estudado.

## 2.2. VOZES DA MEMÓRIA: A PRAÇA E SEUS ANTIGOS FREQUENTADORES

Ao conhecermos melhor os espaços que formavam o conjunto arquitetônico da Praça da Matriz, notamos que esse espaço público possuía várias opções de lazer para a sociedade manauara. Isso se deve ao fato da Praça da Matriz ter sido, durante muitos anos, um dos panos de fundo para as relações humanas na cidade de Manaus, o que gerou uma rede de significados e sentidos tecidos pelas relações sociais que lá se realizavam, resultando no surgimento da identidade do sujeito com aquele local, pois ali o indivíduo se reconhecia, por se tratar de um logradouro que fazia parte de sua vida. O cidadão pertencia a esse espaço, assim como este a ele. Desse modo, entende-se que a produção do espaço liga-se

indissociavelmente à produção de vida, uma vez que ali emergia a sociabilidade, a unidade da vida social.

Ao buscarmos informações em obras de autores locais, vemos que a Praça da Matriz era palco para vários tipos de eventos, o que a tornava um excelente espaço público, social e culturalmente ocupado. Os eventos religiosos, por exemplo, eram comuns na Praça da Matriz. Na obra *Manaus: ruas, fachadas e varandas* (1984), Moacir Andrade descreve a participação da sociedade nas celebrações da semana santa na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. O autor rememora a grande mobilização da sociedade manauara a fim de deixar a cidade preparada para “viver esses dias que a população católica guardava com o maior respeito possível”. Famílias arrumavam suas casas e compravam peixes; o pároco da Igreja Matriz orientava os fiéis quanto à programação a ser cumprida durante tais dias; a administração pública municipal encarregava-se de pintar os meio-fios das calçadas, podar as árvores e pintar seus troncos de branco:

Já na quarta-feira, a Praça da Matriz amanhecia cheia de gente simples, principalmente do interior do estado que vinham para acompanhar a grande semana de fé católica do estado. Eles ficavam sentados nas calçadas fronteiras ou comprando alguma coisa no Pavilhão Ajuricaba, ou no bar e restaurante “A Mimoso”, que ficava nas proximidades da estação dos bondes, na esquina da Praça Oswaldo Cruz [...] Quando amanhecia na quinta-feira Santa, parecia que a cidade tinha mudado. Ninguém na rua a não ser as pessoas que contritamente, dirigiam-se às igrejas para a Santa Adoração que era ininterrupta [...] não se cantava, os bondes não tocavam a sua campainha, os navios não apitavam, os automóveis não tocavam suas buzinas. O Mercado Municipal era totalmente fechado até o sábado pela manhã. Os bares, botequins, as tabernas eram fechadas, as casas das raparigas não funcionavam [...] as casas das famílias católicas que ficavam nas ruas do itinerário da procissão, colocavam-se sobre os parapeitos das janelas dos sobrados, as suas melhores toalhas de mesa e colchas rendadas, e muitas flores e vasos de plantas ornamentais numa homenagem ao Senhor Morto. A procissão da sexta-feira da Paixão constituía-se no maior espetáculo de fé católica do Amazonas. (ANDRADE, 1984, p.150-154).



ANDRADE, M. **Fiéis aguardando a saída da procissão do Senhor Morto na tarde de Sexta-Feira da Paixão.** 1971. 11 f.



ANDRADE, M. **Acompanhantes da Procissão.** 1971. 12 f.



ANDRADE, M. **Procissão do Senhor Morto na Avenida Eduardo Ribeiro.** 1970. 13 f.

A Praça da Matriz também possui uma característica que a singulariza ante os demais logradouros públicos da cidade: a sua ligação com a fotografia, através dos fotógrafos

ambulantes, também conhecidos por *lambe-lambe*, que ocupavam – e ainda hoje ocupam – as dependências da praça, retratando aqueles que visitavam seus belos jardins; pais que levavam seus filhos ao local, seja para visitar o Aviaquário Municipal ou tirar fotografias montadas em cavalos de madeira; e ainda aqueles que chegavam a Manaus e desejavam levar como recordação da estadia uma fotografia no chafariz da Praça do Comércio. Assim, é possível afirmarmos que a função social da Praça da Matriz ia além de sua estrutura urbana: tratava-se de um espaço onde estava assegurada a presença da coletividade sem distinção social, em que era garantido o direito à liberdade de participação do povo.

No entanto, como já analisamos, a partir da década de 1970 o lugar voltado à sociabilidade e festas populares se transforma. Tais mudanças foram acompanhadas pelas vivências de seus frequentadores antigos e os mais recentes. Com o intuito de evidenciar a relevância histórica e social da praça em estudo em diferentes períodos, discorreremos aqui sobre as experiências pessoais de antigos frequentadores da Praça da Matriz. Essas experiências pessoais foram registradas pela história oral, método de pesquisa que contempla a realização de entrevista com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos sociohistóricos de caráter significativos e se dispõem a compartilhar suas impressões, vivências e lembranças com a coletividade, proporcionando um conhecimento muito mais rico e dinâmico do objeto a ser estudado, uma vez que a experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto e, assim, mais atraente na divulgação do conhecimento. A história oral encontra-se centrada na memória de um indivíduo inserido em um contexto social e na capacidade do mesmo em rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Há na entrevista de história oral

[...] uma vivacidade, um tom especial característico de documentos pessoais. É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro; aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e por isso dá vida à – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. E ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em contínuo, temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos [...] sua presença nos torna mais próximos do passado, como se pudéssemos restabelecer a continuidade com aquilo que já não volta mais. (ALBERTI, 2004, p.14)

Para essa empreitada, entrevistamos Otoni Mesquita, e Maria Evany do Nascimento, pesquisadores que desenvolveram estudos sobre a arquitetura da cidade de Manaus e vivenciaram as mudanças sociourbanas ocorrentes na capital. Nonato Pereira, funcionário do

Teatro Amazonas há mais de quarenta anos, também nos proporciona uma visão sobre o dia-a-dia na Manaus dos anos 1950 e 1960. Por meio dos relatos dos atores sociais que testemunharam as mudanças sociourbanas que aconteceram em Manaus em diferentes décadas do século 20, conheceremos como se concebiam as relações sociais no espaço público estudado no período em que era uma opção de lazer para os habitantes de Manaus, tornando possível compreender de modo mais aprofundado os motivos que levaram o homem a se afastar da Praça da Matriz.

Através das reminiscências de Nonato Pereira, temos um panorama do estilo de vida na Manaus dos anos 1950:

A Avenida Eduardo Ribeiro era toda composta por paralelepípedos. Os bondes ainda circulavam nessa época: quando era jovem, trabalhei distribuindo leite pela cidade e andei muito de bonde e charrete pelas principais ruas da cidade, como Sete de Setembro, Lobo D’almada, entre outras (PEREIRA, 2015).

Otoni Mesquita, professor da Universidade Federal do Amazonas, muito envolvido nas ações de salvaguarda dos bens históricos da cidade de Manaus, rememorou como era a vida em Manaus décadas antes da instalação do modelo Zona Franca: Mesquita descreve que a cidade possuía outro ritmo: “a população zelava pelos bens materiais do centro e as ações de vandalismo e depredação do patrimônio público eram, até então, incomuns entre os habitantes”. Ainda de acordo com Otoni, embora o quadro financeiro de Manaus não fosse mais o mesmo que das primeiras décadas do século 20, o local ainda era um espaço limpo, arrumado e agradável para a população. O estudioso destaca as ações do então prefeito Paulo Nery, em 1969, ano em que Manaus comemorou seus 300 anos. Nas palavras de Mesquita:

Quando Manaus completou 300 anos, o então prefeito Paulo Nery promoveu uma ação de embelezamento na cidade. Manaus era uma cidade graciosa. Não eram projetos arrojados, mas havia um trato especial nas avenidas, várias praças passaram por reparos e foram embelezadas. O turismo vendia bem a imagem da cidade, como um local atrativo, através da imagem da belle époque, da fauna e da Zona Franca (MESQUITA, 2015).

Ao ser questionado sobre a vida cotidiana na cidade, Mesquita destaca a questão da segurança: “Quando era criança, nos anos 1960, era possível transitar com certa tranquilidade pela cidade, sem nenhuma ameaça de violência, sequestro ou qualquer coisa do gênero”. O pesquisador frisa que no entorno da Praça da Matriz – Avenidas Eduardo Ribeiro, Sete de

Setembro, Rua da Instalação – era possível encontrar empreendimentos comerciais e de lazer que movimentavam aquela região:

Era uma das áreas comerciais mais animadas da cidade: Nas proximidades da Praça da Matriz, havia empreendimentos como o Palace Hotel, a Casa 22 Paulista e a Booth Line, um mercado onde vendiam vários produtos importados durante a primeira fase da ZFM. Naquela época, importavam-se produtos europeus, japoneses, holandeses, dinamarqueses. Recordo-me de ir até lá quase sempre aos sábados para comprar um sorvete delicioso, com vários andares e de cores variadas. Era saborosíssimo. Tudo o que era comercializado na Booth Line era da melhor qualidade. Essa qualidade também se aplicava às roupas: havia muitas calças da marca *Lee*, óculos *Ray-Ban*, camisa *Lacoste*, relógios, enfim, todo um elenco de coisas que eram objetos de desejo de diferentes faixas etárias. Quando era adolescente, uma das primeiras peças que comprei na Booth Line foi um macacão *Lee*. Somente mais de uma década depois é que a qualidade dos produtos comercializados na Booth Line decaiu (MESQUITA, 2015).

Sobre a Praça da Matriz, Nonato relata que nela trabalhou no final dos anos 1950: “Quando fui funcionário público da Prefeitura, em 1957, era responsável por capinar vários espaços da cidade, inclusive a Praça da Matriz que, naquela época, recebia um maior cuidado do poder público. A população também colaborava mantendo o espaço sempre limpo”. Um dos espaços mais lembrados pelos dois entrevistados é o Aviaquário Municipal, primeiro horto municipal situado na parte de baixo das escadarias da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Nonato relembra as constantes visitas que fazia ao Aviaquário, onde havia um pequeno zoológico com espécies da fauna amazônica e uma vasta vegetação: “O Aviaquário possuía vários viveiros de animais: lá nós encontrávamos pássaros, peixes, macacos, entre outros animais da nossa região”. Mesquita também cita o Porto como um espaço social importante: “Ao sairmos da celebração na Igreja da Matriz, várias famílias se dirigiam ao Roadway. Era um passeio muito agradável”. Outra lembrança de Otoni são a dos profissionais atuantes na praça:

Uma lembrança da minha infância são os vendedores de guloseimas e, especialmente, os fotógrafos *lambe-lambe*. Alguns deles dispunham de cavalinhos de madeira para as crianças tirarem fotografia. Eu não tenho nenhuma foto desse tipo, mas alguns dos meus primos tiveram essa oportunidade [...] (MESQUITA, 2015).

Abaixo, temos fotografias de antigos frequentadores da Praça da Matriz em diferentes pontos do logradouro em questão, como o Chafariz, Aviaquário, etc.



BRAGA, G. Aviaquário Municipal. 1977. 14 f.



BRAGA, G. Crianças fotografadas em um dos cavalos de madeira dos fotógrafos *lambe-lambe* da Praça da Matriz. 1966. 15 f.

As falas de Otoni Mesquita nos chama atenção para o fato da Praça da Matriz ser, antes de tudo, uma praça de “passagem”: “as praças são locais de encontro sim, porém, em algumas situações: havia perto da minha casa uma praça, onde eu brincava quando era criança. A Praça da Matriz nunca foi uma praça para brincar. Era um local de passagem”. Podemos nos valer das falas de Mesquita e justificar sua assertiva pelo fato da Praça da Matriz ter o uso social de terminal de passageiros: “A praça tinha uma estação, mas não era tumultuada como a de hoje em dia. Havia o *Tabuleiro da Baiana*, na região próxima do relógio e do Obelisco. Ali era o local onde paravam os ônibus de madeira e os zepelins”.

Otoni nos leva a confirmar que a Praça da Matriz, mesmo antes da sua descaracterização física, era um local cujo entorno apresentava certa periculosidade em determinados horários. O pesquisador relata que existiam muitos bares nas áreas próximas à Praça da Matriz e, por causa disso, a prostituição era uma prática frequente. Apesar disso, esses bares movimentavam a região e representavam a animação da vida noturna no centro de Manaus. Ao se reportar às reformas urbanas promovidas em Manaus no início dos anos 1970, Mesquita é enfático ao expressar sua indignação quanto à postura dos gestores públicos da época os quais, segundo o mesmo, “devastaram com todo o espaço do centro”. Na visão de Mesquita, tais acontecimentos nada mais são do que o reflexo da ausência de “vozes esclarecidas para orientar quanto aos assuntos de planejamento urbanístico na capital, ou então não eram ouvidas, pois a administração pública buscava uma solução imediatista para os novos problemas urbanos da capital”:

Na década de 1970 participei de muitas manifestações em defesa dos bens históricos da cidade. Entre 1978-1979 foi construído o primeiro estacionamento público da cidade, ao lado do Hotel Amazonas, logo após o prefeito Jorge Teixeira destruir parte da praça em frente ao Booth Line. Muitos outros espaços públicos foram destruídos com a finalidade de desafogar o trânsito. Eu achava isso um absurdo: em uma dessas ações tive a oportunidade de pegar para mim a cabeça de uma das peças do conjunto arquitetônico da Praça da Matriz que estavam demolindo. Eu só não peguei porque fiquei intimidado: eu era resultado de uma educação mais conservadora. Hoje em dia eu poderia fazer isso. Nos anos 1980, durante a gestão de Manoel Ribeiro, também houveram grandes mudanças em muitas praças do centro de Manaus, inclusive na Praça da Matriz: em três décadas, foram eliminadas três pracinhas localizadas no entorno da praça principal. (MESQUITA, 2015).

Nonato nos relata que, a partir dos anos 1970, a cidade começou a mudar de maneira radical: “Quando trabalhei na construção civil, me recordo que era proibido construir edifícios muito altos nas proximidades do Teatro Amazonas, para não obstruir a vista que o visitante tinha ao chegar à cidade pelo Porto”. Pereira também nos relata que trabalhou na construção

dos primeiros grandes prédios da cidade no final dos anos 1960 e início dos anos 1970: o do IAPTEC, em frente à Praça Dom Pedro II, e o Edifício Tartaruga, próximo ao Hotel Amazonas.

Quando comecei a trabalhar no Teatro Amazonas, em 1973, a cidade já havia mudado muito. As praças já não tinham o mesmo estilo que antes. Muitas construções começaram a ser demolidas para dar lugar a estacionamentos. Os cinemas foram fechando aos poucos, para dar lugar a lojas de departamento. (PEREIRA, 2015).

Entre as décadas de 1980 e início dos anos 1990, o espaço da Praça da Matriz perdeu sua qualidade e, com isso, as relações sociais começaram a ser redirecionadas. As falas da pesquisadora Maria Evany do Nascimento revelam essa nova realidade:

Durante a minha infância, eu lembro que transitava muito pelo terminal do Centro, em frente à Praça da Matriz. No final dos anos 1990, eu comecei a trabalhar no Centro e andava muito por essa área. Nesse período, a Praça da Matriz já não era uma praça em que você poderia permanecer, justamente pelo perigo que ela representava. Durante o tempo em que eu trabalhei no centro, a praça que eu mais frequentava era a Heliodoro Balbi, pois era uma praça que ainda oferecia alguma segurança. Para mim, a Praça da Matriz é aquele espaço que você não vai sozinho, aonde você vai somente para frequentar a igreja, realizar pesquisas ou fotografar. Em suma, é uma praça que não te acolhe mais (NASCIMENTO, 2015)

Na concepção de Evany, durante os anos 1990 as construções históricas localizadas na área central da cidade, inclusive a Praça da Matriz, representavam aquilo que havia restado do período da Belle Epoque e das décadas posteriores, quando o espaço da cidade era utilizado de forma mais organizada. A ausência de cuidados e as constantes depredações a esses bens materiais representam o modo como a sociedade manauara e o poder público reagem a esses espaços e monumentos.

Embora esses espaços e construções possuam um grande valor histórico, a população os desconhecem e, por não disporem de uma mínima infraestrutura física de qualidade para acolher o visitante, a sociedade acaba criando uma espécie de relação de “antipatia” por esses espaços, resultando na perda de seu valor estético. Foi esse um dos fatores que contribuiu para a degradação da Praça da Matriz, tanto em seu aspecto físico, quanto social (NASCIMENTO, 2015)

Ao questionar os entrevistados sobre os motivos que levaram a população a se afastarem dos espaços públicos do Centro da cidade, Maria Evany apontar a falta de zelo com

os bens materiais e logradouros que compõem a área, tanto por parte da administração pública, quanto pela própria população, como o fator que desencadeou nesse processo de descaracterização da área central da cidade. Ao se referir à Praça da Matriz, afirma:

A Praça da Matriz se transformou em uma mercadoria: O comércio informal, o terminal de integração, a mendicância e a prostituição tornam o entorno dessa praça um local onde as pessoas estão sempre de passagem rápida. Isso compromete a relação entre a população e a praça, pois as pessoas são afastadas desse espaço público. Não há mais na Praça da Matriz a oportunidade de desfrutar daquele momento de “estar” na praça (NASCIMENTO, 2015)

As memórias compartilhadas pelos entrevistados sobre o uso social da Praça da Matriz no presente comparativamente ao passado nos fizeram ver que espaço público possui uma importante função social para a cidade e seus habitantes. Desde o início do século 20, as pessoas que aqui chegavam a bordo nos navios e transatlânticos de diversas partes do país e do mundo eram “recepcionadas” pela área correspondente ao entorno da Praça da Matriz e claro, da própria praça, que impressionava os visitantes com seus belos jardins, fontes, coretos etc. Ali era o grande ponto de chegada à “Paris dos Trópicos”.

A partir da segunda metade do século 20, os espaços públicos da área central da capital eram utilizados de modo mais organizado se comparado aos dias atuais: percebe-se que nesse período havia uma maior sociabilidade entre os habitantes de Manaus, assim como um forte vínculo com os bens materiais da cidade. Com a implantação da Zona Franca de Manaus, no final dos anos 1960, houve uma ruptura na relação entre sociedade e espaço público. Começa a surgir na cidade uma estrutura necessária para a atividade comercial e, com isso, são ignoradas as formas de uso dos logradouros públicos do centro, que são completamente apagados ou passam a ser usados para o comércio, conforme o caso da Praça da Matriz que, além de ter grande parte de seu conjunto arquitetônico destruído, passa a ser, a partir dos anos 1990, um ponto de vendas de vendedores ambulantes, que passaram a ocupar de forma desordenada as suas dependências. Isso fez com que a Praça da Matriz deixasse de ser um espaço voltado para a integração social da população.

Por essa razão, a população passa a buscar novos espaços de lazer como os shoppings centers, espaços que dispõem de maior infraestrutura para o comércio e repassam à população uma imagem de segurança. Com as pessoas preferindo cada vez mais se refugiar dentro dos espaços de lazer fechados, cabe questionarmos o que restou para os espaços públicos do Centro de Manaus? No caso da Praça da Matriz, restou-lhe a imagem de espaço

mercadoria, perigoso, que precisa ser evitado. Não podemos ver tais acontecimentos apenas como evolução da cidade face a modernidade.

Atualmente, o centro de Manaus passa novamente por novos processos urbanísticos que visam revitalizar e requalificar áreas degradadas de sua área central. Contudo, ao nosso ver, o grande desafio dessa iniciativa está em como educar a população e instruí-la a valorizar os bens históricos que compõem o seu Centro Histórico. Outro grande desafio diz respeito ao modo como a população vai reagir a esse novo espaço, uma vez que o mesmo já foi ocupado, desocupado e agora será reocupado. Quais serão as novas relações sociais a serem desenvolvidas nesses espaços revitalizados e requalificados no Centro de Manaus?

### 2.3. O USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Os centros históricos das grandes capitais vêm atravessando, nas últimas décadas, um severo processo de descaracterização de sua estrutura física. Muitos espaços públicos estão perdendo, de maneira gradativa, a sua função social dentro das cidades. A Praça da Matriz é um exemplo de logradouro público que vem atravessando constantes modificações urbanísticas nas últimas décadas. Contudo, nos dias atuais, a praça atravessa mais um momento de transição em sua história, com o início do seu projeto de requalificação, ações que objetivem a restauração de sua área, visando assim reintegrá-los à população. As políticas de requalificação de logradouros públicos, hoje em dia, são executadas em várias cidades brasileiras e resultam de parcerias entre o poder público e a iniciativa privada. Tais projetos promovem o restauro dos equipamentos que compõem o espaço público, além de estabelecer novas formas de utilização da área, o que proporciona uma maior valorização do local.

O projeto de requalificação da Praça da Matriz foi iniciado em 2014, quando o poder público municipal desencadeou o processo de transferência dos vendedores informais das dependências da praça. Ao todo, foram construídos três espaços temporários, localizados no centro da cidade – Avenida Epaminondas, ruas Floriano Peixoto e Miranda Leão – com capacidade para 657 vagas ao todo. Inicialmente, foi realizado um levantamento dos interessados na proposta de realocação para as galerias provisórias e, para aqueles que não se interessaram na transferência para as galerias populares, a prefeitura ofereceu um financiamento de até 10 mil reais para que investissem em outro negócio, deixando assim de exercer a atividade informal. Os ambulantes permaneceriam nas galerias provisórias até a conclusão das obras dos camelódromos definitivos. Ao todo, foram construídas três galerias

definitivas, duas na área central e uma na zona leste da capital: a primeira entre as ruas 24 de Maio e Joaquim Sarmiento; a segunda, na rua Miranda Leão e a última no bairro Jorge Teixeira. Ao todo, os três espaços contam com mais de 1.300 vagas.

Domingo, 23 de Fevereiro de 2014, a Praça da Matriz abrigou pela última vez os vendedores ambulantes. O espaço deixou de funcionar como um desordenado mercado a céu aberto, rompendo com uma tradição estabelecida há mais de 20 anos. Para melhor execução da tarefa, a ação foi dividida em etapas: em um primeiro momento, foram retirados 637 camelôs, que ocupavam a Praça da Matriz e as calçadas das avenidas Eduardo Ribeiro e Sete de Setembro e da Rua Henrique Martins. Com a retirada dos vendedores ambulantes de seu entorno, foi iniciado oficialmente o processo de restauração do espaço, fato esse que nos leva a refletir sobre o modo como esse projeto será conduzido e de que forma esse espaço será novamente inserido no cotidiano do manauara. Norteados por essas indagações, discorreremos uma análise sobre o processo de restauração da Praça da Matriz, buscando assim tecer uma reflexão crítica sobre essa nova empreitada.



JORNAL A CRÍTICA. Praça da Matriz antes da retirada dos vendedores ambulantes. 2013. 16 f.



BRAGA, G. *Praça da Matriz após a retirada das bancas dos vendedores ambulantes*. 2014. 17 f.

O projeto de intervenção da Praça da Matriz está incluído no Programa de Aceleração do Crescimento 2 Cidades Históricas 2014 (PAC 2), ação intergovernamental de iniciativa do Governo Federal em parceria com diversos municípios brasileiros articulada com a sociedade, que tem por finalidade a preservação dos bens patrimoniais brasileiros, além da valorização da cultura local e promoção do desenvolvimento socioeconômico com base nos princípios da sustentabilidade e da qualidade de vida para os cidadãos. Em 2015 foi destinado ao município mais de 33 milhões de reais para serem investidos em obras de restauração de bens culturais do centro da cidade de Manaus. Além da Praça da Matriz, o pacote de obras também prevê intervenções nos seguintes espaços:

- Requalificação das Praças do Relógio, Dom Pedro II, Tenreiro Aranha, Adalberto Vale, dos Remédios e a região no entorno do Mercado Municipal;
- Restauração do Pavilhão Universal, que se encontra atualmente na Praça Tenreiro Aranha;
- Restauração dos antigos prédios do Hotel Cassina, Câmara Municipal de Manaus e do Museu do Homem do Norte.

O objetivo do projeto de requalificação da Praça da Matriz é fazer com que o espaço retome suas características originais, adaptando-se às necessidades contemporâneas da população. O projeto prevê a abertura de parte da Avenida Eduardo Ribeiro para a circulação de veículos leves. A pavimentação do espaço será em concreto tipo paralelepípedos, o que levará o condutor a reduzir a velocidade do automóvel que estiver dirigindo. Será reaberta a antiga via em frente ao Aviaquário Municipal, no entanto, somente em ocasiões pré-determinadas, sendo essa área voltada para o uso dos transeuntes. Em se tratando de seu aspecto paisagístico, o canteiro central da praça será refeito, o que atribuirá ao Relógio Municipal e ao Obelísco uma maior visibilidade, conforme pode ser visto na figura abaixo.



INSTITUTO MUNICIPAL DE ORDEM SOCIAL E PLANEJAMENTO URBANO. Projeto de restauração do Relógio Municipal. 2014. 18 f.



INSTITUTO MUNICIPAL DE ORDEM SOCIAL E PLANEJAMENTO URBANO. **Projeto de restauração da Praça da Matriz.** 2015. 19 f.

Acima temos a imagem do projeto de restauração da Praça da Matriz. Os passeios públicos receberão novos espaços, além da recuperação estrutural daqueles que já compõem o conjunto arquitetônico da praça. Todos contarão com a reforma do piso, que seguirá o padrão das pedras de liós ainda existentes em alguns pontos do local e aos jardins serão instaladas iluminações cênicas, com o objetivo principal de valorizar a passagem dos frequentadores do local. O projeto ainda prevê a inclusão de um palco circular, existente na década de 1920, de maneira que esse venha a interagir com o novo paisagismo da praça, dando mais vida ao local. Um gradil mais discreto circundará os jardins laterais da Igreja Matriz, com o intuito de preservar o espaço, principalmente durante a noite. A inclusão de novos mobiliários voltados para serviços (bancas de tacacá e revistas, por exemplo), será realizada. O espaço onde funcionava o Aviaquário Municipal será reativado, mas possuirá outra funcionalidade. A questão da arborização do espaço também foi contemplada no projeto, que prevê o cultivo de novas árvores no local, visando a recuperação do anel perimetral de arborização da praça.

Nesse momento, nos deparamos com outra questão importante e muito discutida na cidade de Manaus: a restauração e reinserção de espaços públicos degradados a sua população. Para tanto, é relevante tecermos um breve estudo de caso sobre as quatro últimas

intervenções promovidas pelo poder público em praças do Centro de Manaus: Largo São Sebastião, Praça da Polícia e do Congresso, por parte do Governo do Estado, e da Praça da Saudade, de iniciativa da Prefeitura Municipal de Manaus, para então refletirmos sobre o processo de requalificação da Praça da Matriz. A primeira observação a ser feita é que os projetos de restauração das praças da área central de Manaus – tanto no âmbito estadual, quanto municipal – buscam seguir o modelo do Largo São Sebastião, situado no entorno do Teatro Amazonas. Durante muitos anos, a área foi considerada extremamente perigosa e deteriorada, sendo assim, evitada pela população. Após o seu último processo de revitalização, o espaço passou a contar com praças de alimentação, atrações culturais e reforço policial, o que fez com que o manauara voltasse a frequentar o local.

No caso dos três logradouros citados, assim como a Praça da Matriz e o Largo São Sebastião, esses também possuem uma grande tradição na história da cidade e, nas últimas décadas, foram alvo de constantes ações de depredação. A Praça da Polícia atravessou um longo processo de restauração e teve seu conjunto paisagístico completamente restaurado, tornando-se uma das mais belas praças da cidade. A Praça da Saudade teve sua revitalização iniciada em 2010, sob a responsabilidade da Prefeitura de Manaus, enquanto a Praça do Congresso foi entregue à população dois anos mais tarde. Embora estivessem em diferentes âmbitos governamentais, o objetivo principal dos três projetos era convergente: entregar à população espaços cuja estrutura e paisagem remetessem a décadas anteriores.

Pontuamos aqui o primeiro aspecto negativo do processo de requalificação dos espaços públicos de Manaus: a supervalorização do passado, que faz com que os responsáveis pela elaboração desses projetos recriem áreas cuja estrutura física seja semelhante à da Belle Époque ou décadas posteriores a esse período. Essa tendência em “resgatar” as características originais das praças do centro podem ser vistas nas Praças do Congresso e da Saudade. Outro caso de imposição de costumes do passado foi o que ocorreu no Largo São Sebastião nos primeiros anos após sua entrega à população. Foi criado, por parte do órgão responsável pela manutenção do local, um cenário remetendo à Belle Époque, com charretes com cavalos e indivíduos trajando vestimentas da época para tirar fotografia com os visitantes, uma tentativa falha de promover passeios de bondes no entorno do local etc.

Em tese, o intuito de requalificar um espaço público, conforme já expomos, vai além do restauro do espaço físico. Busca-se criar novos meios de utilização do local requalificado e, dessa forma, atrair novamente a população para as suas dependências, fazendo com que o mesmo volte a ser valorizado. Por essa razão, cabe aqui questionarmos: Por qual razão os projetos de intervenção elaborados pelo poder público estadual e municipal, possuem essa

tendência a valorizar, remeter e reinserir a população hábitos e costumes de períodos passados? Para responder a essa questão, analisemos o caso das praças da Saudade e do Congresso.

Embora ambas estivessem em sério estado de abandono, eram locais que possuíam um grande fluxo de pessoas em suas dependências. Os projetos de requalificação elaborados para os dois logradouros objetivaram a recuperação de seus respectivos traçados originais. Após a reforma e entrega desses espaços públicos à população, notamos que houve uma diminuição no número de frequentadores. Isso se deve ao fato desses projetos, ao tentarem recuperar os traçados originais desses logradouros, criarem novas praças, novos espaços que ignoraram a principal função social da praça em uma cidade, a ser o ponto de encontro entre indivíduos. Fica perceptível que, para o poder público, foi mais conveniente tornar as praças do Congresso e da Saudade em verdadeiras “vitrines” que retratassem como era a Manaus da metade do século 20, desconsiderando os modos como a população utilizavam esses espaços.

Embora seja importante conscientizar os cidadãos sobre a relevância histórica de seus bens culturais, temos que ponderar que a vida na Manaus do século 21 não mais se assemelha a da segunda metade do século 20. A cidade adquiriu um novo ritmo e seus cidadãos um estilo de vida mais frenético e dinâmico, comparado com o de décadas anteriores e, conseqüentemente, mudaram as necessidades, preferências e opções de lazer da sociedade. Portanto, não é o bastante retratar como eram tais praças nas décadas de 1950 ou 1960, é preciso levar em consideração que esses espaços são locais voltados para a prática da sociabilidade de uma população moderna e, por isso, devem atender às necessidades de lazer da sociedade.

Outro fator nos chamou a atenção no projeto de requalificação da Praça da Matriz: as ações previstas encontram-se embasadas apenas no que concerne à melhoria de seu aspecto físico. A questão social é debatida de maneira superficial, limitando-se ao intuito de fazer com que a população volte a frequentar esse espaço, o que deixa em aberto outros questionamentos: Como o poder público pretende resolver fenômenos sociais (mendicância, prostituição, violência, etc) presentes na praça? Como se dará a preservação, não apenas física desse logradouro, mas também de seu aspecto social? Quais serão os meios utilizados para atrair novamente o manauara para a Praça da Matriz?

Uma alternativa seria o poder público traçar estratégias que viessem a solucionar tais problemáticas, uma vez que o local teve sua função social bastante comprometida nas últimas décadas e ainda é visto pela população como um local marcado pela marginalidade, violência e tumulto devido aos vendedores ambulantes. Também seria conveniente inserir atividades e

eventos culturais que possam movimentar a Praça da Matriz, semelhante ao realizado no Largo São Sebastião, com o objetivo de atrair a população novamente para esse espaço, pois a função social da Praça da Matriz depois de restaurada não deve se limitar a ser um espaço público com uma estrutura física de qualidade, uma vitrine, um cartão-postal, mas também voltar a ser um organismo vivo dentro da cidade.

A segurança é outro fator importante a ser discutido. A violência é um problema global e está cada vez mais presente no dia a dia da sociedade. Em espaços públicos, esse problema é ainda mais frequente e resulta no afastamento da população de praças, jardins e parques dos grandes centros das capitais, que acabam preferindo a comodidade e segurança proporcionada pelos shoppings centers. Em se tratando dos espaços públicos aqui analisados, observa-se a questão da segurança sob diferentes perspectivas: a Praça da Saudade, após ser entregue à população, contava com a presença de policiais da Guarda Metropolitana, que realizavam rondas no local e garantiam a segurança dos frequentadores e a integridade física do espaço. No entanto, passado alguns meses, o serviço deixou de ser prestado e a praça ficou à mercê da ação de criminosos e de indivíduos que depredam o local.

Em outro extremo, encontram-se as Praças da Polícia, do Congresso e Largo São Sebastião. As três possuem um sistema de salvaguarda realizado por profissionais de uma empresa terceirizada, proporcionando maior segurança à população e garantindo a integridade física dos bens materiais que compõem o espaço. Entretanto, algumas vezes essa medida preventiva acaba por reprimir o cidadão, uma vez que o órgão responsável pela administração desses espaços impõe medidas que determinam o modo como o mesmo deve se portar nessas praças. Estaríamos, assim, sujeitos a um novo código de postura? Será essa a melhor forma de assegurar a integridade física do usuário desses locais, assim como dos bens estruturais desses logradouros?

De fato, é importante zelar pela segurança dos frequentadores, assim como pela integridade física do espaço, conscientizando a população que essas praças são bens materiais que lhes pertencem, visto que são áreas voltadas para o uso de todos os manauaras. Contudo, a tentativa de salvaguardar esses bens não pode culminar em uma ação repressiva contra aqueles que frequentam esses espaços. Sendo assim, uma possível solução seria estabelecer uma relação de equilíbrio entre a ação de assegurar o bom uso das dependências desses logradouros por parte de seus usuários, sem deixar de proporcionar à população a sensação de estar sendo bem acolhida nessas praças.

Outra questão concernente à requalificação das praças do centro de Manaus diz respeito à manutenção dessas praças após serem reinseridas no contexto social da população.

Conforme citamos anteriormente, o Largo São Sebastião e as praças da Polícia e do Congresso encontram-se sob responsabilidade do Governo do Estado do Amazonas. Quanto às Praças da Matriz e Saudade, cabe à Prefeitura de Manaus zelar pelo bom uso de suas dependências. Mas o que vemos não é bem isso. As três primeiras têm sua estrutura física bem conservada e cuidada, devido às manutenções pontuais em sua estrutura física. O mesmo não pode ser dito da Praça da Saudade. Atualmente, o logradouro já apresenta sinais de abandono por parte da administração municipal, conforme é possível constatar através do estado em que se encontram alguns mobiliários que compõem o seu conjunto arquitetônico, como, por exemplo, o monumento a Tenreiro Aranha, que já apresenta algumas depredações.

Essa situação nos faz refletir sobre a ineficiência do poder público municipal em gerir os bens patrimoniais que se encontram sob sua responsabilidade. Ao avistarmos a Praça da Matriz, temos representada não apenas o isolamento de um espaço público, mas a imagem simbólica de abandono em que se encontram muitas construções históricas do Centro de Manaus, retrato de uma administração municipal inoperante no campo do patrimônio histórico e cultural e de uma população que desconhece e, conseqüentemente, não valoriza a sua própria história. Esse logradouro, que armazena em seus prédios, praças, monumentos e fachadas boa parte da memória da cidade, em nada mais lembra o Centro detentor de belas paisagens retratadas em álbuns, fotografias e cartões-postais antigos até meados da década de 1970.

Após conhecermos, no decorrer deste capítulo, a história da Praça da Matriz, o seu declínio enquanto espaço público e a sua possível reinserção no cotidiano da população, nos resta questionar se essa praça ainda pertence ao povo manauara. Estará a Praça da Matriz condenada a ser um espaço ocupado por figuras marginalizadas na sociedade, limitando-se a ser conhecida somente através dos relatos dos mais antigos ou das obras de estudiosos e memorialistas? Será que a Matriz atravessará por mais uma transformação em seu uso social, deixando de ser um lugar abandonado para ser novamente uma área de lazer na cidade? Ou então, os esforços empreendidos em seu processo de restauração, baseado em décadas posteriores, a tornará mais uma vitrine da Manaus do século 20?

Além de ações de políticas públicas patrimoniais mais eficientes e bem elaboradas, seria conveniente atribuir à Praça da Matriz novos usos sociais, sem que essa sofra perdas em suas características originais ou esteja atrelada às lembranças de períodos mais antigos. Alternativas que busquem reinserir esse espaço público à população e não apenas “reconstruir” os logradouros de Manaus de antigamente, limitando tais espaços à condição de paisagem a ser vislumbrada dos vidros dos carros, e não um local voltado para a sociabilidade

dos habitantes de Manaus, devem ser encontradas pelo poder público para reverter o quadro atual da Praça da Matriz. Principalmente, além de intervenções em sua estrutura física, é preciso dar vida à Praça da Matriz, ou seja, buscar meios de atrair novamente os olhares da população para a sua história e o seu espaço, através de atividades que mantenham sempre a função principal de uma praça: ser um espaço voltado para o exercício das relações sociais entre os moradores de uma cidade.

### III CAPÍTULO – PAISAGENS URBANAS, IMAGENS QUE FASCINAM

#### 3.1. A FOTOGRAFIA NO AMAZONAS

A fotografia tem um papel fundamental enquanto instrumento de apoio às ciências, uma vez que através desses registros é possível reconstruir alguns aspectos do cotidiano de certo grupo social, período histórico ou paisagens urbanas. A palavra fotografia deriva dos termos gregos *photo* (luz) e *graphos* (gravação). Essa nova técnica de fixação e reprodução através da luz percorreu um longo caminho antes de ser descoberta: vários estudiosos desenvolveram experimentos visando encontrar meios de captar imagens pelo menos um século antes do anúncio oficial da invenção da fotografia. Walter Benjamin (1985a, p.166) apresenta a *xilografura*, técnica desenvolvida na Idade Média, como uma das primeiras modalidades que possibilitou a reprodução de imagens muito antes da imprensa prestar o mesmo serviço com a escrita. Um exemplo de imagens reproduzidas através dessa técnica são os desenhos impressos em folhetos de literatura de cordel.

Durante o século 19, a Europa presenciou o nascimento e a expansão da técnica fotográfica, graças às transformações promovidas pela Revolução Industrial nos cenários social, cultural e econômico do continente. O surgimento da *litografia* possibilitou a produção em massa de artes gráficas e a imprensa passou a ilustrar o cotidiano da belle époque francesa, conforme pode ser visto nos cartazes publicitários criados por Toulouse de Lautrec. Contudo, a litografia ainda encontrava-se em seus primórdios quando surgiu a *fotografia*: nesse momento, vemos a reprodução técnica ser transferida das mãos para o olhar. Muitos foram os pesquisadores que se dedicaram a captar imagens através da *câmera obscura*, destacando-se os franceses Joseph Nicéphore Niepce e Louis-Jacques Mandé Daguerre que, em 1829 decidem associar-se para assim aprimorar a técnica conhecida como *heliografia*.

O resultado foram placas de prata iodadas que, ao serem expostas na câmara obscura e manuseadas de diferentes formas, tornavam perceptível, sob efeito de iluminação apropriada, o surgimento de uma figura cinza pálida (BENJAMIN, 1985b, p.93). A descoberta ganha o nome de *daguerreótipo*, sendo apresentada oficialmente ao público em 1839 durante um evento em Paris. Simultaneamente, William Henry Fox Talbot desenvolveu na Inglaterra uma técnica conhecida com *talbítipo* ou *calótipo*: o processo consistia em fixar imagens de modo que fosse possível reproduzi-las através de negativos, um processo

semelhante ao que conhecemos hoje. Essas duas técnicas desencadearam, em definitivo, a expansão da fotografia.

Devido a uma série de dificuldades encontradas por Niepce e Daguerre em patentear a descoberta, coube a intervenção do Estado francês e, assim, o daguerreotipo passou a ser de domínio público. Com isso foram criadas condições apropriadas para desenvolver e aprimorar essa técnica de forma acelerada e contínua. (BENJAMIN, 1985b, p.91). Os profissionais do campo da pintura de retratos em série foram os primeiros a se apropriarem das técnicas da fotografia, sendo assim os responsáveis por disseminar as imagens para várias partes do mundo. Podemos considerar esse acontecimento como um dos norteadores que direcionaram a fotografia à industrialização e, conseqüentemente, ao consumo em grande escala. A burguesia emergente da época encontrou no daguerrotipo uma forma de se igualar à nobreza, tradicionalmente retratada por pintores. A fotografia possibilitou àquela nova classe social a oportunidade de ter acesso à produção de imagens, as quais eram tidas como uma espécie de relíquia a ser guardada ou exibida com orgulho (VASQUEZ, 1985, p.15).

O surgimento da fotografia no século 19, período esse marcado por grandes mudanças no cenário mundial, introduziu um caráter revolucionário e emancipador no campo da arte tradicional. Com o surgimento da fotografia, houve uma revolução no campo da arte, pois conforme tais obras começaram a ser expostas, passaram a se emancipar do seu uso ritual. Ao invadir o “local de culto” da estátua de Vênus, a fotografia liberta a mesma de seu claustro. No momento em que a Vênus é reproduzida, ela tem sua aura original destruída e sua réplica implica em banalização. Entretanto, a obra de arte original ainda possui o seu valor *aqui e agora* e, conseqüentemente, sua aura ainda permanece. Além disso, suas réplicas representam a democratização da imagem, ou seja, torna possível que um grupo maior de pessoas a conheçam e admirem sua forma. (BENJAMIN, 1985a)

A fotografia também apresenta a “assinatura” estética de seu autor, perceptível através do enquadramento, pelos contrastes impressos pelo fotógrafo, por meio do estilo impresso através da luz e saturação, além da pós-produção da cópia fotográfica. Podemos compreender, então, que a fotografia é uma arte industrial, a qual possibilita a reprodução em larga escala, voltada para o consumo em massa. A fotografia, porém, fundou um novo padrão estético visto que a mesma promoveu novas formas de percepção por meio dos estímulos sensoriais, o que a caracteriza como arte.

Em se tratando da Amazônia, a região passou a ser percorrida por fotógrafos em meados de 1840. Muitos profissionais do campo da imagem integraram equipes de expedições científicas, militares ou voltadas para a realização de propagandas, através de

registros de paisagens. Um dos primeiros viajantes a documentar a região por meio de fotografias foi Franz Keller-Leuzinger, em expedição ao Alto Amazonas realizada em 1865 na companhia de August Frisch. O fotógrafo registrou elementos relativos à topografia, aspectos da flora local, peças arqueológicas e, principalmente, populações indígenas.

A atividade fotográfica começou a ser introduzida na região amazônica por volta de 1846 (PEREIRA, 2006, p. 38-39). Existem notícias que apontam o norte-americano Charles DeForest Fredricks como o primeiro proprietário de um estabelecimento fotográfico na região, situado na cidade de Belém e em 1850. Em se tratando da cidade de Manaus, a chegada dos primeiros fotógrafos data da década de 1850, conforme destaca Dulce Gusmão (2006, p.122) ao citar uma nota publicada no jornal *Estrella do Amazonas* onde é noticiada a presença de um fotógrafo que se encontrava de passagem por Manaus no ano de 1858.

O abaixo assignado avisa ao respeitavel público que no dia 8 do corrente em diante principia a tirar retratos pelo systema daguerreotypo, no sobrado sito na Praça da Imperatriz, ao lado da casa de Antonio Martins. Manáos, 4 de novembro de 1858. Hipolito Mainette.

A Praça da Imperatriz, local noticiado pelo jornal como ponto de serviço do fotógrafo que estava de passagem em Manaus é, atualmente, a Praça da Matriz, fato esse que nos faz perceber a ligação entre esse espaço público com a atividade fotográfica em Manaus. A valorização da borracha entre o final do século 19 e início do século 20 provocou um rápido crescimento econômico na região e implicou na inserção definitiva da modernidade na Amazônia. No ápice da prosperidade, a cidade de Manaus começou a atrair pessoas de várias partes do país e do mundo e foi tomada por obras públicas: os igarapés começaram a ser aterrados, abriam-se ruas, prédios imponentes foram edificadas, a primeira linha de bonde elétrico do Brasil passa a circular na capital etc.

Nesse período começam a surgir empreendimentos comerciais dos mais variados tipos, todos ligados de forma direta ou indireta ao promissor mercado da borracha. É importante destacar que o período de maior riqueza das duas principais capitais da Amazônia (1880-1912), coincide com o da transformação da fotografia em fenômeno mundial. O desenvolvimento de equipamentos e processos tecnológicos mais avançados proporcionaram maior eficiência e rapidez na captação e reprodução de imagens, o que faz a fotografia assumir um importante papel no cotidiano das mais diferentes esferas da sociedade moderna.

Gusmão (1996) ao traçar a história da fotografia no Amazonas entre 1865 a 1903 ressalta a predominância de profissionais atuantes no campo da fotografia em Manaus. No

texto, a autora discorre sobre a estratégia utilizada pelos fotógrafos para captar a clientela: oferecer serviços semelhantes aos prestados na Europa. É citado como exemplo um anúncio da empresa do fotógrafo espanhol Francisco Cândido Lyra, “que produzia trabalhos tão perfeitos quanto os mais belos da Europa” (p.123). Além disso, os primeiros empreendimentos fotográficos de Manaus estavam localizados nos pontos mais privilegiados da cidade. Isso evidencia o caráter elitista desse serviço, voltado somente para aqueles cidadãos com alto poder aquisitivo, no caso, os membros da elite extrativista e a classe média emergente, indivíduos receptivos e consumidores dos modismos e costumes europeus.

A cidade que se tornara o mercado promissor da comercialização da borracha, edificada nos moldes das cidades europeias e marcada pela modernização, precisava ser conhecida e, principalmente, vista por todas as partes do mundo. Por ser a fotografia um instrumento informativo de rápida circulação, houve um grande investimento na produção de anúncios publicitários, cartões postais, álbuns comemorativos etc. Isso fez de Manaus e Belém as cidades mais fotografadas do Brasil, resultando também em uma intensificação da atividade fotográfica nessas duas cidades.

Muitos foram os profissionais que ganharam destaque nesse segmento, entre eles Felipe Fianza (1847-1903), Ermanno Stradelli (1852-1926), George Huebner (1862-1935), Silvino Santos (1886-1970), Ornan Correia (1924-2008) e Marcos Correia Lima Filho. Com o intuito de traçar um panorama sobre os principais nomes da fotografia no Amazonas, discorreremos sobre a trajetória de alguns dos principais expoentes do campo da fotografia na região, para assim compreender melhor as formas como a Amazônia se fez conhecida através da fotografia.

Um dos principais fotógrafos a atuar nas cidades de Belém e Manaus, entre o final do século 19 e início do século 20 foi Felipe Augusto Fianza. Natural de Lisboa, Fianza veio para o Brasil com aproximadamente 20 anos e iniciou sua carreira de retratista a partir de 1867. Seu primeiro trabalho reconhecido em nível nacional foram as fotografias dos preparativos da visita do imperador Dom Pedro II à Belém. Porém, seu maior legado foram os registros das mudanças na paisagem urbana das cidades de Belém e Manaus durante o apogeu da economia gomífera. Com esse trabalho, Fianza consolidou-se como o fotógrafo de maior destaque da época. Pereira (2006, p.84) atribui esse reconhecimento por conta do rigor técnico e estético do profissional ao produzir seus registros fotográficos, o que pode ser constatado na composição do cenário de suas fotos, assim como na escolha dos temas, ângulos e enquadramentos.

Fidanza foi responsável pelas fotografias que compõem os *Annuario dello Stato del Pará* e o *Álbum do Pará*, de 1899, além de registros fotográficos dos membros de diferentes classes sociais, desde a elite paraense até os indivíduos menos abastados, como vendedores de rua, por exemplo. Representantes de diferentes grupos políticos da época também foram retratados pelas lentes de Fidanza, como o Conde d’Eu durante sua visita ao Pará em 1889. O fotógrafo também registrou membros do exército, além de negros, índios e mestiços da Amazônia. Seu trabalho não se restringiu à cidade de Belém. Fidanza foi requisitado para fotografar as cidades de Recife e Manaus. Coube a Fidanza elaborar o *Album do Amazonas: 1901-1902*, a convite do então governador Silvério Nery, no ano de 1902 (PEREIRA, 2006).



Theatro Amazonas

ÁLBUM DO AMAZONAS 1901-1902. **Theatro Amazonas retratado por Felipe Fidanza.** 20 f.

O nome Fidanza tornou-se uma marca e, mesmo depois de seu falecimento, os diferentes profissionais que adquiriram seu ateliê mantiveram-no com seu nome original, *Photographia Fidanza*. Pedro Vasquez (1985, p.157) apresenta-o como “perfeito cronista visual da cidade” e equipara seu legado aos dos fotógrafos Augusto Malta (1864-1957) para o Rio de Janeiro e o de Guilherme Gaensly (1843-1928) para São Paulo. A vasta produção fotográfica de Fidanza foi comercializada através de álbuns e carte de visites. O fotógrafo

também foi um dos pioneiros no gênero cartões-postais fotográficos no Brasil. Suas fotografias também foram apresentadas em exposições nas cidades do Rio de Janeiro, Paris e Chicago.

Durante os 43 anos em que permaneceu na Amazônia, o conde italiano Ermanno Stradelli dedicou-se ao estudo e registro das culturas indígenas, contribuindo com importantes estudos sobre a região. O jovem aristocrata interrompe seus estudos em Direito após o falecimento do pai e decide explorar lugares até então desconhecidos pelos estudiosos de seu tempo. Começa a estudar geografia, topografia, geologia, botânica, farmácia, homeopatia, além de técnicas e processos fotográficos por conta própria. Aos 27 anos viaja para o Brasil, com apoio da Real Sociedade de Geografia Italiana. Instala-se em Belém e alguns meses depois segue viagem rumo a Manaus, onde começa a trabalhar como fotógrafo. (MENEZHINI, 2008).

Stradelli passa a conviver com os missionários franciscanos e, a partir de então, realiza várias viagens pelos rios da Amazônia, onde conhece e passa a conviver com os povos indígenas que ali se encontram, especialmente, com os índios da tribo Tariano, do rio Uaupés. Sua produção iconográfica é composta por registros da cidade de Manaus, rios, paisagens, reproduções de inscrições e desenhos em pedras. Porém, sua contribuição fotográfica de maior destaque são a dos índios da região. O fotógrafo produziu uma série de retratos individuais e coletivos de populações indígenas da Amazônia. Durante sua permanência na região dos Uaupés, Stradelli discorre sobre a relação entre os índios dessa região com a fotografia:

Com a fotografia foi mais difícil; se não tivesse sido um caso fortuito que me permitiu retratá-los, jamais o teria conseguido. Ainda me valia do incômodo processo em colódio e fixava com cianeto. Em Jauaretê, aonde havia chegado sem ter conseguido fotografar um único índio, por mais que tivesse fotografado os frades e seus discípulos de todas as maneiras possíveis, montei a tenda que me servia como câmara escura perto da casa do tuxáua Mandu e tirei umas fotos da cachoeira e da aldeia. Na manhã seguinte aparece o tuxáua pedindo-me veneno para as formigas. Respondo que não tenho. Ele me diz, com todas as letras, que estou mentindo; me inquieto e, então, ele me conduz ao lugar onde eu tinha montado a tenda no dia anterior. Lá mesmo, com um gesto grandioso, digno de um melodrama, aponta-me o campo semeado de mortos. Tive de baixar a cabeça e dizer: cupiteen, 'é verdade'. É que, sem querer, havia montado a tenda sobre um formigueiro e naturalmente, onde havia penetrado, o cianeto tinha cumprido sua missão. Eu já havia tirado as fotos de que precisava e não queria privar-me do cianeto, do qual não possuía grande quantidade, quando tive uma idéia. 'Você tem razão', disse ao tuxáua, 'mas este veneno não é o melhor, pois é feito com a vista das plantas e das casas; o bom é o que se faz com os homens e com as mulheres. Venha aqui, fique parado ali em frente à máquina e verá que bom veneno'. Mandu aceitou de pronto, e, quando saí da câmara, dei-lhe uma boa solução de cianeto, com todas as recomendações possíveis. Foi experimentá-lo, acompanhado por toda a sua gente. O efeito foi

extraordinário. A partir desse dia, arranjou-me pessoas para que as fotografasse. Quando as de Jauaretê terminaram, mandou vir de fora e tenho certeza de que, sem me mexer dali, teria podido fotografar o Uaupés inteirinho. No final, era obrigado a fazer fotos de grupos, para não desagradá-los. (STRADELLI, 2009, p. 244-245)

Atualmente, o acervo fotográfico de Stradelli, contendo as imagens das expedições realizadas entre os anos de 1887 a 1889 encontra-se no Arquivo Fotográfico da Sociedade Geográfica, consistindo em apenas 83 fotografias preservadas. Muitos dos seus registros fotográficos se perderam por conta de diferentes situações, desde naufrágios em rios até ataque de cupins às suas chapas fotográficas. A produção fotográfica do etnólogo, especialmente a dedicada aos povos indígenas, nos revela a compreensão humanizada de Stradelli em relação a essas culturas, o que ia contra a visão de “inferioridade” recorrente entre exploradores, etnólogos e missionários da época.

Silvino Santos, grande expressão do cinema amazonense, iniciou sua carreira no campo da imagem trabalhando como fotógrafo e também contribuiu com importantes registros fotográficos da região amazônica. Em 1910, após instalar-se definitivamente em Manaus, profissionaliza-se como fotógrafo e pintor, vindo a trabalhar em um modesto estúdio no centro da capital. Em 1912, Silvino Santos é convidado pelo então cônsul do Peru, Carlos Rey de Castro para pintar o escudo da bandeira peruana e a participar de uma expedição com destino ao Putumaio, fronteira entre Peru e Colômbia, para fotografar os índios que trabalhavam nas propriedades do seringalista Júlio César Arana. É durante essa expedição que Silvino estabelece o primeiro contato com povos indígenas, o que mais tarde seria a razão de sua iniciação no campo cinematográfico (COSTA, 1996).

O alemão George Huebner tornou-se um dos principais expoentes da fotografia na Amazônia. Aos 23 anos, embarcou rumo à América do Sul e percorreu a região do rio Ucayali, no Peru, com o intuito de produzir material iconográfico sobre os povos nativos da região. É durante essa expedição, conforme relata Andreas Valentin (2007, p.67), que Huebner conhece o também fotógrafo Charles Khroele, com quem percorre o território peruano durante três anos, desde os altiplanos andinos até a costa do pacífico, registrando várias etnias indígenas.

No final do século 19, George Huebner muda-se definitivamente para o Brasil. Inicialmente, residiu na cidade de Belém, onde conheceu e colaborou com os trabalhos do também fotógrafo Felipe Fidanza. Poucos meses depois seguiu viagem para Manaus, cidade onde residiu até o fim de seus dias. A chegada de Huebner a Manaus coincidiu com o apogeu da economia gomífera. Em 1899, é inaugurada a *Photographia Allemã*, em sociedade com o

pintor e professor de belas artes Libânio do Amaral, personalidade muito estimada na cidade. O estúdio era situado na Avenida do Palácio – atual Avenida Eduardo Ribeiro – um dos principais pontos comerciais da cidade e, com um pouco mais de três anos no mercado, já era uma firma consolidada no mercado fotográfico do país, com sedes em Manaus, Belém e no Rio de Janeiro. Huebner também era o fotógrafo oficial dos diplomados da Escola Normal (1902-1920) e foi responsável pela confecção de vários cartões-postais entre 1902 a 1912. (SCHOEPF, 2005, p.65-66).



SCHOEPF, D. **Obras no Porto de Manaus.** 1901. 21 f.



SCHOEPF, D. *Festividade em Rua de Manaus*. 22 f.

Mesmo com o sucesso da *Photographia Allemã*, George Huebner não deixou de lado seus trabalhos enquanto pesquisador. O fotógrafo empreendeu várias expedições fotográficas pelos municípios do interior da Amazônia, com ênfase no registro de espécies da flora local, dos hábitos e costumes dos povos ribeirinhos. No campo da etnográfico, destaca-se a sua produção de retratos de diversos grupos indígenas, por conta da grande qualidade técnica dos trabalhos de Huebner. Essas imagens circularam por todo mundo e trouxeram grande reconhecimento e prestígio ao fotógrafo. (VALENTIN, 2007, p.73-74).

O declínio do comércio da borracha e as duas grandes guerras mundiais interferiram de modo radical no trabalho de George Huebner: com o fim do monopólio da borracha, Huebner encerrou definitivamente suas atividades enquanto fotógrafo e passou a residir em um sítio nos arredores de Manaus. Em 1920, a *Photographia Allemã* encerra definitivamente suas atividades em Manaus e no Rio de Janeiro. Huebner passou a dedicar-se exclusivamente à botânica, realizando expedições pelos rios da região à procura de amostras de plantas para instituições científicas europeias.

A produção da *Photographia Allemã* sofreu os efeitos da repercussão das duas grandes guerra: Em 1919, um ano após o fim da Primeira Guerra, era possível encontrar em

alguns cartões-postais da empresa de Huebner enviados à Inglaterra com o nome do estabelecimento cobertos com um tarja preta.

Após encerrar suas atividades como fotógrafo, o estúdio *Photographia Allemã* foi vendido ao brasileiro João Correia. O novo proprietário ainda manteve o nome original da firma, porém, em decorrência da Primeira e Segunda Guerra Mundial, o empresário se viu obrigado a mudar o nome da empresa. Surgiu assim a *Fotografia Artística*, em 1944. Contudo, essa iniciativa mostrou-se falha, visto que no mesmo ano grande parte do acervo fotográfico de Huebner foi destruído. Com o falecimento de João Correia, o negócio passou a ser administrado por seu filho, o retratista Ornan Correia. Para melhor conhecermos a história da empresa *Fotografia Artística*, conversamos com Elizabeth de Pádua, filha de Ornan e responsável por preservar o acervo do fotógrafo.

*A Foto Artística* estava localizada na Avenida Eduardo Ribeiro e funcionou ali por quase 20 anos. Após esse tempo, a empresa passou a funcionar entre as Avenidas Eduardo Ribeiro com Sete de Setembro, onde funcionava a antiga Galeria Príncipe. Era um prédio com dois andares: no primeiro piso funcionava a sapatarias príncipe e onça. No segundo piso funcionava o estúdio fotográfico. (PÁDUA, 2015)



PÁDUA, E. **Retrato do fotógrafo Ornan Correia.** 23 f.

Além de fotógrafo, Ornan Correia era maestro na orquestra filarmônica de Manaus. Elizabeth recorda que os pais eram grandes apreciadores de música clássica e sempre promoviam sarais em sua residência: “minha mãe era pianista e tínhamos em casa um piano de cauda *Strauss*, que doamos ao Teatro Amazonas e se encontra em exposição lá até hoje”. Quanto aos serviços oferecidos por Ornan na *Foto Artística*, os relatos de Elizabeth nos levam a crer que a empresa continuou seguindo o mesmo padrão de atendimento prestado por Huebner: a clientela era composta por membros das classes mais abastadas e representantes do governo.

Na época em que meu pai administrava o estúdio ainda não existiam fotografias coloridas. A *Foto Artística* tinha esse diferencial no mercado: foi uma das primeiras empresas a trabalhar na produção de retratos coloridos. As tintas eram importadas da Europa e meu pai pintava os retratos dos clientes que solicitavam esse serviço. (PÁDUA, 2015)

Ornan Correia foi convidado pelo então governador Danilo Aersa para ser o fotógrafo oficial da Assembléia Legislativa. É de sua autoria grande parte das fotografias de políticos do estado expostas no Centro Cultural Palácio Rio Negro e Paço da Liberdade. Correia também prestou seus serviços à empresa A Favorita, fornecendo registros iconográficos para a elaboração de cartões-postais sobre a fauna amazônica. Com idade avançada, Ornan encerrou as atividades da *Foto Artística* na Avenida Eduardo Ribeiro e montou seu estúdio em sua própria residência, na Rua Tarumã, passando a atender um número limitado de clientes. Elizabeth nos relata que o fotógrafo ficou cego e veio a falecer em 2008.

O acervo de Ornan Correia encontra-se sob poder de sua filha, Elizabeth de Pádua, desde o falecimento do pai. Algumas peças ainda apresentam bom estado, como é o caso dos retratos pintados pelo fotógrafo. Contudo, grande parte do acervo de Correia, composto por negativos em chapas de vidros, estão em estado crítico de conservação por causa das ações do tempo.

O jornalista Marcos Corrêa Lima Filho atua como fotógrafo profissional há 66 anos, aprendendo sozinho o ofício de fotógrafo aos 16 anos e iniciando sua carreira no final dos anos 1940, aos 18 anos de idade. O fotógrafo atuou como repórter fotográfico nos principais jornais da imprensa amazonense, como *A Crítica*, *Diário da Tarde*, *Jornal do Comércio* e *A Gazeta*. Em 1959, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou nas empresas *Cine-Foto Mesbla* e na *Comissão Estadual de Energia Elétrica*. Ao regressar a Manaus, em 1964, é convidado a prestar serviços aos então governadores do estado Arthur César Ferreira Reis,

Danilo Aersa e João Walter de Andrade, sendo nomeado duas vezes para cargos efetivos no governo, porém, recusando as duas oportunidades.

O acervo de Corrêa Lima é composto por mais de 3.000 peças, entre fotografias e negativos. O fotógrafo possui registros de cenas raras de Manaus, tais como vistas panorâmicas da cidade em diferentes ângulos, os impactos da grande cheia do rio Negro, em 1953 e da Cidade Flutuante. Além de fotografias da paisagem urbana da capital amazonense, o fotógrafo produziu imagens de importantes personalidades, como do então Presidente da República Castelo Branco e dos intelectuais Gilberto Freyre e Djalma Batista.

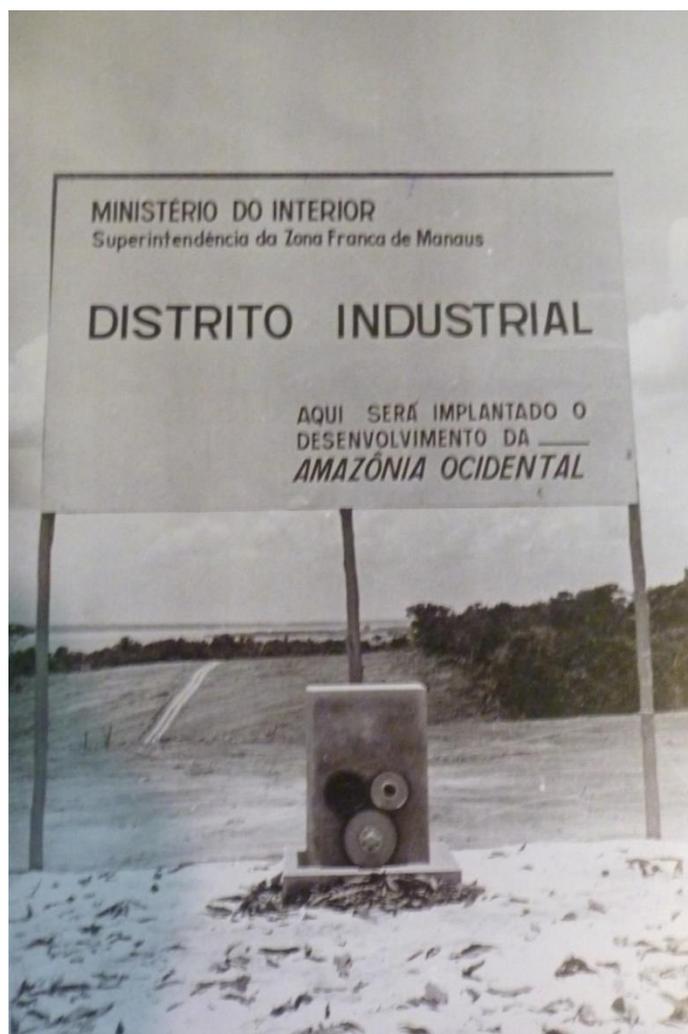


CORRÊA LIMA, M. **Djalma Batista ao lado de Gilberto Freyre.** 1964. 24 f.

Mas, o principal trabalho fotográfico de Corrêa Lima foi a cobertura jornalística completa da implantação do Distrito Industrial e da Zona Franca de Manaus, em 1968.



CORRÊA LIMA, M. Cerimônia de lançamento da “pedra fundamental” do Distrito Industrial. 1968. 25 f.



CORRÊA LIMA, M. Pedra Fundamental do Distrito Industrial. 1968. 26 f

O fotógrafo percorreu vários municípios do Amazonas, tendo registrado muitas de suas viagens em fotografias. Suas fotos foram publicadas em jornais e revistas de grande circulação como *O Estadão*, *Folha de São Paulo*, *Veja*, *Manchete* e *O Cruzeiro*. Corrêa Lima teve parte de seu material exposto em exposições no Museu do Homem do Norte, Museu Amazônico e Studio 5 e nos chama atenção para o fato de que suas fotografias, no decorrer dos anos, foram pirateadas, o que desperta grande tristeza ao profissional: “são pessoas que não possuem respeito pelo trabalho alheio”, afirma o fotógrafo.

O trabalho de Marcos Corrêa Lima, mostra muito mais que um fotógrafo: Corrêa Lima é um cronista visual e suas fotografias nos remetem a momentos singulares da história do nosso estado entre as décadas de 1940 a 1970. Seu acervo revela o profissional que dedicou mais de 60 anos de sua vida à fotografia e não só impressionam pela qualidade, mas também pelos ângulos que conseguiu captar. O perfeito estado de conservação de seu acervo fotográfico, assim como de seus equipamentos de trabalho nos chama atenção. Em entrevista, o fotógrafo relata a técnica que utiliza para conservar seus negativos:

O segredo para conservar os negativos em perfeito estado por mais tempo está em lavá-los muito bem. Utilizo uma solução que eu mesmo inventei em uma de minhas loucuras: higienizo meu material com uma mistura de formol 5cc para cada litro de água, lavo e deixo secar por aproximadamente uma hora. Formol serve para conservar até morto, é perfeito para negativos (CORREIA LIMA, 2015)

As transformações técnicas ocorridas no século 19, as quais culminaram no surgimento da fotografia, promoveram uma revolução não apenas no modo de se conceber imagens, como também no campo da arte e do mercado consumidor, pois esse novo processo promoveu a democratização da mesma, tornando-a acessível a grande parte da sociedade. Isso favoreceu a difusão, ampliação e desenvolvimento de novas técnicas no campo fotográfico. As fotografias também podem ser tidas como documentos visuais, pois retratam a cultura material do passado, visto que as imagens revelam características sociais, urbanas e culturais de um grupo social em certo período histórico.

Por meio do estudo sobre os principais nomes da fotografia na Amazônia e, especificamente, na cidade de Manaus, concluímos que tais profissionais não apenas deixaram suas marcas na fotografia local, mas também nos revelam, por meio de suas produções iconográficas, momentos importantes da história da região, seja por meio dos registros de foto-jornalismo, pelo retratismo, ou ainda ao utilizar a fotografia como meio de disseminar as mudanças urbanísticas da capital ou aspectos característicos da região amazônica.

Os fotógrafos Felipe Fidanza e George Huebner produziram importantes registros das mudanças nas paisagens urbanas das cidades de Manaus e Belém entre o final do século 19 e início do 20, além de proporcionarem o acesso à fotografia para uma classe ávida por consumir as novidades europeias. Os legados imagéticos de Silvino Santos e Ermanno Stradelli nos remetem a importantes aspectos socioculturais da região amazônica. Ornan Correia, com seu estúdio *Foto Artística*, consolidou-se como o retratista de figuras importantes da capital. A produção de Marcos Corrêa Lima nos introduz a uma produção fotográfica com ares jornalísticos, ao captar os primeiros momentos do surgimento do capital industrial em Manaus, representado pela Zona Franca.

Entretanto, o que os registros oficiais não relatam é sobre a existência de outra categoria de fotógrafos. Esses, diferente dos profissionais atuantes nos ateliês de fotografia, ocupam locais públicos, onde instalavam seus equipamentos de trabalho - uma espécie de câmera e laboratório ambulante - e tinham como freguesia as famílias de classe média e trabalhadores que frequentavam esses espaços de lazer. A preferência por praças, parques ou arredores de monumentos dava-se em virtude do aspecto paisagístico do retrato, pois se tratava do cenário para as fotografias e, conseqüentemente, essa escolha refletiria diretamente na satisfação do retratado, visto que os traços da paisagem em questão seriam transferidos para a imagem captada. Os fotógrafos ambulantes, conhecidos popularmente por *lambe-lambe*, estão associados a uma nova fase da expansão da fotografia no Brasil. É nesse momento em muitos fotógrafos optam por sair dos estúdios e ganham as ruas.

A Praça da Matriz é um exemplo de espaço público que, há muitas décadas, foi ocupada por fotógrafos populares e tem suas dependências utilizadas como pano de fundo para fotografias na cidade de Manaus. Assim, é possível observarmos desde antigos *lambe-lambes* até os fotógrafos que atualmente exercem sua profissão no local, a relação íntima entre a praça e a fotografia. Por essa razão, é pertinente tecermos um estudo sobre a relevância do trabalho dos fotógrafos que atuam na Praça, discorrendo como essa profissão perdura nos dias atuais, mesmo diante as mudanças nas formas de utilização desse espaço público, como também devido aos avanços tecnológicos no campo da fotografia.

### 3.2. OS FOTÓGRAFOS LAMBE-LAMBE DA PRAÇA DA MATRIZ

Em *Cartões-postais, álbuns de família e ícones da identidade*, Nelson Schapochnik (1998, p.467) tece uma apresentação a respeito dos fotógrafos conhecidos como lambe-lambe. A designação lambe-lambe ainda é controversa. Segundo Boris Kossoy a origem mais viável

para o termo deve-se à ligação com o antigo processo da *ferrotipia*, que envolvia uma chapa de ferro coberta em uma camada de verniz ou esmalte escuro, onde era aplicada a emulsão. Após a fotografia ser revelada com sulfato de ferro, o fotógrafo utilizava um pouco de saliva na chapa, com o intuito de destacar a imagem do fundo preto da chapa, com a ação do cloreto de sódio contido na saliva. (1974, p.18).

Os espaços públicos das grandes cidades abrigam grupos sociais que se utilizam de sua estrutura de diferentes formas. Schapochnik defende a presença de fotógrafos em praças ou parques como uma atividade comercial, visto que os mesmos transformam esses espaços em verdadeiros estúdios fotográficos a céu aberto. Contudo, vemos que a presença desses profissionais nos principais espaços públicos das cidades não se limita a fins econômicos.

Em se tratando da cidade de Manaus, a prática da fotografia em espaços públicos ainda é muito comum na Praça da Matriz, devido à sua localização privilegiada, que disponibilizava uma boa estrutura física, além de atrativos como o Aviaquário Municipal, o Chafariz Escocês e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, panos de fundo ideais para registros fotográficos. Quanto à origem dos fotógrafos ambulantes, essa ainda é uma temática inexistente em registros e documentos oficiais, sendo necessário recorrer a fontes orais, as quais nos remetem às décadas de 1940 e 1950 como o período correspondente ao surgimento da prática da fotografia na Praça da Matriz.

O papel dos fotógrafos atuantes nesse espaço público no contexto urbano vai além do fato de terem sido responsáveis pela popularização de retratos. Os fotógrafos da Praça da Matriz são personagens importantes da história do logradouro, em luta para manter vivo o exercício do ofício de fotógrafo na praça em estudo. Levando em consideração os avanços no campo da fotografia nos últimos anos e as transformações no cenário urbano da capital, as quais implicaram em mudanças na paisagem da praça em estudo e motivados pela curiosidade acerca da forma como esses profissionais se mantem inseridos no mercado em tempos da tão aclamada *era digital*, apresentamos aqui uma análise sobre o ofício de fotógrafo na Praça da Matriz, no centro de Manaus. Para tanto, recorreremos às memórias de Antônio Fernando Pantoja, 63 anos; Cláudio Araújo, 48 anos e Erisen Silva, 50 anos, três dos muitos fotógrafos que ainda atuam na praça.

O dia começa cedo na Praça da Matriz: às 7 da manhã já é notável a movimentação dos fotógrafos em diferentes pontos da praça. Seja preparando os equipamentos de trabalho, ou organizando mostruários e expositores, os fotógrafos ambulantes sempre estão preparados para atender a clientela. Antônio Fernando Pantoja, nascido em Manaus em 1951, começou a aprender fotografia aos 15 anos de idade, enquanto residia em Belém. Retornando a Manaus

em 1969, começou a trabalhar na Praça da Matriz como fotógrafo, ofício que exerce há mais de 30 anos. Fernando é um dos fotógrafos mais antigos em atividade na Praça da Matriz:

A fotografia sempre foi uma profissão respeitada aqui na Praça da Matriz. Tudo começou com os fotógrafos *lambe-lambe* - nesse tempo, como a foto era em preto e branco, tinha alguns fotógrafos que as pintavam - depois apareceu o monóculo, a polaroide, e assim fotografia foi evoluindo (PANTOJA, 2014).



SANTOS, A.V. **Fotógrafo Antônio Fernando Pantoja**. 2014. 27 f.

O ofício de fotógrafo também é uma profissão tradicional na Praça da Matriz, transmitido de geração a geração, como é o caso de Cláudio Araújo, que trabalha no local desde 1977.

A fotografia é uma tradição na minha família. Meus pais eram fotógrafos, meus irmãos mais velhos são fotógrafos e eu comecei a trabalhar aqui em 1975, quando ainda tinha oito anos, ajudando meu pai com os clientes, comprando filmes, indo até as lojas de revelação e aprendendo a como exercer a profissão. Com 10 anos, eu já trabalhava aqui na praça como fotógrafo, manuseando o monóculo (ARAÚJO, 2015).

Contudo, nem todos foram trabalhar na Praça da Matriz como fotógrafos motivados pela paixão por fotografar ou pelo estímulo de uma tradição familiar, conforme é possível constatar nos relatos do fotógrafo Erisen Silva:

Trabalhei por muitos anos como segurança em uma empresa. Quando fiquei desempregado, encontrei muitas dificuldades para conseguir um novo emprego. Foi quando um amigo que trabalhava como fotógrafo aqui na Praça da Matriz me indicou esse serviço. No início, eu não sabia nada sobre fotografia, mas com o passar do tempo e graças a ajuda dos meus colegas de profissão, fui aprendendo a fotografar aos poucos e estou no ramo até hoje (SILVA, 2015)



SANTOS, A.V. **Fotógrafo Erisen Silva**. 2015. 28 f.

Ao questionarmos os fotógrafos a respeito dos motivos que os levaram a atuar na Praça da Matriz, Fernando Pantoja afirma: “A profissão de fotógrafo é uma tradição aqui na praça. Começou anos atrás, com os primeiros lambe-lambe e foi evoluindo com o tempo”. Já Cláudio Araújo destaca os atributos estruturais da praça: “a Praça da Matriz era um local muito bonito e possuía belos jardins. Aos domingos, por volta das 15 horas várias famílias

visitavam a praça para ir até o Aviaquário e sempre solicitavam um fotógrafo para tirar fotos em frente aos viveiros dos animais”. Fernando aponta a Igreja da Matriz, o Chafariz de Ferro e o Aviaquário Municipal como os principais pontos escolhidos pelos clientes para se tirar fotografias. A respeito desse último local, o fotógrafo acrescenta:

Era muito comum os pais trazerem seus filhos para tirar fotografias no Aviaquário Municipal. Como naquela época não existia zoológico em Manaus, eles se dirigiam até a praça e pediam para que nós tirássemos fotos das crianças alimentando as antas, segurando a pata dos macacos, em frente ao viveiro dos pássaros ou dos jacarés (PANTOJA, 2014)

Cláudio Araújo recorda: “Muitos engraxates trabalhavam aqui na Praça da Matriz anos atrás. A Prefeitura disponibilizava até um jaleco para identificá-los. Também havia as vendedoras de tacacá. Infelizmente, não é possível encontrá-los aqui na praça hoje em dia”. Erisen Silva vai além e recorda que, anos atrás, os fotógrafos não prestavam serviços apenas na Praça da Matriz, como também em outros pontos do Centro da cidade: “Alguns clientes pediam para tirar fotografias fora da praça: os locais mais requisitados eram o Porto, Teatro Amazonas e o prédio da Alfândega”. Na concepção dos entrevistados, a localização entre as avenidas Sete de Setembro e Eduardo Ribeiro, que concentram um largo número de empreendimentos comerciais, assim como os aspectos físicos da praça em estudo – que contava com espaços como o Aviaquário Municipal e o grande número de transeuntes no local, fazem da Praça da Matriz um ponto estratégico fundamental para o profissional da fotografia.

As observações *in loco* nos proporcionaram conhecer a estrutura de trabalho dos fotógrafos na Praça da Matriz. “Aqui há, aproximadamente, 15 fotógrafos trabalhando em diferentes pontos da praça. Cada um tem seu posto específico”, afirma Erisen Silva. Fernando Pantoja nos apresenta como requisitos básicos para trabalhar na Matriz uma pequena banca e expor um mostruário: “Nós ficamos aqui na praça, com o mostruário de fotos em mãos e oferecemos nossos serviços. Alguns fotógrafos dispõem de uma pessoa para fazer esse trabalho”. Durante as entrevistas, os fotógrafos destacaram a importância de relacionar-se bem com os clientes. “A relação com o cliente precisa ser amistosa. Temos clientes de longa data aqui na Praça da Matriz e sempre que precisam tirar fotografia nos procuram”, afirma Erisen Silva. Claudio complementa a fala do colega de trabalho:

Alguns clientes que atendo na Praça da Matriz já me contrataram para fotografar batizado, aniversário ou casamento. É algo muito gratificante para mim, pois vejo

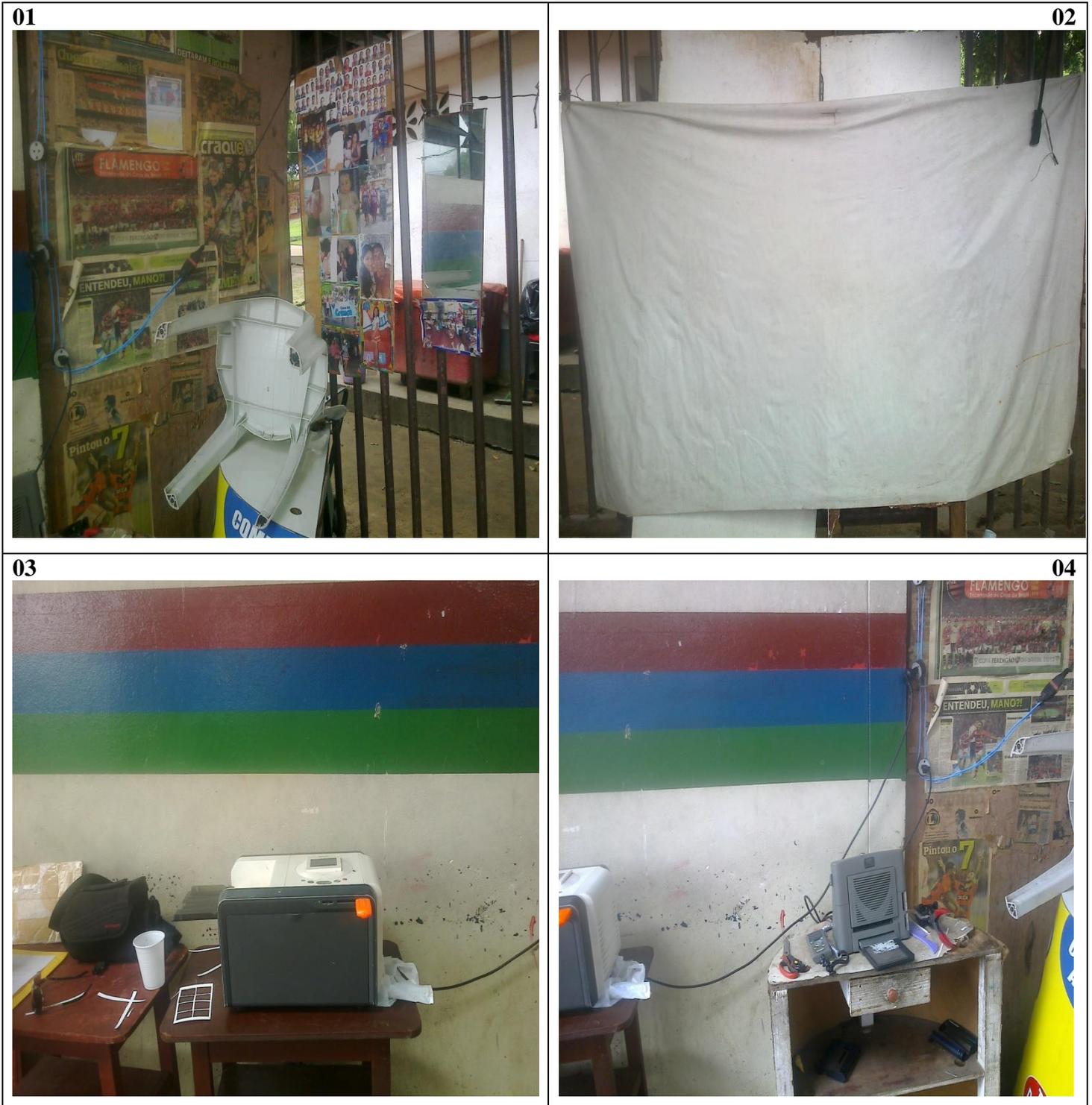
nessas oportunidades que meu trabalho é reconhecido, que as pessoas confiam na qualidade do serviço que eu presto (ARAÚJO, 2015).

A boa aparência é vista por Fernando como uma premissa fundamental para o fotógrafo da Praça da Matriz: “Desde que iniciei meus trabalhos na praça, procuro sempre vir bem vestido. Eu sou aquele fotógrafo tradicional, que ainda usa roupas brancas, pois preciso transmitir uma boa impressão ao meu cliente”.

A existência de um “estúdio” fotográfico, montado pelos próprios fotógrafos nas dependências da praça, foi um dos espaços que mais nos chamou atenção durante as pesquisas *in loco*. Segundo Fernando, revelar as fotografias nas dependências da praça é uma prática herdada dos primeiros fotógrafos lambe-lambe, pelo fato de não existirem muitos estúdios fotográficos em Manaus:

Antigamente nós tínhamos o canhão para revelar as fotos. O canhão é aquela máquina em que a pessoa colocava a cabeça dentro e revelava as fotografias no interior da câmara, para então se ter a fotografia. Eu não trabalhei com o canhão, pois tinha outra pessoa que o possuía. Nós tirávamos a fotografia aqui e íamos revelar com os donos dos canhões. Depois, marcávamos o tempo. Por exemplo, nós tirávamos as fotos durante a manhã, entre as 7:00 até às 8:00 horas. A partir das 10:00 horas mandávamos revelar as fotos e elas eram entregues para os clientes (PANTOJA, 2014)

A câmera a qual o fotógrafo se refere é o modelo *Bernardi*, criada pelo italiano Francisco Bernardi. Por conta da necessidade de se deslocar de um ponto a outro da cidade de São Paulo, o fotógrafo dedicou-se a pesquisar formas de incorporar à sua máquina um laboratório para poder revelar as imagens retratadas. Após várias tentativas, Bernardi desenvolve a máquina de jardim, onde era possível tirar e revelar fotografias. Com o passar dos anos, o equipamento foi simplificado e passou a ser comercializado. A máquina criada pelo italiano passou a ser a principal ferramenta de trabalho de grande parte dos fotógrafos das ruas durante o século 20 (KOSSOY, 1974, p.05).



**LEGENDA:** **01.** Espaço destinado para o cliente se arrumar antes de ser fotografado. **02.** Pano de fundo para as fotos para documentos. **03.** Máquina *Hiti*, equipamento utilizado para imprimir as fotografias. **04.** Máquina cortadora de papel fotográfico, etapa final da produção da fotografia.

SANTOS, A.V. Espaço de trabalho dos fotógrafos na Praça da Matriz. 2014. 29 f.

O “estúdio fotográfico” montado nas dependências da praça é resultado de uma ação coletiva de um grupo de fotógrafos que decidiram investir em equipamentos mais modernos para revelar as fotografias com maior rapidez na própria praça, sem precisar deslocar-se para algum estúdio fotográfico. “Aqui nós temos um espelho (legenda.01) para o caso do cliente desejar arrumar o cabelo, as mulheres queiram aplicar maquiagem, ajeitar a roupa etc”, afirma Fernando Pantoja. Por serem as fotografias para emissão de documentos as mais requisitadas pelos que buscam os seus serviços, os mesmos instalaram uma tela branca (legenda. 02) no local. “Depois do cliente se arrumar, nós pedimos para que ele sente em um banco na frente dessa tela branca, que serve como pano de fundo para a foto”, explica Pantoja.

Atualmente, os serviços fotográficos prestados pelos profissionais são realizados com equipamentos digitais. As câmeras possuem um chip, onde fica armazenada a foto do cliente. Esse é inserido em uma máquina chamada *HiTi* (legenda.03), equipamento responsável por reproduzir as fotografias no tamanho requisitado pelo cliente e, em poucos minutos, a fotografia é revelada e inserida em um equipamento onde é cortada (legenda. 04). O serviço é feito em, aproximadamente, 15 minutos.

As informações de Fernando Pantoja nos levam a refletir sobre a expansão da indústria fotográfica, equiparada por Benjamin a um nível semelhante ao da palavra oral (1985a, p.167). Observa-se que esse crescimento acarretou em vantagens e desvantagens para os profissionais da fotografia. No que concerne às vantagens, o surgimento do flash de magnésio, por volta de 1917, possibilitou captar imagens em ambientes sem luz natural. A compactação das câmaras também foi de grande valia para esses profissionais pois, com isso, o fotógrafo adquiriu mais mobilidade. No entanto, a difusão desses novos equipamentos acabou tornando-os cada vez mais acessíveis à sociedade e, conseqüentemente, houve uma diminuição na procura dos serviços desses profissionais. Vale salientar que os mesmos não deixaram de ser requisitados, mas seus serviços foram se restringindo a eventos formais. (SCHAPOCHNIK 1998, p.469-471).

Os fotógrafos que atuam no local não estão alheios às novas tecnologias. Pelo contrário, buscam acompanhar a evolução dos equipamentos fotográficos, como meio de manter-se no mercado e dinamizar o serviço prestado ao cliente, que busca por algo mais rápido, prático e eficiente. “A tecnologia veio para dinamizar o nosso trabalho”, afirma Erisen Silva. Contudo, o mesmo não pode ser dito quando se trata de capacitação profissional. Ao serem questionados se, em algum momento, os mesmos buscaram realizar algum curso profissionalizante na área da fotografia, a negativa foi unânime por parte dos profissionais entrevistados:

Confesso que nunca me interessei em fazer algum curso de fotografia. Primeiro porque não conheço algum local em Manaus que tenha esse tipo de curso. O segundo motivo é pelo fato do meu serviço aqui ser de tirar fotos de documentos, o que não exige um conhecimento mais aprofundado. Basta saber coisas básicas, como o enquadramento adequado da foto, reconhecer o melhor ângulo do cliente, iluminação, closes etc. (SILVA, 2015).

Em trinta anos, nunca fiz nenhum curso. O que sei, as coisas básicas da fotografia, aprendi quando era jovem. O resto aprendi com o tempo, com a prática. Mas sempre busquei me informar sobre quais são as melhores câmeras, os novos meios de revelação de fotos. Pode parecer pouca coisa, mas com isso consigo fazer meu trabalho. (PANTOJA, 2015).

Eu nunca tive a oportunidade de fazer um curso de fotografia, pois a minha renda não me permitiu. Sustentar a minha família sempre foi minha prioridade, e muitas vezes, o dinheiro não rendia tanto. Mas sempre procurei me informar. E embora não conheça essas técnicas mais modernas da fotografia, como photoshop, ofereço esse serviço aos meus clientes. Quando algum cliente quer uma resolução diferente na imagem, uma ampliação, ou até mesmo quando me procuram para fazer convites de aniversário para crianças, eu tiro a fotografia e levo para o meu amigo do estúdio fotográfico, que me presta esse serviço. (ARAÚJO, 2015).

Ao levantarmos a demanda de cursos profissionalizantes em fotografia ofertados em Manaus, encontramos três empresas privadas que fornecem o serviço. A duração dos cursos é, em média, de 6 meses, com o preço que varia entre R\$ 280,00 a R\$ 700,00 reais. Um dos cursos é voltado para iniciantes e os demais para aqueles que já atuam e possuem conhecimentos básicos no campo da fotografia. Em se tratando de divulgação, somente uma das empresas veicula a abertura de turmas para cursos de fotografia em jornais e na televisão.

As mudanças nas formas de uso do espaço da Praça da Matriz, assim como as de sua estrutura urbana também foi um assunto discutido com os fotógrafos. Cláudio Araújo declara que as mudanças que aconteceram na Praça da Matriz nas últimas décadas implicaram em grandes prejuízos para os fotógrafos: “Houve um tempo em que eu não tinha condições de sustentar a minha família devido à queda no número de clientes”. Perguntados sobre como as transformações sociourbanas ocorrentes na praça interferiram no trabalho como fotógrafo, os profissionais afirmam:

O serviço mudou muito aqui na Praça da Matriz nesses últimos anos. É claro que de vez em quando dá uma saudade de tirar fotos de pessoas aqui pela praça, nos jardins, no chafariz, na igreja. Também sinto falta de alguns amigos meus mais antigos. Quando a fotografia na praça deixou de ser um negócio lucrativo, muitos desistiram da profissão. Alguns eu nunca mais vi. Mas eu não saí daqui, pois, independente de tudo, amo a minha profissão. Não consigo me imaginar fazendo outra coisa na vida. E parte da minha vida eu vivi nessa praça, o que me faz ter um carinho por ela também: dói muito ver esse espaço assim, abandonado, esquecido, mas tenho esperanças de que um dia ela vai voltar a ser bonita e bem frequentada. E eu quero

estar aqui para fotografá-la e também oferecer meus serviços para quem vier visitá-la. (PANTOJA, 2015)

Quando comecei a trabalhar na Praça da Matriz, o carro-chefe já eram as fotos para documentos, então eu não me senti desvalorizado. Pelo contrário, sinto orgulho de mim, pois nunca pensei que trabalharia com fotografia. Quando comecei, não sabia mexer em uma máquina, nem conhecia os termos técnicos. Foi difícil no início, mas me empenhei a aprender, pois precisava desse serviço para sobreviver. Com o tempo comecei a fazer trabalhos mais importantes e hoje posso dizer que sou bom no que faço. (SILVA, 2015).

Meus pais trabalhavam na Praça da Matriz como retratista. Eu cheguei a trabalhar nesse ramo, mas com as mudanças na praça, tive que me readaptar. É claro que, no início, foi difícil para mim trabalhar somente com fotos para documentos, mas hoje eu não me vejo só como fotógrafo. Eu me vejo como um artista. Meu trabalho é registrar pessoas. É o que mais gosto de fazer. Então, quando me pedem para tirar uma foto, mesmo que seja para um documento, procuro sempre dar o meu melhor para satisfazer meu cliente, pois essa é uma forma dele conhecer meu trabalho e, quem sabe, abrir novas oportunidades de trabalho. (ARAÚJO, 2015)

A respeito das obras de reforma da Praça da Matriz, iniciadas em 2015, os fotógrafos salientam que a categoria busca dialogar com as autoridades para não serem retirados da praça, como aconteceu com os camelôs, em 2014. O fotógrafo Erisen Silva afirma:

A reforma da praça dificultou bastante o nosso trabalho, pois agora ficamos dispersos e os clientes demoram a nos encontrar. Alguns chegaram a pensar que tínhamos nos mudado para algum camelódromo. O Poder Público iniciou as obras de reforma da Praça da Matriz, mas ainda não se manifestou quanto a nossa permanência na praça. Ainda é algo incerto, mas eu espero que possamos permanecer aqui, pois a praça é o nosso ponto. Nosso trabalho já é uma tradição na Praça da Matriz (SILVA, 2015).

Os fotógrafos reivindicam melhor estrutura de trabalho, Fernando Pantoja argumenta que “para o nosso trabalho ficar melhor, só falta construir uma cabine para os fotógrafos e um espaço para os que ficam atraindo e trazendo os clientes para tirar fotos”. Erisen também afirma que seria conveniente o Poder Público investir não apenas em melhorias no aspecto estrutural da praça: “Seria interessante instalarem um stand de informações turísticas e locais para venda de comidas típicas, para atrair novamente a população para a praça”. Cláudio Araújo também se mostra esperançoso quanto a reforma da Praça da Matriz e espera que a categoria não seja esquecida pelos governantes:

Embora o Poder Público tenha esquecido os fotógrafos da Praça da Matriz, a população não nos esqueceu: muitas pessoas ainda vem até aqui para fotografar conosco. A única coisa que queremos é que o governo olhe por nós e proporcione condições melhores para exercermos nossa profissão. Esperamos que, durante o

processo de reforma da praça, o Poder Público lembre dos fotógrafos da Praça da Matriz. Nós não queremos trabalhar em shoppings ou em galerias. Queremos permanecer aqui na Praça da Matriz, pois é aqui que, desde sempre, exercemos a nossa arte (ARAÚJO, 2015).

Ao questionarmos os fotógrafos sobre as razões de preferirem continuar trabalhando na Praça da Matriz do que em estúdios fotográficos, os profissionais expõem diferentes argumentos:

Já fui convidado para trabalhar em alguns estúdios fotográficos, mas não aceitei pois o meu rendimento mensal cairia muito. Se fosse trabalhar em um estúdio, o proprietário me pagaria menos do que eu ganho aqui. Aqui na Praça da Matriz eu quem faço os meus horários e o que eu ganho é meu. (SILVA, 2015)

Na época em que comecei a trabalhar como fotógrafo, existiam poucos estúdios fotográficos em Manaus, por isso nunca me interessei em trabalhar neles. Hoje, além de trabalhar aqui na Praça, também presto serviços em um estúdio na Rua da Instalação, pois o dono é meu amigo e, quando ele precisa, eu dou uma ajuda e vice-versa. Quando faço as fotografias de eventos fora da praça, como batizados ou casamentos, vou até o estúdio dele e revelo as fotos por um preço menor. Mas não penso em sair da Praça, pois foi aqui que eu comecei a trabalhar como fotógrafo. Foi aqui que eu e meus pais trabalharamos grande parte da vida. (ARAÚJO, 2015).

Para mim, a Praça da Matriz é meu lugar de trabalho. Vai além de interesse material. Eu trabalho a vida inteira aqui, sou conhecido como Fernando, o fotógrafo da Praça da Matriz, como todos os meus colegas que trabalham aqui. Não me vejo saindo daqui para trabalhar em outro lugar. (PANTOJA, 2015)

Os fotógrafos mostram-se esperançosos quanto à continuidade da profissão de fotógrafos na Praça da Matriz no futuro. Para Fernando Pantoja, isso pode ser justificado pelo fato de:

A fotografia na Praça da Matriz é uma tradição: As pessoas se dirigiam até aqui e procuravam pelo fotógrafo, seja para tirar fotos aqui na praça ou em outros lugares. Tiveram fotógrafos que trabalharam aqui há mais de 40 anos, pais que ensinaram seu trabalho para os filhos, e que hoje trabalham aqui como fotógrafos (PANTOJA, 2014)

Cláudio Araújo reforça a assertiva de Pantoja. O fotógrafo afirma que nenhum de seus filhos desejou seguir sua carreira, mas isso não significa que a grande tradição de sua família tenha morrido:

Hoje em dia eu ensino o meu neto de cinco anos a fotografar. Para mim, é um grande orgulho seguir com a tradição da minha família: meus pais trabalharam na praça, eu e meus irmãos mais velhos trabalhamos aqui e espero que um dia possa ver meu neto trabalhando aqui também (ARAÚJO, 2015).



ARAÚJO, C. **Fotógrafo Cláudio Araújo (à esq.) ao lado do irmão (à dir.).** 1990. 30 f.

Os espaços públicos das grandes cidades abrigam diversos hábitos e costumes que resistem às transformações que ocorrem nos centros urbanos e evidenciam como a memória social se apoia em determinados lugares. Isso torna evidente que espaços como praças, parques, jardins etc, que exercem o papel de suporte estável e duradouro para a construção e transmissão de memória social. Os fotógrafos da Praça da Matriz são testemunhas oculares do processo de modernização mal planejado de Manaus nas últimas décadas do século 20, o qual resultou na descaracterização de vários espaços públicos, entre eles, a Praça da Matriz.

Os três fotógrafos entrevistados relataram a história de sua profissão nesse espaço, assim como as dificuldades para manter seu ofício vivo nos dias de hoje. Seus depoimentos explicitam o vínculo da mudança do papel social de seu ofício com as mudanças nas formas de uso e apropriação da praça em estudo. A estratégia encontrada pelos fotógrafos para se manterem no mercado foi mudar o segmento das fotografias, antes focada nos retratos de visitantes nas dependências da Praça da Matriz e agora voltada no ramo de fotografias para

emissão de documentos. Os profissionais não estão alheios aos avanços tecnológicos e nunca deixaram de se adaptar. Das máquinas tradicionais, passaram aos monóculos, polaroides e pelas máquinas ópticas na era do filme colorido, até chegarem aos equipamentos digitais e impressoras.

A partir da análise do que foi relatado pelos entrevistados, podemos elencar dois elementos como os responsáveis pela resistência e sobrevivência dessa categoria em pleno século 21 nas dependências da Praça da Matriz. O primeiro deles é o fato da fotografia ser mais do que um ofício: trata-se de uma tradição no espaço, conforme nos reforça Fernando Pantoja: “É uma tradição que nunca acabou e eu acho que não vai acabar. Ao invés de acabar, será ampliada de alguma forma, para que o nosso trabalho possa sobreviver”. Paradoxalmente, o segundo fator que perpetua o exercício da profissão de fotógrafo é a própria Praça da Matriz, reforçando as lições que nos ensina Maurice Halbwachs:

Atividades, profissões e todas as formas de negócio um pouco antiquadas que não tem mais lugar nas sociedades modernas, sobrevivem em virtude da força do hábito e desapareceriam, sem dúvida, se não agregassem obstinadamente aos locais que lhes eram outrora reservados (1990, p.138).

É a profunda relação estabelecida pelo fotógrafo ambulante com a Praça da Matriz que justifica a sua resistência e permanência nesse espaço público, apesar de todos os percalços enfrentados nas últimas décadas. Essa permanência acaba perpetuando uma tradição que sobrevive em um ambiente que sofre, a cada dia, grandes mudanças urbanas, sociais e culturais. Logo, a função social de profissionais como Fernando, Cláudio, Erisen e tantos outros fotógrafos ambulantes presentes nos espaços públicos das grandes cidades que lutam diariamente para manter seu ofício vivo não se restringe apenas ao papel de profissionais do campo da fotografia. Esses indivíduos são guardiões da memória e cronistas visuais de uma comunidade em constante transformação.



ARAÚJO, C. *Fotógrafos da Praça da Matriz*. 2006. 31 f.

Cabe destacarmos também que a Praça da Matriz, bem como outros espaços da cidade de Manaus, foram perpetuados em fotos que circularam o país e o mundo, através dos cartões-postais, mensageiros de emoções e sentimentos. Por essa razão, é pertinente analisarmos os cartões postais da Praça da Matriz enquanto documentos visuais que refletem, em diferentes ângulos e momentos históricos, as mudanças socioculturais de Manaus.

### 3.3. PRAÇA DA MATRIZ: UM OLHAR ATRAVÉS DOS CARTÕES-POSTAIS

Os cartões-postais são um convite a uma viagem. Desde sua criação na Áustria em meados de 1860 os postais foram, por muitas décadas, um meio de comunicação capaz de transportar beleza e informações. Após atingir seu destino postal, o sujeito que recebia o cartão embarcava em uma viagem virtual por outros mundos, através dos recursos visuais dos postais e da sua própria imaginação. (SCHAPOCKNIK, 1998, p. 424). No Brasil, os primeiros cartões-postais datam de 1880. A produção era controlada pelo governo e ilustrados apenas com as armas do Império brasileiro. Em 1889, o Estado autorizou a produção de postais por empresas particulares. É nesse período que surgem os primeiros cartões-postais ilustrados com imagens do país. Os postais tiveram uma grande aceitação no Brasil. Para que

se tenha uma noção quantitativa, nas primeiras décadas do século 20, os Correios haviam distribuído mais de 4.000.000 de postais (GORBERG; CASTRO, 2006, p.61).

A importância dos cartões-postais não se limita a função de meio de comunicação escrito. Importante ferramenta de difusão de imagens, os postais passaram a ser um instrumento de mídia, que nos revelam elementos significativos sobre modos de vida, usos e costumes, curiosidades acerca de povos e países, importantes nos campos da história, geografia, turismo, arquitetura e urbanismo, entre outros. Em se tratando de Manaus, os grandes projetos de modernização da capital, que já eram alvo de muitos fotógrafos, foram vinculados aos postais, que passaram a ser um forte meio de publicidade do “progresso” nos demais estados brasileiros e no exterior. Imagens de monumentos, paisagens, espaços públicos, enfim, uma infinidade de cenas foram fotografadas e, em seguida, comercializadas em cartões-postais.

Quem nos traz essa confirmação é o sociólogo Gilberto Freyre com o texto *Informação, comunicação e cartão-postal* (1978, p.146-161). Freyre discorre que, enquanto transitava por tendas da Feira da Ladra, em Lisboa, deparou-se com um material precioso: um conjunto de postais enviados por imigrantes portugueses residentes em Manaus e Belém no início do século 20, período áureo da borracha: “Adquiri-os de vários vendedores parecendo-lhes que meu interesse era pelas vistas. Belas fotografias coloridas”. O interesse maior de Freyre, porém, era o de analisar e interpretar as mensagens escritas no verso das fotografias (1978, p.151).

Munido dos postais com “ilustrações da Amazônia brasileira dos grandes dias da borracha” (1978, p. 147), Freyre estabelece uma analogia entre o material coletado com anúncios de jornais. O sociólogo destaca o papel do jornal enquanto importante testemunho de valor informativo, sugestivo, informático e, no caso do Brasil, como importante contribuinte para o abasileiramento da língua portuguesa e questiona se os cartões-postais possuíam poder informativo semelhante. Seria possível os cartões-postais produzidos em um tempo social específico informar, sugerir e revelar aspectos relacionados a um meio ou acontecimentos? (1978, p.146). Norteados por esses questionamentos, tomaremos cartões-postais contendo imagens da Praça da Matriz como documentos/representações de acontecimentos registrados pelo fotógrafo-editor e, diferindo de Freyre, interpretaremos através das imagens neles impressas os acontecimentos socioculturais registrados no período de sua veiculação, com a finalidade de compreender se o material era, basicamente, representações visuais da cidade de Manaus. Para responder esse questionamento, exploramos

o acervo de cartofilistas<sup>3</sup> como Selda Vale da Costa, Audrim Almeida, Gisella Braga e Otoni Mesquita.

Audrim Almeida, proprietário do Antiquário Império, localizado no bairro de Aparecida, possui um acervo com mais de 300 cartões-postais da cidade de Manaus. “Aqui na loja nós comercializamos vários tipos de postais de diferentes épocas e locais. A faixa de preço está entre R\$ 5,00 até R\$ 200,00 para os mais raros”. Otoni Mesquita também nos disponibilizou sua vasta coleção de postais. O docente da Universidade Federal do Amazonas iniciou sua coleção de postais quando ainda jovem: “Costumava juntar dinheiro e comprar postais de Manaus na Livraria Acadêmica e bancas de revistas. Com o tempo, fui aumentando o número de postais. Alguns eu comprei no Rio de Janeiro e no exterior”.

Durante o levantamento no acervo dos dois colecionadores, coletamos mais de 100 cartões-postais ilustrados com fotografias de diferentes espaços do centro de Manaus, dos quais 30 continham imagens da Praça da Matriz. Para fins de analisar o discurso visual da praça, selecionamos 12 postais que revelam distintos aspectos desse espaço no decorrer de sua história. Buscamos resgatar o contexto histórico de alguns elementos representados nos postais, por meio de estudos que descrevem o cotidiano da capital. O modo como os elementos são inseridos pelos autores das imagens, a capacidade técnica demonstrada no processo fotográfico, a procura de ângulos e perspectivas que melhor evidenciassem os elementos retratados, além dos trabalhos laboratorial e gráfico também foram ressaltados durante a análise dos postais.

O primeiro postal, intitulado *Manáos* (fig. 32), foi produzido por volta de 1860, durante o período Provincial. O enquadramento da imagem nos proporciona uma vista panorâmica do centro de Manaus. Por conta do ângulo da fotografia, acredita-se que o fotógrafo, no momento em que captou esta imagem, estava a bordo em alguma embarcação. O postal nos revela alguns aspectos urbanos significativos da capital.

O primeiro a ser notado é que a cidade encontrava-se assentada em um terreno irregular, cortada por dois igarapés e, sobre os dois, encontrava-se uma ponte de madeira. As construções eram feitas com matérias prima da região, como palha, madeira e barro. De acordo com o viajante Robert Avé-Lallemant (1980), apesar de estarem “lindamente situadas” (p.101), poucas eram as obras arquitetônicas pela cidade. Dentre essas, temos retratado no

---

<sup>3</sup> Um outro conhecido colecionador de cartões-postais no Amazonas é Joaquim Marinho. Os pesquisadores Moacir Andrade e Mario Ypiranga Monteiro também eram conhecidos por suas respectivas coleções de cartões-postais

postal a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, ainda em seu processo de construção. A imagem evidencia a inexistência do Porto de Manaus, construído somente em 1902.

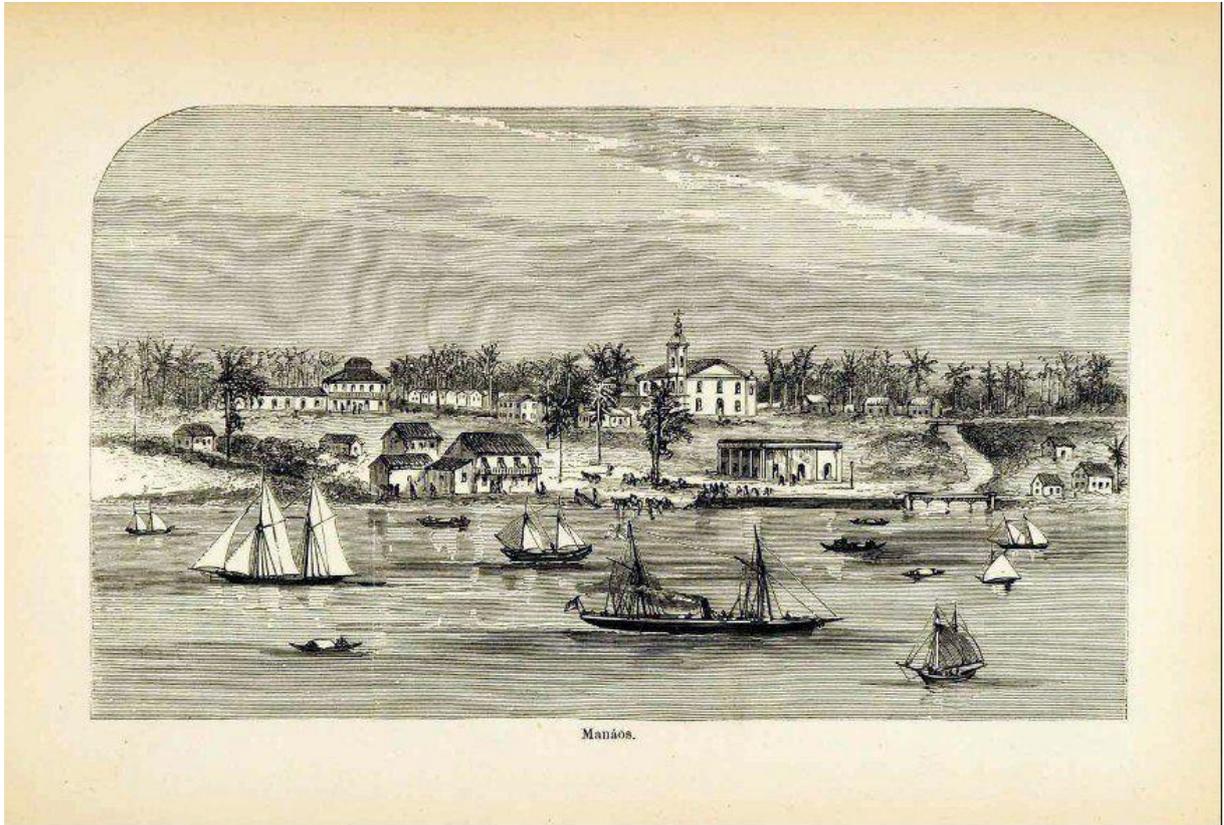


Figura 32: Cartão-Postal *Manaus*  
Ano: Circa 1860  
Acervo: Gisella Braga

Analisando especificamente o aspecto físico da Praça da Matriz, observa-se uma extensa área em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, fronteira ao igarapé do Espírito Santo. O local era conhecido por Praça da Imperatriz e seu surgimento se deu após o aterramento do igarapé da Olaria, na década de 60 do século 19. (MESQUITA, 2006, p.278). De acordo com Pinheiro (2003), foi construído na Praça da Imperatriz o primeiro cais da cidade, conhecido por *Cais da Imperatriz*, onde as catraias e alvarengas aportavam. A imagem indica que a praça era circunda por palmeiras, contudo, não apresentava calçamento, tampouco elementos arquitetônicos.

Os cartões-postais do início do século 20 nos revelam a Manaus que vivenciava o auge econômico proveniente da comercialização da borracha. Os aterros dos igarapés, a abertura de ruas e avenidas, a renovação dos prédios públicos, as construções monumentais, os novos espaços de lazer e a incorporação de tecnologias urbanas modernas, como o sistema

de bondes e iluminação elétrica, passaram a ser as temáticas que ilustravam os postais da época.



Figura 33: Cartão-Postal *Praça da Matriz e Alfândega*  
 Ano: Circa 1900  
 Editora: Casa Freitas  
 Acervo: Gisella Braga

No cartão-postal acima (fig.33), por exemplo, visualizamos a então Praça da Imperatriz, que passou a ser denominada como Praça 15 de Novembro, nomenclatura alusiva à data da Proclamação da República e a área portuária de Manaus, com destaque ao prédio da Alfândega. Além desses dois elementos, o ângulo escolhido pelo fotógrafo nos proporciona uma visão da Avenida Eduardo Ribeiro e de algumas das construções que compõem o seu entorno. Em se tratando do aspecto estético do cartão-postal, acredita-se que a empresa responsável pela emissão do postal realizou um trabalho de colorização da fotografia.

A imagem revela a conclusão do aterramento do igarapé do Espírito Santo, que cedeu espaço à avenida Eduardo Ribeiro. As construções de seu entorno são de alvenaria, porém não muito altas. A área da Praça 15 de Novembro ainda é desprovida de elementos ornamentais. Isso se deve ao fato do então governador Fileto Ferreira ter priorizado as obras de embelezamento dos jardins laterais da Igreja da Matriz. Estima-se que as obras de melhorias na praça foram concluídas somente em 1902. (MESQUITA, 2006). Também é possível observarmos uma área composta por uma vasta vegetação, espaço esse

correspondente ao Horto Municipal. Ao fundo, visualizamos a área portuária de Manaus, em que se destacam o prédio da Alfândega, construído em 1888 e alguns armazéns edificadas pela empresa Manáos Harbour Limited.

O postal nos leva a refletir sobre a expansão urbana da capital amazonense. A cidade de Manaus floresceu na confluência dos rios Negro e Solimões, por onde passou a estabelecer sua comunicação e atividades comerciais. Logo, sua expansão tendia a acompanhar as margens do rio Negro. Entretanto, a partir do século 20, o planejamento urbanístico da cidade passou a priorizar uma expansão no sentido norte-sul, fazendo a cidade crescer dando as costas para o rio.



Figura 34: Cartão Postal *Jardins da Matriz*  
Ano: Circa 1900  
Autor: Felipe Fidanza  
Acervo: Selda Vale da Costa

No cartão-postal acima (fig.34), temos a representação de um dos jardins laterais da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, situado na Rua da Instalação. Ao fundo, podemos avistar a avenida Sete de Setembro, bem como alguns empreendimentos comerciais. A fotografia é de autoria de Felipe Fidanza, um dos pioneiros no gênero cartões-postais fotográficos no Brasil.

A imagem nos remete à necessidade da criação de espaços verdes voltados para o lazer da população na área urbana de Manaus. O ângulo escolhido por Fidanza nos permite contemplar alguns dos elementos arquitetônicos que passaram a compor os Jardins da Matriz após o término das obras no local. Além da vegetação própria do jardim, vemos que a obra de

calçamento do local fora concluída e o espaço passou a contar com equipamentos industrializados, como bancos e fontes ornamentais. A reprodução de elementos naturais foi uma tendência marcante nas obras de embelezamento dos espaços públicos da capital, representada no postal do Jardim da Matriz por um pequeno lago artificial.

Fidanza buscou retratar dois indivíduos nas proximidades do lado da praça. Um deles está com um carrinho de mão, o que indica que se trate de algum responsável pela manutenção e limpeza do local. Mesquita (2006) descreve os Jardins da Matriz como espaços de aspecto regular e agradáveis. As melhorias estruturais executadas nas praças fizeram com que a população frequentasse assiduamente tais espaços tornando-os, assim, uma das principais opções de lazer na cidade, uma vez que era uma forma de estar em contato com a natureza e de participar de eventos culturais.

Outro fotógrafo que teve muitas de suas fotografias transformadas em cartões-postais foi George Huebner. No postal abaixo (fig. 35), por exemplo, cuja data de expedição é 20 de setembro de 1915, o enquadramento da fotografia nos permite visualizar a Rua Municipal, atual avenida Sete de Setembro. O ângulo escolhido por Huebner também nos proporciona uma visão da Praça da Matriz (à esq.) e de alguns empreendimentos comerciais presentes na avenida Eduardo Ribeiro (à dir.). No postal, vemos a loja *Canto das Novidades*, expondo ao destinatário do postal que essa é uma das áreas de grande movimentação comercial da capital. Há também um fluxo de pessoas transitando nas ruas largas, pavimentadas e arborizadas da cidade.



Figura 35: Cartão-Postal *Rua Municipal*

Ano: Circa 1905

Autor: George Huebner

Acervo: Gisella Braga

Porém, o maior destaque da imagem cabe aos aparatos tecnológicos que compõem a avenida. O postal destaca o sistema de bondes elétricos, viação pública que ligava o perímetro urbano aos subúrbios. As estações centrais, pequenos abrigos onde a população aguardava os bondes, estavam situadas em dois pontos da Praça da Matriz: um, em frente à Praça do Comércio, nas proximidades do antigo prédio da *Manáos Trawmays* e o segundo na Avenida Eduardo Ribeiro. O passeio de bonde tornou-se também uma opção de lazer para o manauara. Nos finais de semana, famílias saíam para passear em suas linhas favoritas. (PERES, 1984).

Na imagem, destaca-se também um poste, o que indica a existência de iluminação elétrica na capital. O pesquisador Mavignier de Castro (1948, p.171) afirma que Manaus poderia “jactar-se de ter sido a segunda cidade brasileira que teve iluminação elétrica”. Com isso, acredita-se que o intuito principal do cartão-postal era divulgar a imagem de uma capital cosmopolita, de vida comercial agitada e com uma infraestrutura urbana diferenciada, provida dos mais modernos serviços urbanos na época. Entretanto, ambos os serviços apresentavam deficiências. Bairros mais afastados da zona central ainda eram iluminados com lampiões. As empresas concessionárias do sistema de transporte por bondes eram duramente criticadas por conta de inadimplências na prestação de serviços. (MESQUITA, 2006).

A partir da segunda metade do século 20, os cartões-postais da Praça da Matriz passam a ilustrar não só aspectos físicos do logradouro, como também práticas de sociabilidade. Nesse período, o homem passa a ser um elemento constantemente retratado nos postais da praça, conforme é possível constatar no postal *Praça Oswaldo Cruz e Alfândega* (fig. 36), em que temos uma representação daquilo que seria um dia de grande movimentação na praça.



Figura 36: Cartão-Postal *Praça Oswaldo Cruz e Alfândega*

Ano: Circa 1940

Editora: A Favorita

Acervo: Otoni Mesquita

Pelo ângulo escolhido pelo fotógrafo – a partir da Igreja de Nossa Senhora da Conceição – temos uma visão da Praça 15 de Novembro, agora conhecida como Praça Oswaldo Cruz, da área portuária da cidade e uma vista privilegiada do rio Negro. À direita da imagem, encontra-se um espaço em forma de clave, que seria o antigo Jardim Santos Dumont, indicando a ampliação da estrutura física da Praça da Matriz. O postal também nos mostra a presença de alguns automóveis, tidos como verdadeiros artigos de luxo, pois eram acessíveis a uma pequena camada da sociedade da época.

No geral, o cartão-postal acima nos remete às práticas de lazer comuns na sociedade manauara no século 20: as praças e o Porto. Vemos no postal uma Praça da Matriz onde ainda se mantinha viva a prática da sociabilidade. As praças eram espaços “arborizados e divididos em canteiros de grama bem cuidada [...] essas praças, impecavelmente limpas e verdes, eram

refúgios onde gente de todas as idades espreitava nos mornos e tranquilos fins de tarde” (PERES, 1984, p.28). Nota-se grande contingente de pessoas se dirigindo ao Porto de Manaus, outro espaço muito frequentado pela sociedade da época.

O próximo cartão-postal (fig. 37) nos apresenta uma vista panorâmica da área central de Manaus em meados dos anos 1950 e, a partir dele, é possível tecermos considerações quanto à paisagem urbana da capital no período supracitado.



Figura 37: Cartão-Postal *Praça da Matriz e Avenida Eduardo Ribeiro*  
 Ano: Circa 1950  
 Editora A Favorita  
 Acervo: Audrim Almeida

Ao analisarmos o ângulo da fotografia, deduz-se que o fotógrafo registrou a imagem a partir do prédio da Alfândega. O cartão-postal apresenta a primeira visão que se tinha ao aportar em Manaus. Vê-se a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e o Jardim Oswaldo Cruz, além de monumentos como o Obelisco e o Relógio Municipal, situados na Avenida Eduardo Ribeiro. Mais ao fundo, o visitante contemplava a torre da Igreja de São Sebastião e a cúpula do Teatro Amazonas. A imagem nos revela que, até meados dos anos 1950, nenhum edifício se destacava na paisagem da avenida Eduardo Ribeiro. Ao nos remetermos às figuras 33 e 36, é possível constatar que o percurso do local era composto por construções baixas e com dois pavimentos, no máximo. Também identificamos no postal acima um abrigo extenso entre o

Relógio Municipal e o Obelísco, conhecido pela população como *Tabuleiro da Baiana*, utilizado como um terminal de integração.

No final dos anos 1940, os bondes param de circular na capital. Com isso, surgiram as primeiras linhas de ônibus em Manaus, os quais encontramos retratados em alguns cartões-postais, como o abaixo.



Figura 38: Cartão-Postal *Praça Oswaldo Cruz*

Ano: Circa 1960

Editora A Favorita

Acervo: Otoni Mesquita

Temos aqui uma vista panorâmica da Praça Oswaldo Cruz (fig. 38), a partir da avenida Eduardo Ribeiro. Do ângulo escolhido pelo fotógrafo, é possível visualizarmos não apenas a Praça da Matriz, como também o fluxo de veículos e transeuntes no local. Destacam-se os dois terminais de integração existentes na Praça. O primeiro, conforme mencionado anteriormente, na Avenida Eduardo Ribeiro. O segundo estava localizado na Praça do Comércio, em frente ao prédio da antiga Booth Line. Observa-se que a circulação de transportes públicos era organizada, sem promover efeitos negativos à estrutura física do local ou interferir no fluxo de pessoas na praça.

Nesses abrigos também funcionavam pequenos bares e cafés que, aliados ao serviço de terminal viário, fizeram da Praça da Matriz um dos principais pontos de encontro da

cidade, com uma movimentação que entrava pela madrugada, conforme Peres (1984, p. 24) rememora: “Na esquina da rua Tamandaré ficava *A Mimosa*, um botequim que sucedera a antiga *Bolsa Universal*. Mais adiante, no canteiro em frente ao Banco do Brasil, sombreado por imensas mangueiras, o *Pavilhão Universal*”.

O enquadramento da fotografia também retrata outro elemento que se destaca na paisagem. O prédio do Instituto de Aposentadoria e Pensões de Trabalhadores em Empresas e Cargas (IAPTEC), situado em frente à Praça Dom Pedro II, no início da avenida Sete de Setembro. Durante muitos anos, este foi o edifício mais alto da cidade, contando com dez andares. A imagem impressa nesse cartão-postal nos chama atenção para os primeiros momentos do processo de verticalização do centro da capital.

Nos anos 1970, Manaus presencia o surgimento do capital industrial, representado pela Zona Franca de Manaus. Muitas são as mudanças impressas na paisagem urbana da capital e no cotidiano da população. Essas transformações urbanísticas são encontradas nos cartões-postais produzidos na época. São imagens que representam um contraste entre progresso e a descaracterização de diversos pontos da cidade, entre eles, a Praça da Matriz.

Nesse cartão-postal abaixo (fig. 39), captado em um ângulo semelhante ao da figura 37, é possível observar os primeiros impactos causados pelo processo de verticalização da capital na paisagem da avenida Eduardo Ribeiro. Ao fundo, avistamos o edifício residencial *Maximino Corrêa*, construído no local onde se encontrava o Palacete da família Miranda Correa. A construção passa a obstruir a visão que se tinha da cúpula do Teatro Amazonas e da Igreja de São Sebastião. Esse postal reflete o claro contraste das mudanças urbanísticas promovidas no Centro de Manaus no final do século 20. De um lado, encontram-se as tradicionais construções erguidas durante a belle époque e das décadas posteriores. Do outro lado, as construções modernas, representadas pelos prédios que viriam a tomar a maior parte da paisagem da área central de Manaus.



Figura 39: Cartão-Postal *Praça da Matriz e Avenida Eduardo Ribeiro*

Ano: Circa 1970

Editora: EDICARD

Acervo: Otoni Mesquita

Outra mudança significativa na capital – e na Praça da Matriz – foi no trânsito. A partir dos anos 1970, Manaus apresentou um crescimento abrupto no contingente de veículos particulares. É nesse período que surgem os primeiros estacionamentos no Centro de Manaus. Os cartões-postais da Praça da Matriz refletem as consequências no aumento da frota de veículos da capital. Ao observarmos os postais 39 e 40, é possível constatar que o entorno da praça começa a ser utilizado como estacionamento, o que causa certa poluição visual na paisagem do logradouro. Apesar disso, percebe-se que ainda é possível transitar pelas dependências do espaço, pois o calçamento fora preservado.



Figura: 40: Cartão-Postal Avenida Eduardo Ribeiro  
Ano: Circa 1970  
Editora A Favorita  
Acervo: Selda Vale da Costa

Conforme já mencionamos em capítulos anteriores, a partir dos anos 1970 Manaus apresenta uma rápida expansão urbana. Os administradores públicos viram-se perante a necessidade de transformar a capital em um espaço condizente com esse novo *boom* econômico que surgiu no final do século 20. Entretanto, não houve um planejamento urbanístico adequado para nortear as intervenções urbanísticas promovidas na capital, o que acarretou em crescimento desordenado, marcado pela descaracterização de diversos pontos da cidade. O Centro de Manaus é o grande exemplo das ações mal planejadas do poder público local, pois reflete os impactos negativos dessas mudanças urbanas. Os cartões-postais da Praça da Matriz também retratam esse importante momento da história de Manaus.

O cartão-postal abaixo (fig. 41) visa transmitir ao remetente a vista aérea da capital amazonense com destaque ao grande número de edifícios, evidenciando uma cidade que vivencia o processo de modernização e expansão de sua estrutura urbana.



Figura 41: Cartão-Postal *Vista Aérea – Centro com Praça da Matriz*

Ano: Cerca 1980

Editora EDICARD

Acervo: Audrim Almeida

Contudo, o que nos chama mais atenção é o Conjunto Arquitetônico da Praça da Matriz. Após as intervenções urbanas promovidas na praça a partir da gestão do então prefeito de Manaus Jorge Teixeira, vê-se que a maior parte dos jardins foram destruídos. O objetivo da mudança era abrir vias para o tráfego de veículos na região da cidade e ceder espaço a estacionamentos. As dependências da praça limitaram-se aos jardins situados nas laterais da Catedrale a Praça Oswaldo Cruz, em frente à Igreja da Matriz. A área verde do local também foi drasticamente reduzida. O postal nos proporciona, também, uma visão do edifício onde hoje funciona o Ministério da Fazenda, construído na década de 1970, em frente à Praça Oswaldo Cruz.

Após a descaracterização do espaço físico da Praça da Matriz, os postais produzidos sobre a mesma adquirem uma nova perspectiva. A partir dos anos 1990, os cartões passam a

ilustrar vistas aéreas do local, com enfoque maior à Igreja da Matriz e ao que restou de sua estrutura física.

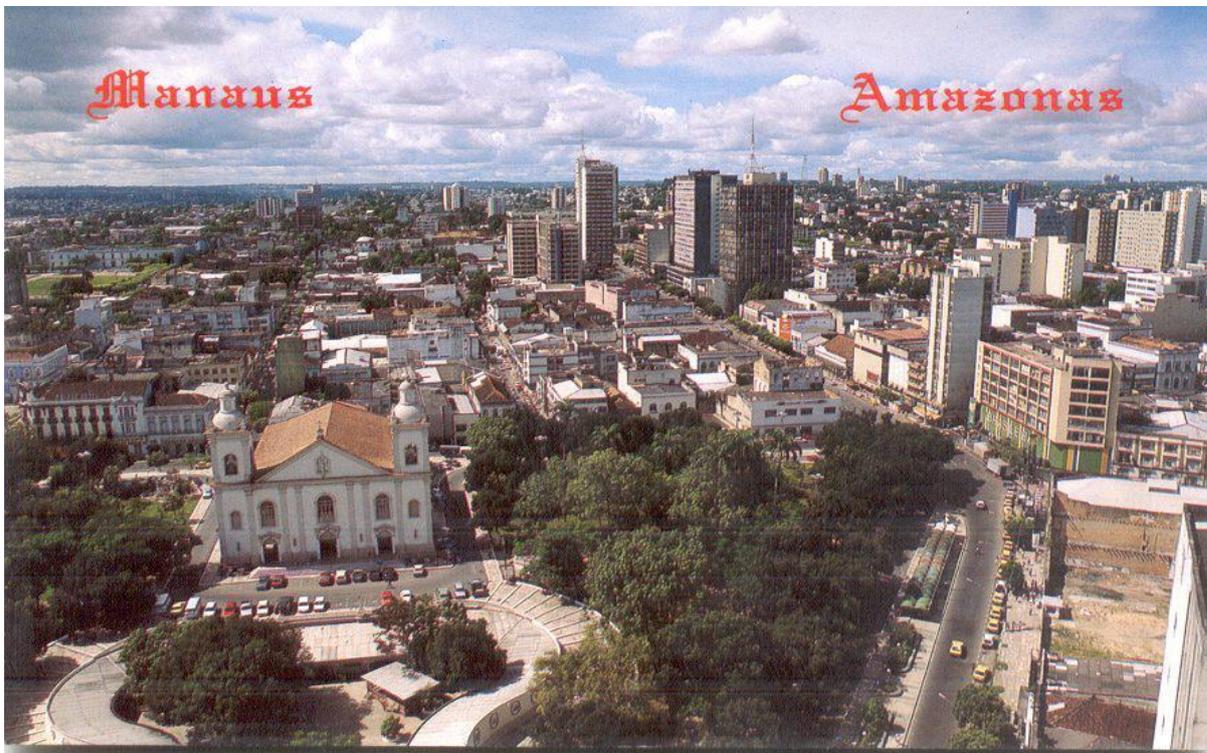


Figura 42: Cartão-Postal *Praça da Matriz – Manaus-AM*  
Ano: Circa 1990  
Editora Litoarte  
Acervo: Gisella Braga

Esse quadro mudou ainda nos anos 1990, visto que o entorno da Praça da Matriz passou a ser ocupado por vendedores ambulantes, o que comprometeu não apenas a estrutura física do local, como também a imagem do espaço público. Atualmente, os cartões-postais produzidos sobre a Praça da Matriz limitam-se a reproduzir a Igreja de Nossa Senhora da Conceição (fig. 42), única construção do conjunto arquitetônico da praça em bom estado de conservação.



Figura 43: Cartão-Postal Igreja de Nossa Senhora da Conceição

Ano: Circa 2010

Editora: Amazônia Card

Acervo: Adrielly Vaz dos Santos

Além do atributo de suporte para mensagens, os cartões-postais possuem um “valor de exposição”, explicado por Benjamin como o momento em que a exponibilidade de certa obra de arte expandiu-se em grande escala, devido aos novos métodos de reprodutibilidade técnica (1985a, p.173). Ora, as cidades precisam ser conhecidas e vistas, não apenas por seus moradores e visitantes, mas também por um grande número de pessoas nos mais diferentes locais do país e do mundo. Os cartões-postais surgem como uma reprodução da cidade com um alto valor de exposição. As imagens neles impressas retratam diferentes espaços, sujeitos e acontecimentos sociais, tornando-se verdadeiros testemunhos dos diferentes processos pelos quais as cidades atravessaram nas últimas décadas.

É importante tecer uma observação quanto ao valor de culto desse material. Em Benjamin vemos que a reprodução técnica em massa faz com que o valor de culto das obras de arte recue perante o valor de exposição (1985a, p.174). No decorrer desse estudo, vimos que os cartões-postais retratam as transformações sociourbanas que cada época imprimiu na paisagem urbana de Manaus. Assim, com o passar do tempo, os postais se transformaram em instrumento importante de informação e conhecimento, capazes de proporcionar uma compreensão redutiva da paisagem e de acontecimentos que marcaram a capital.

Ao olharmos os cartões-postais produzidos sobre Manaus nos dias de hoje em relação aos do passado, percebemos que o foco principal de ambos é retratar tanto construções históricas, como também aspectos sociais da cidade e de seus habitantes. Nas coleções de Almeida e de Mesquita, encontramos postais ilustrados com imagens da Cidade Flutuante e de frequentadores da Praia da Ponta Negra, por exemplo. Hoje em dia, nota-se que as imagens difundidas nos cartões-postais restringem-se a pontos turísticos consolidados na cidade, como Teatro Amazonas, Palácio da Justiça, Mercado Adolpho Lisboa, Ponta Negra etc; obras que representam a modernidade na capital - Ponte Rio Negro e o estádio de futebol Arena da Amazônia - e aspectos ecológicos e culturais da região amazônica – os rios, gastronomia local e espécies da fauna e flora. Os cartões-postais contendo imagens de aspectos sociais da região limitam-se a retratar povos indígenas e ribeirinhos. Diferente dos postais da segunda metade do século 20, o cidadão manauara, bem como seu cotidiano, desapareceram das ilustrações dos postais veiculados hoje em dia. Concluimos, assim, que o cartão-postal se transformou em instrumento de veiculação das ofertas turísticas oferecidas no Amazonas.

Ao tomarmos os cartões-postais produzidos sobre a Praça da Matriz em diferentes épocas como documentos e após analisarmos suas respectivas narrativas visuais, observou-se não apenas as mudanças que ocorreram em Manaus nas últimas décadas, como também diferentes aspectos socioculturais que desapareceram e/ou cederam lugar para outros que surgiram. A partir das reflexões aqui empreendidas, é possível respondermos à indagação proposta por Freyre no início deste texto. As imagens reproduzidas nos postais despertam em nós uma percepção afetiva e estética: esses registros tornaram-se uma espécie de “mapa” que, no caso desse estudo, nos conduz por uma Praça da Matriz que não conhecíamos. Através dos postais, foi possível “visitar” esse logradouro e nos surpreender com as memórias do passado que esses materiais evocam.

Para compreendermos a relação entre a Praça da Matriz com a fotografia percorremos um longo caminho, iniciando pelo surgimento e consolidação da fotografia no decorrer do século 19, enquanto técnica que tornou visíveis lugares e pessoas, através da reprodução da imagem, que proporcionou novas percepções sobre o mundo. A fotografia pode ser interpretada como um suporte da memória, visto que se trata de uma fonte inesgotável de informações e emoções do mundo físico e natural, da vida individual e social. (KOSSOY, 2001, p.156). A partir da concepção de Kossoy, é possível interpretarmos os registros iconográficos produzidos por diferentes fotógrafos que percorreram a Amazônia no decorrer dos séculos como documentos/representações visuais de caráter relevante, pois revelam a proposta estética do fotógrafo, bem como sua interpretação ideológica acerca de

vários aspectos da cidade. Tais fotografias também podem ser vistas como significativas ferramentas publicitárias da região, pois divulgaram e ainda divulgam informações visuais de caráter relevante sobre a Amazônia.

O estudo acerca dos principais nomes do campo da fotografia em Manaus, como também sobre os fotógrafos *lambe-lambes* da Praça da Matriz nos ajudaram a ver esses profissionais como construtores da memória visual da cidade de Manaus e de seus habitantes. Suas produções fotográficas revelam cenas de importantes momentos históricos da capital, evidenciando as mudanças urbanísticas, sociais, econômicas e ambientais ocorridas em Manaus no decorrer dos anos. Outro instrumento de narrativa visual significativo são os cartões-postais. Utilizados por aqueles que precisavam informar ou saudar destinatários ausentes, os postais transportavam imagens de aspectos da região amazônica. O ato de guardar os postais recebidos contribuiu para a preservação desses pequenos fragmentos de memória visual repleto de lembranças e informações.

As fotografias da Praça da Matriz proporcionam uma ampla narrativa visual no decorrer desse estudo. Através da análise desses registros iconográficos, concluímos que a produção da paisagem urbana é um processo contínuo e descontínuo no tempo e no espaço. Tal ação interfere de forma direta nas relações sociais que se concretizam nos espaços públicos. As fotografias estudadas neste capítulo revelam que, no decorrer do processo de desenvolvimento urbano de Manaus, alguns espaços, hábitos, costumes desapareceram da população. Outros se transformaram e/ou foram recuperados, apresentando uma nova funcionalidade no meio social. Assim, compreendemos a fotografia como um elemento de suma importância do processo de formação da memória da cidade de Manaus e de seus habitantes, uma vez que tais registros iconográficos revelam cenas de momentos por nós não presenciados, o que nos possibilitam tecer diferentes interpretações sobre a cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre o antigo e o novo, investigar os rastros do passado, não tão óbvios no presente e, a partir deles, reconstruir os fatos a ponto de compreendê-los de forma mais ampla é algo fascinante. Ao observarmos as grandes metrópoles, é possível encontrarmos espaços que resistem às grandes mudanças urbanas. Tais fragmentos não são apenas cenários inertes para as relações humanas: ruas, avenidas, edifícios, monumentos, praças são capazes de revelar as mais variadas manifestações socioculturais de um determinado período histórico, proporcionar um maior entendimento sobre os processos que, no decorrer do tempo, foram responsáveis por suas transformações e revelam o modo como as pessoas usufruem desses elementos urbanos, que são as bases concretas da memória de certos grupos sociais, uma vez que tais espaços remetem à história da sociedade, viabilizando a construção de identidades coletivas e sociais. Vale salientar também que nas cidades, tudo já teve sua época, tudo já teve alguma função: o que um dia esteve no auge, hoje pode ter caído no ostracismo. Outros hábitos, costumes ou tradições, apesar das dificuldades e desafios impostos pela sociedade moderna, ainda persistem.

Nesta dissertação intentou-se compreender, de forma mais aprofundada, as mudanças nas relações sociais na Praça da Matriz a partir da memória impressa na experiência de seus frequentadores, de seus estudiosos e das imagens que ficaram. Para isso estruturou-se três capítulos, em que foram abordados diferentes segmentos memoriais: *Documental*, por meio de registros históricos, com finalidade de levantar as transformações que esse espaço atravessou nas últimas décadas; *Oral*, através da transcrição de relatos dos antigos frequentadores da praça, buscando com isso compreender de que forma se concebiam as formas de utilização do respectivo espaço, e *Visual*, onde se utilizou registros fotográficos e relatos de fotógrafos atuantes na praça, com a finalidade de apresentar um estudo sobre a relação entre a praça e a fotografia.

Pensamos primeiro historicamente: até meados dos anos 1960, os logradouros públicos de Manaus, especialmente as praças, eram utilizados por todos os membros da sociedade, visto que eram locais voltados para a sociabilidade sem hierarquias sociais. A década de 1970 representou um grande marco na história do capitalismo em Manaus, representado pela implantação do modelo Zona Franca. O industrialismo provocou não apenas o crescimento urbano desordenado da capital amazonense, como também marca uma

fase de transição no modo como os habitantes de Manaus se relacionam com os espaços públicos da área central.

De cidade provinciana, Manaus passa a ser uma cidade interligada à industrialização e, com isso, há um dimensionamento entre a relação da sociedade com os lugares públicos. Uma das formas de se perceber tais mudanças é por meio dos registros iconográficos. Os cartões-postais da Praça da Matriz mostraram-se como uma fonte de representações sociais, o que nos faz interpretar tais registros como um elemento que vai além do caráter comunicativo ou expositivo. As representações visuais neles perpetuadas expõem uma Manaus que vivencia a coexistência entre o antigo e o moderno, o que torna os cartões-postais e as fotografias da praça em importantes documentos virtuais que retratam as constantes mudanças pelas quais a capital atravessou nas últimas décadas.

As entrevistas com frequentadores antigos do Centro de Manaus evidenciam que as mudanças urbanas promovidas nesse espaço nas últimas décadas do século 20 não proporcionaram ao homem condições para exercer práticas de sociabilidade nos espaços públicos da área central: as narrativas nos fizeram concluir que os espaços públicos passaram a representar o lócus do estranhamento, o que implica em uma mudança radical nos rumos da vida na cidade. Conforme a cidade se expandia, os espaços públicos foram sendo destruídos. Os que ainda permaneceram de pé sofreram e ainda sofrem com o processo de descaracterização de suas dependências.

A violência urbana passou a ser uma realidade constante e contribuiu para o afastamento da população desses espaços. Os anos 1990 vieram e, com ele, Manaus viu surgir os primeiros *shoppings centers*, espaços de comércio e lazer fechados e marcados pela segurança e conforto. Esses empreendimentos são uma representação clara da segregação social e da busca do homem moderno por uma vida mais intimista. Conforme a cidade se expandia, os logradouros públicos da área central de Manaus passaram a ser abandonados. Logo, o processo de modernização, entendido aqui como o desenvolvimento do capital industrial, acarretou no afastamento do homem dos espaços públicos.

As mudanças ocorridas em espaços públicos das grandes cidades, como um todo, fazem com que novas formas de sociabilidade sejam criadas e recriadas constantemente e isso interfere diretamente na sociedade, refletindo nas relações humanas nesses logradouros públicos. Em muitos casos, essas mudanças são conduzidas para um caminho que transforma o homem e os bens culturais em mercadoria. Com o passar dos anos, a Praça da Matriz se tornou um espaço público morto: sua função social, de promover a integração de pessoas e diversificar atividades, foi se perdendo gradativamente ante as ações destrutivas do tempo e

da modernidade, fato evidenciado nas falas dos entrevistados. A transição da praça enquanto espaço de sociabilidade para o local do não reconhecimento entre os habitantes de Manaus é uma assertiva presente em todos os depoimentos. A praça se tornou um local de passagem, não de uso.

Contudo, isso não significa que a Praça da Matriz tenha deixado de ser pano de fundo para determinadas práticas sociais. As narrativas dos fotógrafos ambulantes Fernando Pantoja, Erisen Silva e Cláudio Araújo nos permitiram conhecer os usos sociais da fotografia produzida em espaços públicos e revelaram aspectos característicos sobre tal gênero fotográfico e dessa prática profissional. Os fotógrafos da Praça da Matriz são testemunhas oculares das mudanças e permanências que afetaram a vida cotidiana em Manaus nas últimas décadas. Seus depoimentos elucidam como a trajetória profissional da categoria foi afetada pelas novas formas de uso e apropriação da praça por diferentes grupos e agentes sociais.

Paradoxalmente, se a Praça da Matriz pode ser interpretada como um fator explicativo à série de dificuldades enfrentadas pelos fotógrafos nos últimos anos é esse mesmo logradouro público que, de forma contraditória, surge como a referência que assegura a resistência desses profissionais no século 21. Entende-se que os fotógrafos da Praça da Matriz são membros de uma categoria que luta diariamente para manter viva uma profissão em meio ao moderno cenário urbano de Manaus, transformando-se, desse modo, em uma tradição que resiste às forças evolutivas e destrutivas oriundas da modernidade.

Presentemente, a Praça da Matriz vive uma nova fase de sua história, com as obras de revitalização de seu espaço. Todavia, a importância desse momento não se restringe apenas às ações de melhoria em sua estrutura física. Sabemos que o homem tem o poder de criar, recriar, reinventar e reelaborar as suas relações com as cidades, assim como com os espaços públicos que a compõem. A tentativa de reinserção do espaço público Praça da Matriz para o convívio social da população manauara é um claro exemplo. Essa ação representa a luta pelo direito ao espaço, aos bens materiais e simbólicos pertencentes a ele. Trata-se de uma iniciativa que busca recriar novas relações nesse espaço público, mesmo perante as grandes transformações sociourbanas promovidas pelo fenômeno da modernização das grandes cidades. Dessa maneira, reinserir a Praça da Matriz é uma forma da população reestabelecer os laços afetivos e de pertencimento a esse espaço através da prática da sociabilidade.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J.V.S. **Manaus: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60**. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.
- ALBERTI, V. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_ (2015). *Aldrim Almeida*. Depoimento [27. Set. 2015]. Entrevistadora: Adrielly Vaz dos Santos. Manaus: Antiquário Império.
- ANDRADE, M. **Manaus: ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1984.
- ARAÚJO, A.V. **Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação**. Manaus: Fundação Cultural do Amazonas, 1974.
- \_\_\_\_\_ (2015). *Cláudio Araújo*. Depoimento [13. Mar. 2015]. Entrevistadora: Adrielly Vaz dos Santos. Manaus: Praça da Matriz.
- AVÉ-LALLEMANT, R. **No Rio Amazonas**. São Paulo: Itatiaia, 1980.
- BATISTA, D. **O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento**. 2. ed. Manaus: Valer, Edua e Inpa, 2007.
- BENJAMIN, W. Paris, capital do século XIX. **Sociologia**. São Paulo: Ática. 1991.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985 a. pp. 165-196.
- BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985 b. pp. 91-107.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal.
- CALDEIRA, J.M. **Praça: território de sociabilidade**. Uma leitura sobre o processo de restauração da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

CALDEIRA, T.P.R. **A cidade e os muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: 34 ed. Edusp: 2000.

CARLOS, A.F. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTRO, M. **Síntese histórica e sentimental da evolução de Manaus**. Manaus, 1948.

\_\_\_\_\_ (2015). *Marcos Correia Lima*. Depoimento [23. Abr. 2015]. Entrevistadora: Adrielly Vaz dos Santos. Manaus.

COSTA, D. **Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores de Manaus (1890-1915)**. Editora Valer e Fapeam, 2014.

COSTA, S.V. **Eldorado das ilusões: cinema e sociedade – Manaus: 1897-1935**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

DALTOZO, J.C. **Cartão-Postal, arte e magia**. São Paulo: Editora Cipola, 2006.

DAOU, A.M. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DIAS, E. M. **A ilusão do fausto: Manaus 1890 -1920**. Manaus: Valer, 2007.

FREITAS PINTO, E. R. Zona Franca de Manaus e o desenvolvimento regional. **São Paulo em perspectiva**. vol. 1. 1992, pp. 127-133.

FREYRE, G. Informação, comunicação e cartão-postal. In: FREYRE, G. **Alhos e bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios – de Joyce à cachaça, de José Lins do Rego ao cartão-postal**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978. pp. 146-161.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GORBERG, S; CASTRO, R. A propaganda brasileira através do cartão postal. **Revista da ESPM**. set/out, 2002. pp. 61-69.

GUSMÃO, D.M.A. A fotografia no Amazonas de 1865 a 1903: a importância da fotografia na produção do imaginário dos autores sociais. **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo. vol. 19. n. 2. jul/dez. 1996, pp. 117-126.

HAWBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

KOSSOY, B. **Fotografia & história**. 2<sup>o</sup> ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, B. O fotógrafo ambulante - a história da fotografia nas praças de São Paulo. 1974. [Suplemento Literário. **Jornal O Estado de São Paulo**]

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução: Rubens Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LOBO, N.J.F. **A tônica da descontinuidade**: cinema e política em Manaus na década de 60. Manaus: Edua, 1994.

MARX, M. **Cidade brasileira**. São Paulo: Melhoramentos: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

MELLO, T. **Manaus, amor e memória**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.

MENEGHINI, M.E.F. **A Amazônia de Stradelli**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2008. 41 p. (Relatório Técnico, PIB – H – 0019).

\_\_\_\_\_ (2015). *Otoni Moreira de Mesquita*. Depoimento [29. Abr. 2015]. Entrevistadora: Adrielly Vaz dos Santos. Manaus: Universidade Federal do Amazonas.

MESQUITA, O.M. **La belle vitrine**: Manaus entre dois tempos (1890-1900). Manaus. 2009.

MESQUITA, O.M. **Manaus**: história e arquitetura – 1852-1910. 3 ed. Manaus: Editora Valer, 2006.

MUNFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. Tradução: Neil R. da Silva. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_ (2015). *Maria Evany do Nascimento*. Depoimento [15. Mai. 2015]. Entrevistadora: Adrielly Vaz dos Santos. Manaus: FUCAPI.

NATENZON, C.E. As praças de Buenos Aires: apontamento para uma investigação. In: MESQUITA, Z; BRANDÃO, C.R. (Orgs.). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1995. pp. 130-144.

OLIVEIRA, J.A. **Manaus de 1920-1967**: a cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer, 2003.

\_\_\_\_\_ (2015). *Elizabeth de Pádua*. Depoimento [09. Mai. 2015]. Entrevistadora: Adrielly Vaz dos Santos. Manaus.

\_\_\_\_\_ (2014). *Antônio Fernando Pantoja*. Depoimento [20. Dez. 2014]. Entrevistadora: Adrielly Vaz dos Santos. Manaus: Praça da Matriz.

\_\_\_\_\_ (2015). *Antônio Fernando Pantoja*. Depoimento [15. Set. 2015]. Entrevistadora: Adrielly Vaz dos Santos. Manaus: Praça da Matriz.

\_\_\_\_\_ (2015). *Nonato Pereira*. Depoimento [13. Mar. 2015]. Entrevistadora: Adrielly Vaz dos Santos. Manaus: Teatro Amazonas.

PEREIRA, R.C.C. **Paisagens urbanas**: fotografia e modernidade na cidade de Belém (1846-1908). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará. 2006.

PERES, J.C. **Evocação de Manaus**: como eu a vi, como sonhei. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.

PINHEIRO, M.L.U. **A cidade sobre os ombros**: trabalho e conflito no porto de Manaus. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2003.

REIS, A.C.F. **História do Amazonas**. Belo Horizonte/Manaus: Itatiaia/Superintendência Cultural do Amazonas. 1989.

SALAZAR, J.P. **O abrigo dos deserdados**: estudo sobre a remoção dos moradores da cidade de Manaus e os reflexos da Zona Franca na habitação da população de baixa renda em Manaus. 1985. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, 1985.

SCHAPOCHNIK, N. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, N. (org.). **História da vida privada no Brasil**. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 423-512.

SCHOEPF, D. **George Huebner 1862-1935**: um fotógrafo em Manaus. 2. ed. São Paulo: Metalivros, 2005.

SEGAWA, H. **Ao amor do público**: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 1996.

SILVA, A.E. República livre do Pina. **O Jornal** – Suplemento de variedades, 20 de setembro de 1964, p. 13.

\_\_\_\_\_ (2015). *Erisen Silva*. Depoimento [17. Abr. 2015]. Entrevistadora: Adrielly Vaz dos Santos. Manaus: Praça da Matriz.

SOUZA, M. **A caligrafia de Deus**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SOUZA, M. **A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. 3. ed. Manaus: Valer. 2010.

STRADELLI, E. **Lendas e notas de viagem: A Amazônia de Ermanno Stradelli**. São Paulo: Martins, 2009.

VALENTIN, A. O índio na fotografia de George Huebner. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro. 2007. pp. 65-78.

VASQUEZ, P. **Mestres da fotografia no Brasil: coleção Gilberto Ferrez**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1985.

WEBER, M. Conceito e categorias da cidade. In: VELHO, O.G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. pp.